

ESCOLA DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA
MESTRADO EM TEOLOGIA

RODRIGO WEGNER DA COSTA

**O SENSO DE PERTENÇA HOJE NA IGREJA A PARTIR DA
PRIMEIRA CARTA AOS CORÍNTIOS**

Porto Alegre
2019

PÓS-GRADUAÇÃO - *STRICTO SENSU*



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

RODRIGO WEGNER DA COSTA

**O SENSO DE PERTENÇA HOJE NA IGREJA A PARTIR DA PRIMEIRA
CARTA AOS CORINTIOS.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Orientador: Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo

Porto Alegre – RS

2019

RODRIGO WEGNER DA COSTA

**O SENSO DE PERTENÇA HOJE NA IGREJA A PARTIR DA PRIMEIRA
CARTA AOS CORINTIOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Escola de Humanidades da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia, Área de Concentração em Teologia Sistemática.

Aprovada em.....de 2019, pela Banca Examinadora

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Isidoro Mazzarolo
(Orientador)

Prof. Dr. Pe. Rafael Fernandes Martins

Prof. Dr. Bruno Godofredo Glaab

Porto Alegre

2019

Agradecimentos

À Arquidiocese de Porto Alegre pela oportunidade de renovação teológica tão necessária aos padres nos dias atuais, nesta mudança de época, como uma proposta de formação permanente. Na pessoa de Dom Leomar Brustolin, Bispo auxiliar desta Arquidiocese e coordenador do curso de teologia da PUCRS, muito obrigado pelo incentivo e apoio.

Ao Prof. Dr. Frei Isidoro Mazzarolo pela paciência na condução desta orientação, sempre com serenidade e sabedoria.

Às Paróquias Santuário Nossa Senhora Aparecida e São Geraldo, ambas de Porto Alegre, por terem entendido as ausências do pároco durante este período de estudos.

Aos professores da pós-graduação e aos colegas de curso pelo aprendizado no fazer teológico.

RESUMO

A presente dissertação de mestrado “O senso de pertença hoje à Igreja a partir da Primeira Carta aos Coríntios” pretende abordar o conflito surgido naquela comunidade e como este conflito se manifesta hoje em nossa Igreja. Usaremos a metodologia de pesquisa bibliográfica. O problema levantado pelo trabalho sobre os partidos, culto a personalidade e existência de divisões na comunidade de Corinto tem como objetivo compreender a situação surgida e como o Apóstolo Paulo aborda esta crise para resolver. Partindo deste direcionamento, irá se verificar as possíveis divisões hoje, abordadas pelo Papa Francisco, especialmente o negnosticismo e neopelagianismo e como intensificar hoje este senso de pertença na comunidade. Como resultado, vamos analisar o que os Bispos do Brasil propõe e também os meios de intensificar a pertença hoje à Igreja, como comunidade de cura, do perdão, da misericórdia, da Eucaristia, do discipulado, da missão e a pertença ao Crucificado e Ressuscitado.

Palavras-chave: Paulo. Corinto. Comunidade. Divisões. Senso. Cruz.

ABSTRACT

The present Master's thesis: The sense of belonging to the Church today, from the First Letter of Corinth, intends to address the conflict that arose in that community and how this conflict manifests itself today in our church. We will use the bibliographic research methodology. The problem raised by work on parties, personality worship, and the existence of divisions in the Corinthian community aims to understand the situation that arose and how the Apostle Paul addresses this crisis to solve. Starting from this direction, let us look at the possible divisions today addressed by Pope Francis, especially negnosticism and neo-Pelagianism, and how to intensify this sense of belonging in the community today. As a result, let us analyze what the Bishops of Brazil propose and also the means of intensifying our membership of the church membership as a community of healing, forgiveness, mercy, the Eucharist, discipleship, and mission. And finally, this conversion of the community belongs to the Crucified and Risen.

Keywords: Paul. Corinth. Community. Divisions. Sense. Cross.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CELAM	Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano
CIC	Catecismo da Igreja Católica
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAp	Documento de Aparecida: Conclusões da V Conferência do CELAM
DGAE	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora do Brasil
DOC 100	Documento Comunidade de comunidades da CNBB
DP	Documento de Puebla: Conclusão da IV Conferência do CELAM
EG	Exortação Apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> sobre o Anúncio do Evangelho no Mundo Atual.
GE	Exortação Apostólica <i>Gaudete et Exsultate</i> sobre o chamado à santidade no mundo atual
LG	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i> sobre a Igreja

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1 A COMUNIDADE CRISTÃ DE CORINTO.....	12
1.1 SITUAÇÃO SOCIAL DE CORÍNTO	12
1.2 RELIGIOSIDADE DE CORINTO.....	24
1.3 ESCOLAS E FILOSOFIAS HELÊNICAS	30
1.3.1 Epicuristas	35
1.3.2 Estóicos.....	36
1.3.3 Platônicos	39
1.3.4 Fílon de Alexandria	42
1.3.5 Cínicos.....	44
1.4 A FUNDAÇÃO DA COMUNIDADE PAULINA EM CORINTO.....	45
1.5 AS CARTAS AOS CORINTOS	48
2 A CRISE DE PERTENÇA NA COMUNIDADE DE CORINTO.....	52
2.1 AS DIVISÕES NA COMUNIDADE: ANÁLISE DO TEXTO 1COR 1, 10-16 .	52
2.2 PERTENÇA A PAULO	54
2.3 PERTENÇA A APOLO	57
2.4 PERTENÇA A CEFAS	64
2.5 PERTENÇA A CRISTO	66
2.6 SUPERAR AS DIVISÕES PELA CRUZ DE CRISTO.....	68
3 O SENSO DE PERTENÇA HOJE À IGREJA	72
3.1 PERTENÇA À IGREJA PELA VIA DA UNIDADE.....	72
3.1.1 A unidade da Igreja	73
3.1.2 Formas de unidade.....	78
3.1.3 Subsistit in	81

3.2 O SENSO DE PERTENÇA ECLESIAL NA PERSPECTIVA DO DOCUMENTO COMUNIDADE DE COMUNIDADES	83
3.3 TENDÊNCIAS A SEREM SUPERADAS PARA UMA PERTENÇA ECLESIAL	94
3.3.1 Neognosticismo	95
3.3.2 Neopelagianismo	97
4 MEIOS DE INTENSIFICAR HOJE A PERTENÇA À IGREJA	103
4.1 A COMUNIDADE: LUGAR DE PERTENÇA	103
4.2 A COMUNIDADE: LUGAR DA CURA	105
4.3 A COMUNIDADE: LUGAR DO PERDÃO E DA MISERICÓRDIA	107
4.4 A COMUNIDADE: LUGAR DA EUCARISTIA.....	109
4.5 A COMUNIDADE: LUGAR DO DISCIPULADO E DA MISSÃO	112
4.6 A CONVERSÃO PASTORAL DA COMUNIDADE: PERTENÇA AO CRUCIFICADO E RESSUSCITADO	119
CONCLUSÃO.....	123
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	127

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como seu objetivo principal, refletir sobre o senso de pertença hoje a Igreja a partir da Primeira Carta de São Paulo aos Coríntios. Pretende-se mostrar como a crise surgida no seio da comunidade de Corinto, pode refletir hoje, e como Paulo aborda, levando a reflexão para uma centralidade no Crucificado e como hoje na Igreja, pode-se superar as crises e conflitos, abordando as contribuições dos últimos escritos da CNBB e do Papa Francisco, sobre os desafios do senso de pertença a Igreja.

Desenvolveu-se um trabalho de pesquisa bibliográfica e comparativa, levando em conta a Carta pastoral que São Paulo Apóstolo escreve àquela comunidade de Corinto. Diante desta realidade antiga e sempre atual, o presente trabalho visa abordar especialmente a perícopes bíblica de 1Cor 1, 10-16, e analisar hoje com os estudos e as reflexões dos Documentos da CNBB, especialmente o Documento Comunidade de Comunidades e as Exortações Apostólicas do Papa Francisco, *Evangelii Gaudium* e *Gaudete et Exultate* que ajudaram em relação a identidade do que é ser Igreja hoje.

Estudar-se-á os conflitos na comunidade cristã de Corinto, a existência de divisões internas, grupos que se ligavam a grandes personalidades como Paulo, Apolo, Pedro (também chamado Cefas) e aqueles que se diziam de Cristo, os espirituais e como hoje é possível superar estas divisões, partido do que Paulo propõe como unidade salvadora no Cristo Crucificado e Resuscitado.

Em busca de algumas semelhanças e coincidências decorrentes desse acontecimento, as reflexões aqui desenvolvidas buscam a apreensão dos fundamentos da comunidade hoje, partindo do que Paulo propõe aos Corintos, como hoje na Igreja se verifica essas crises e quais os meios para intensificar a pertença Eclesial.

A Igreja de Corinto no século I é caracterizada nas epístolas paulinas como uma comunidade turbulenta. Paulo de Tarso atribui a determinado(s) grupo(s) dessa comunidade os problemas que dizem respeito a conduta, práticas de culto e disputas por autoridade. Na condição de fundador da comunidade em Corinto e, sobretudo, na de apóstolo de Cristo, Paulo tenta intervir nesses conflitos por meio de epístolas, uma

vez que fundava as comunidades, mas não permanecia nelas por muito tempo ante a necessidade de seguir com suas viagens missionárias.

Dessa forma, a intenção é contribuir para a ampliação do debate sobre a motivação dos conflitos coríntios, privilegiando uma perspectiva de análise histórica centrada nas relações de poder entre os grupos religiosos de tendência judaico-cristã que apresentavam um grau de institucionalização incipiente, o que tornou o clima propício à eclosão de disputas por poder e autoridade, como vemos no caso de Paulo que, ao intervir na comunidade de Corinto valendo-se da função social de Apóstolo de Cristo, teve sua autoridade contestada por alguns membros da comunidade.

No entanto, esses problemas desdobraram-se numa disputa política, ou seja, na disputa pela autoridade ou pela liderança dessa comunidade. As epístolas coríntias revelam que a maioria dos conflitos estava relacionada à busca por poder e às disputas por autoridade.¹

Um dos primeiros conflitos relatados na primeira epístola diz respeito à liderança. A princípio, a comunidade estava dividida internamente em facções: “Eu sou de Paulo, eu sou de Apolo, eu sou de Cefas, eu sou de Cristo”, segundo a queixa “[...] dos da casa de Cloé” (1Cor 1, 11ss). Além disso, um dos carismas praticados na comunidade – o falar em línguas, ou glossolalia – transformou-se numa nova forma de obtenção de poder e prestígio dentro do grupo, acarretando mais um desconforto para a autoridade paulina.

O potencial para a dissensão na comunidade é evidente. Muitos membros só tinham em comum o cristianismo. Diferiam bastante em instrução, recursos financeiros, formação religiosa, habilidades políticas e, acima de tudo em suas expectativas. Alguns foram atraídos à Igreja porque ela parecia oferecer-lhes um novo campo de oportunidades, em que era possível utilizar plenamente os talentos frustrados pela sociedade. Eram pessoas ativas e ambiciosas e não havia concordância entre seus motivos inconfessos. Desde o começo, certo espírito competitivo fazia parte das características daquela Igreja.²

¹ Cf. MEEKS, W A. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*, p. 180.

² MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 279.

Para um bom desenvolvimento desta pesquisa, julgou-se por bem organizá-la em quatro capítulos, onde o primeiro capítulo aborda a própria comunidade de Corinto, sua cultura, sua situação social e filosófica e como foi a Primeira Carta que Paulo escreve a ela.

No segundo capítulo, sublinha-se a análise do texto de 1Cor 1, 10-16, sobre as divisões surgidas no seu meio, das discussões em torno dos grupinhos, onde Paulo denuncia estas divisões em que os corintos vão atrás destes conhecimentos, em detrimento da cruz de Cristo. Para o Apóstolo Paulo, Deus tem seu poder na fraqueza, onde se revela, causando escândalos e loucuras aos homens, que priorizam a sabedoria humana. Na cruz toda a projeção humana de Deus fracassa, a cruz é juízo sobre as invencionices e obras do ser humano, ela põe de pernas para o ar as teses humanas. A insensatez se transforma em sensatez. Por isso, para Paulo, seguir o caminho da cruz significa desistir da glorificação do ser humano e mergulhar na loucura e insensatez da cruz.

A Primeira Carta aos Coríntios é uma epístola sobre a Igreja, Paulo escreve à Igreja que está em Corinto. “Paulo afirma, desde o início, que os cristãos dessa cidade são ‘igreja de Deus’.”³ Mas será que todas essas divisões, contendas e diferentes tendências teológicas pertencem ao passado?

Por isso, no terceiro capítulo, será abordada a pertença à comunidade hoje, passando pela via da Unidade, umas das Quatro Notas essenciais da Igreja, será visto que a Igreja não é um grupo de pessoas que se reúnem socialmente, mas é expressão de fé, marcada pela presença de Jesus Cristo. Mostraremos o que mantém esta pertença, partindo do que os Documentos da CNBB propõem, e o que o Papa Francisco em suas Exortações Apostólicas apresentam com questões de divisões a serem superadas nas comunidades atuais, para uma pertença eclesial.

E por fim, no Quarto e último Capítulo, fala-se dos meios de intensificar hoje essa pertença a Igreja, como em nossas comunidades podemos ser um lugar de aprofundamento naquilo que o Apóstolo Paulo pedia para os membros da comunidade de Corinto, crescer na comunhão mútua, no perdão, na misericórdia, onde a comunidade seja a casa da Eucaristia e do discipulado.

³ BORTOLINI, J. *Como ler a Primeira Carta aos Coríntios: Superar os conflitos em comunidade*, p. 15.

1 A COMUNIDADE CRISTÃ DE CORINTO

1.1 SITUAÇÃO SOCIAL DE CORÍNTO

Corinto era uma importante cidade da Grécia, uma cidade portuária, rica e famosa, cujo porto marítimo era dos mais importantes e frequentados nas viagens entre Roma e o Oriente. Ficava a sessenta quilômetros de Atenas e, depois de ter sido reconstruída por Júlio César, convertera-se na capital de toda a Acaia e no tempo de Paulo era a residência do procônsul. Segundo Mazzarolo, “no ano 27 a. C. Corinto é a capital da Província Senatorial da Acaia, com um proconsul no governo de Roma”.⁴ Nessa cidade, uma minoria aristocrática dominava a massa de escravos.

Sua localização era muito boa:

A posição favorável de Corinto às margens de uma fértil planície, que se estende a ocidente ao longo da costa, na encruzilhada de importantes vias comerciais, está na base da sua riqueza conhecida e celebrada em todos os tempos, desde Homero até Estrabão, que a chamam de a ‘rica’, *aphneíós*.⁵

A língua falada oficial era o latim, no entanto predominava o substrato social primitivo, que era o grego.⁶ Os coríntos tinham orgulho de sua cidade e de sua cultura. Eles sentiam um grande contentamento por serem cidadãos de corintos, pois Corinto era uma cidade muito antiga e de muitas glórias. Tudo indica que ela teve início no segundo milênio a. C., exercendo grande influência na região central da Grécia por um longo período. O nome dessa cidade é citado por Homero em uma de suas obras mais conhecidas.

A cidade de Corinto à qual Paulo chegou no outono de 50 d. C. como mensageiro de Jesus, não era mais a antiga Corinto da era clássica. Essa Corinto antiga fora completamente destruída no ano de 146 a. C. quando a Grécia foi conquistada

⁴ MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*. p. 165.

⁵ FABRIS, R. *Paulo: apóstolo dos gentios*. p. 353.

⁶ Cf. MAZZAROLO, I. *Segunda carta de Paulo aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p.15.

pelos romanos e jazera em ruínas durante um século. Somente Júlio Cesar ordenou a reconstrução no ano 44 d. C.⁷

Durante a Guerra do Peloponeso (431-404 a. C), entre Atenas e Esparta, Corinto aliou-se a Atenas. Essa guerra enfraqueceu Atenas e Corinto de tal forma que Felipe II da Macedônia subjugou Corinto no ano 338 a. C. Seu filho, Alexandre o Grande, usou Corinto como um centro comercial e atração turística. Depois da morte de Alexandre (323 a. C.), Corinto assumiu a liderança das cidades-estados gregas no Peloponeso e no sul da Grécia.

O máximo esplendor da antiga Corinto grega se dá com o governo dos Baquíadas, no século VIII ao VI a. C., ao qual sucede o da família de Cipselo. Nos séculos posteriores, ela se envolve nas disputas entre Atenas, Tebas e Esparta para a hegemonia política e o controle do comércio nos territórios da Ática e do Peloponeso, chegando o conflito até a colônia coríntia de Siracusa. Após a conquista de Filipe II, o macedônio, em 335, a. C., Corinto se torna capital da liga coríntia. Com a chegada dos romanos, Corinto é declarada cidade livre, e em 196 se torna a cidade piloto da liga aqueia. Como tal, sofre as consequências da intervenção repressiva até sua completa destruição em 146 a.C.⁸

Havia muitas pessoas ricas e cultas, comerciantes, bancários, artesãos, filósofos, músicos e funcionários públicos do alto escalão, mas a população em sua maioria não gozava dessa ostentação. O poder estava nas mãos de poucos. Existiam muitas pessoas pobres que trabalhavam na agricultura, nas cidades provincianas, sem contar o trabalho escravo que movimentava boa parte da mão de obra da cidade de Corinto.

Quando os romanos conquistaram a Grécia, por volta do segundo século a. C., eles deram a Corinto o direito de liderar as cidades que pertenciam à região da Acaia. Mas, esse privilégio não perdurou por muito tempo, pois meio século mais tarde Corinto viria a se rebelar, fazendo com que, sob a fúria de Lúcio Múmio Acaico,⁹ a cidade fosse praticamente varrida do mapa. A cidade de Corinto permaneceu em escombros por cem anos até ser reconstruída novamente.

⁷ BOOR, W. *Cartas aos Coríntios: Comentário esperança*, p. 19.

⁸ FABRIS, R. *Paulo: apóstolo dos gentios*, p. 352

⁹ Cf. MEEKS, W. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*, p. 80

A cidade de Corinto fora destruída e totalmente arrasada pelos romanos, ficando coberta pelas cinzas do opróbrio e abandonada por cem anos. Somente por volta do ano 46 a. C. é que César Augusto a reconstruiu. A partir desse momento, a cidade de Corinto emergiu para uma nova prosperidade, adquirindo um caráter cada vez mais cosmopolita.

Corinto aparece na *Ilíada* de Homero e, portanto, data do segundo milênio antes de Cristo. Exerceu influência sobre toda a península, o istmo e parte da Grécia central. No século 7 a. C., Corinto alcançou o seu apogeu devido à sua atração para o comércio. Mas, durante os dois séculos seguintes, Corinto teve de enfrentar o poder da rival Atenas. Nesta luta: “O general romano, que sucedeu ao cônsul Metelo na guerra contra a liga aquéia liderada por Corinto, depois da vitória sobre Déio, ocupou a cidade, a saqueou e a destruiu, enviando seus tesouros para Roma.”¹⁰ Mazzaralo, comenta que um romano, chamado Mummis, em 146 a. C. saqueou e arrasou a vila. Outro romano, César, a reconstruiu. Em 44 a. C. César funda a Colônia Romana: *Laus Julia Corinthus*.¹¹

Esta reconstrução começou imediatamente. No tempo de Nero, o centro público da cidade era um dos maiores e melhores da Grécia.¹² Corinto era cidade portuária, os portos eram em Lequeu e Cencrécia. Sobre estes portos, Carres comenta: “Com seus dois portos, o de Lequeu, em relação com a Itália e o Ocidente, e o de Cencrécia, em relação com Atenas, Éfeso, Antioquia e o Oriente, Corinto era encruzilhada estratégica e comercial.”¹³

Nestes portos se negociavam o transporte e a venda de mercadorias de ambos os mares, pagavam-se os impostos, as tarifas e aí aconteciam importantes contatos comerciais. No século primeiro, o tráfico comercial, político e militar pelo Istmo de Corinto entre a Itália e Oriente cresceu e, com isso, Corinto recuperou e aumentou sua importância regional e internacional. Istmo era uma ponte de terra entre as partes da península grega e constituía uma barreira à navegação entre o Mar Egeu e o Mar Adriático. “Se o Istmo era uma ponte de terra que permitia ao comércio fluir com facilidade entre o Peloponeso e o continente grego, era uma barreira para a

¹⁰ FABRIS, R. *Paulo: apóstolo dos gentios*, p. 352.

¹¹ Cf. MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*, p. 165.

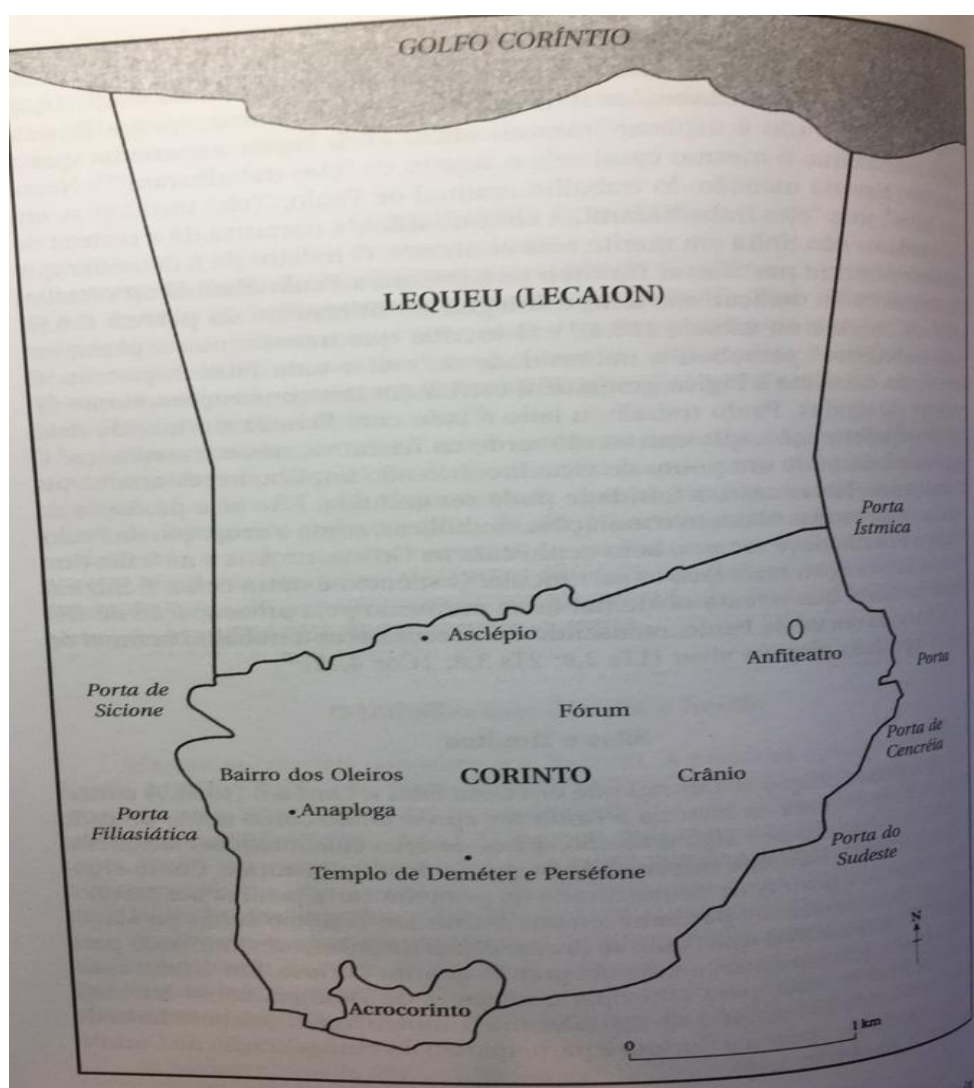
¹² Cf. MAYNE A. MEEKS. *Os primeiros cristãos urbanos*, p.80.

¹³ CARRES, M. et al. *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*, p.80.

navegação do leste para o oeste e os marinheiros precisavam de uma alternativa para a longa rota a redor do Peloponeso”.¹⁴

Por sua localização estratégica, entende-se, porque em Corinto floria a atividade comercial e porque era considerada um dos centros comerciais mais importantes do mundo antigo. “Corinto era considerada uma cidade rica, na qual floresciam o comércio, negócios financeiros e a produção artesanal, e onde havia muitos cultos helenistas-orientais.”¹⁵

Figura 1. Corinto: As muralhas



¹⁴ MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 264.

¹⁵ SCHNELLE, U. *Paulo: vida e pensamento*, p. 236

Fonte: David Gilman Romano, *The Corinthia in the Roman period*, Sup. 8 do JRA, ed. T. E. Gregory, Ann Arbor, 1993.¹⁶

Além do seu vasto comércio, a atividade industrial estava fortemente presente em Corinto, a exemplo da produção da cerâmica e do bronze, além do artesanato em geral. Por isso, não é de se estranhar que um dos três centros bancários da Grécia estava situado em Corinto. A cidade atraía gente de todas as raças e religiões.

Era uma cidade grega que não tinha muitos gregos em comparação com outras cidades da Grécia, por outro lado, como colônia romana, não parecia romana. A população era formada na sua maioria por pessoas de outras regiões distantes ou próximas de Corinto. Havia ali gregos, latinos, sírios, asiáticos, egípcios e judeus, compravam e vendiam, trabalhavam e folgavam, brigavam e se divertiam juntos na cidade e nos portos, como em nenhuma outra parte da Grécia. Havia uma miscigenação de pessoas vivendo em um mesmo ambiente.

Corinto possuía um senado e este, dois membros, chamados Duoviri, os quais eram votados pelos cidadãos, atualmente, para formar o conselho com o representante de Roma. O sistema de governo era uma miniatura do poder romano. A comunidade judaica era muito representada: primeiro, pelas sinagogas antigas e, depois, pela grande quantidade de escravos enviados por Vespasiano, na tentativa de aprofundar e alargar o canal entre os mares Adriático (oeste) e Jônico (leste).¹⁷

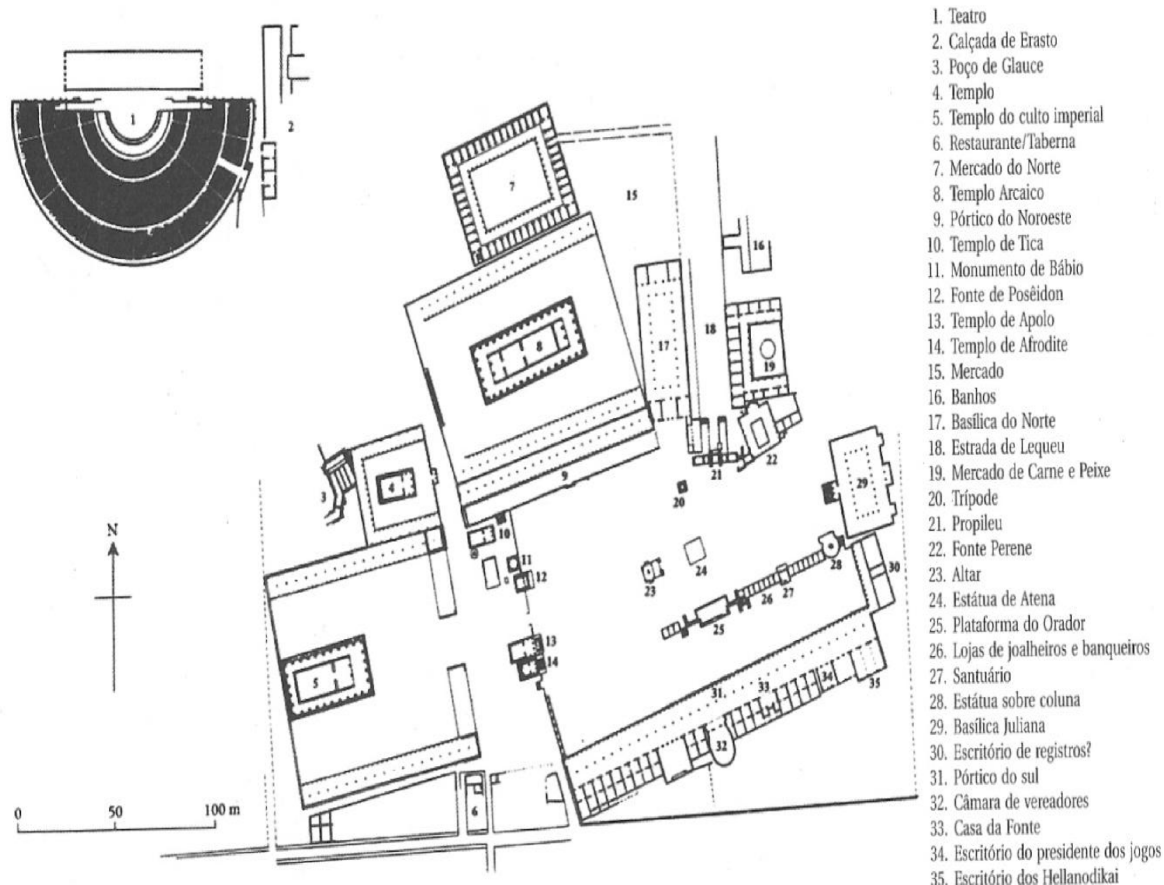
Muitos ex-soldados como também escravos libertos vindos de Roma, encontraram em Corinto um ótimo lugar para reconstruir sua vida. Era uma cidade mais latina do que grega. Homens e mulheres, que moravam ao redor do Mediterrâneo, viam em Corinto um lugar de refúgio e esperança para uma vida melhor. Todas estas pessoas trabalhavam em Corinto ou em algumas das suas cidades portuárias, tornando Corinto um centro de comércio internacional. No ano de 46 a. C., quando foi restabelecida por Júlio César, Corinto foi habitada por veteranos do exército e homens. “Com a reconstrução da cidade surgiram rapidamente muralhas de

¹⁶ Cf. MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 268.

¹⁷ MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e comentário*, p. 16.

proteção, aquedutos, estradas pavimentadas, Ágora, casa senatorial, ginásio, templos, teatros, escolas e edifícios.”¹⁸

Figura 2: O centro de Corinto, c. 50 d.C.



Fonte: C. K. Williams II, *The Corinthia in the Roman period*, Sup. 8 do JRA, ed. T. E. Gregory, Ann Arbor, 1993.¹⁹

Logo após deixar a comunidade de tessalônica, Paulo dirige-se à terra de Beréia (At 17,10-13). A perseguição judaica iniciada em Filipos acompanha o apóstolo em todos os lugares, como persguidores sistemáticos de Paulo. Diante disso ele precisa partir imediatamente para a região da Acaia. Neste tempo Corinto era a capital da Acaia, então província romana.²⁰

¹⁸ MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e comentário*, p. 16.

¹⁹ Cf. MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 272.

²⁰ MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*, p. 165.

Corinto era uma cidade onde viviam pessoas de diversos grupos étnicos, cada qual com suas características. Isso fazia com que fosse uma cidade multicultural, que atraía pessoas de diferentes partes do mundo, especificamente de origem asiática. Além do mais, a cidade de Corinto estava localizada em um lugar estratégico, o que fazia com que sua população crescesse rapidamente. Era uma cidade portuária, o que facilitava tanto a importação de mão de obra como também a exportação de seus produtos para outros povos. Havia muitas fontes de rendas procedentes do seu comércio, que a tornavam uma cidade próspera e sem igual no Império Romano. As atividades comerciais que ali eram desenvolvidas traziam riqueza e ostentação a este lugar.

Não há dúvida de que Paulo acabou indo de Atenas para Corinto, mas só depois de Timóteo ter-se reunido a ele. A mudança é mencionada por Lucas (At 18,1) e confirmada por 2Cor 1,19, que põe os três coautores da Carta B (Paulo, Timóteo e Silvano) em Corinto durante a visita fundadora de Paulo.²¹

Corinto pertencia às metrópoles importantes na antiga Grécia. Destruída em 146 a. C., ela havia sido reerguida por Júlio César em 44 a. C., na condição de colônia romana. Em 27 a. C. torna-se capital da província da Acaia e, com isso, sede de um procônsul. Sua privilegiada situação geográfica no afamado istmo de Corinto, com acesso tanto ao mar Adriático quanto ao mar Egeu, era responsável pelo rápido progresso da cidade.

Os istmos são mais identificados como áreas estreitas, conhecido como línguas de terra:

²¹ MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 120

Língua de terra, entre duas extensões de água, que une uma península ao continente ou a uma ilha, ou une dois continentes. Os istmos do Panamá, do Suez e do Cáucaso unem continentes. A parte mais estreita do México, entre o Atlântico e o Pacífico, é chamada istmo de Tehuantepec. O primeiro istmo assim designado foi o Istmo de Corinto, entre a península do Peloponeso e o resto da Grécia. Na sua parte oriental encontra-se a cidade de Isthmia.²²

Sempre houve tentativas de construção do canal do Istmo, mas nunca com êxito. Conectar o porto de Atenas com o de Corinto sempre esteve nos planos dos governantes, onde a primeira tentativa entre os anos 627-585 a. C. por Periandro e retomando outras vezes por Demétrio Poliercete, rei da Macedônia (336-287 a. C.) e mais tarde pelos imperadores César Augusto, Calígula e Nero. Na época de Vespasiano foram convocados seis mil jovens para trabalhar na obra, mas apenas no ano de 1893, que o canal foi concluído.²³

Figura 3: Istmo de Corinto



Fonte: SANTOS, F. 2017²⁴

²² SANTOS, F. ISTMO. Disponível em: <<http://salvador-nautico.blogspot.com/2017/03/istmo.html>>. Acesso em: 10 abr. 2019. ADICIONEI ESSA CITAÇÃO DE ACORDO COM O AUTOR DO BLOG

²³ MAZZARLO, I. *Segunda carta aos Coríntios: Exegese e comentário*, p. 16.

²⁴ SANTOS, F. ISTMO. Disponível em: <<http://salvador-nautico.blogspot.com/2017/03/istmo.html>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

Tendo dois portos, distantes 6 quilômetros um do outro, que eram “Lecaion, no golfo de Corinto, e Cencreía, no golfo Saroniano. O istmo era bastante estreito em Esquemo, exatamente ao norte de ambos os portos, e, por isso, alguns navios ancoravam realmente ao longo das margens.”²⁵

Bortolini comenta que os dois portos faziam a ligação entre o centro do Império (Roma) e a Ásia. Os navios que vinham do Oeste paravam no porto de Laqueu.²⁶

Para Fabris, por estar em uma posição estratégica no istmo, Corinto controla a um só tempo as comunicações entre Grécia continental e o Peloponeso, e os tráfegos dos dois mares que a colocam em comunicação com a Ásia ao Oriente e com a Itália ao Ocidente.²⁷

²⁵MEEKS, W. *Os primeiros cristãos urbanos*, p.79.

²⁶ Cf. BORTOLINI, J. *Como ler a Primeira Carta aos Coríntios: Superar os conflitos em comunidade*, p. 13.

²⁷ Cf. FABRIS, R. *Paulo: apóstolo dos gentios*, p. 352.

Figura 4: Imagem do canal do Istmo.



Fonte: SANTOS, F. 2017²⁸

Na qualidade de cidade portuária, destacava-se como centro mercantil e ponto de encontro entre as nações do Oriente e do Ocidente. Para o transporte de um porto para outro, colocavam embarcações em cima de trilhos para que fossem puxadas por escravos. Estes escravos sofriam muito, pois além de puxar os barcos, tinham que descarregar as mercadorias nos portos. Ela é uma cidade chamada de opulenta por causa dos muitos comércios marítimos e dos intercâmbios de mercadorias entre as partes distantes umas das outras. Ali se concentrava também os impostos daqueles que exportavam e importavam mercadorias. Os jogos que ali se concentravam também atraíam multidões.

²⁸ SANTOS, F. *ISTMO*. Disponível em: <<http://salvador-nautico.blogspot.com/2017/03/istmo.html>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

“A fundação paulina da Igreja de Corinto, registrada em Atos 18, ocorreu nos anos 49-51 d. C., como parte da segunda viagem missionária de Paulo.”²⁹ Segundo Fabris: “A Corinto que Paulo visita no começo dos anos 50 d. C. é a cidade romana reconstituída por Júlio César quase um século antes, em 44 a. C., depois da destruição da velha cidade grega em 146 a. C. por Lúcio Múmio Acaico.”³⁰

Conforme Connor, Corinto era uma cidade liberal em grande progresso:

Toda a sua riqueza era dinheiro novo. Até os que, no tempo de Paulo, tinham herdado riquezas estavam próximos de suas origens o bastante para saber de onde elas vinham. Ao contrário da complacência de Atenas, Corinto questionava. Ainda era uma cidade dos que se fizeram por si mesmos e viviam para o futuro. Novas ideias tinham a garantia de serem ouvidas, não necessariamente por causa da curiosidade intelectual, mas porque o lucro podia ser encontrado nos lugares mais inesperados.³¹

De acordo com Connor, Paulo devia estar consciente da importância que o estabelecimento de uma Igreja em Corinto representava em favor do crescimento do cristianismo.

Corinto oferecia a Paulo expansão e comunicações esplêndidas com todos os pontos cardeais. Era uma das grandes encruzilhadas do mundo antigo [...] O tráfego dentro, fora e através da cidade era imenso. Ela ficava na ponte de terra que ligava a Grécia ao Peloponeso. Barcos iam e vinham entre a Ásia e a Europa. Paulo tinha a possibilidade de influenciar pessoas de uma grande variedade de regiões e os convertidos levavam o Evangelho para seus povos. Os viajantes que iam em todas as direções ofereciam alguma segurança para os mensageiros de Paulo.³²

Era onde as pessoas buscavam trabalho, conforto e prazer. Era uma metrópole grande, alguns dizem que nela moravam de 250 mil a 600 mil habitantes, a maioria da classe escrava, e estes naquela época não eram contados. “A vila se expande

²⁹ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 285.

³⁰ FABRIS, R. *Paulo: apóstolo dos gentios*, p. 352.

³¹ MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 121.

³² MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 122.

rapidamente e atinge uma população de cerca de 600 mil habitantes, destes 200 mil livres e 400 mil escravos”.³³ Aí imperava a imoralidade, a corrupção e a ganância. Viver em Corinto era um sonho de consumo para muitas pessoas. Corinto era um dos mais importantes centros comerciais e de diversões daquele tempo. Ali eram realizadas muitas festas e espetáculos, desde os jogos esportivos até concursos de poesia e música. Era o que tinha de mais desenvolvido culturalmente em seu tempo.

Sobretudo em vista da ausência de uma população autóctone tradicional, isso levou a uma vida luxuosa e desregrada que se tornou praticamente proverbial. “Corintizar”, ou seja, “viver como um coríntio”, significava levar uma vida de prazeres desenfreados. Ao lado da rica elite de Corinto, porém, havia grandes multidões de escravos e grupos populacionais humildes. Por essa razão eram grandes as diferenças sociais em Corinto.³⁴

A posição geográfica de Corinto lhe garantia prosperidade comercial, pois pelo seu Istmo fluíam várias rotas comerciais, sobretudo entre a Itália e o Oriente. No início de sua reconstrução, seus habitantes eram romanos. A nova cidade recebe o status de colônia romana e para ela retornam gregos em grande número. A cidade atraía homens de muitas raças orientais, entre eles os judeus. O modo de pensamento e os hábitos gregos tornaram-se dominantes a ponto de constituírem a matriz das questões levantadas pela Comunidade e a maneira de Paulo abordá-las ao escrever aos Coríntios.

Uma outra fonte de prosperidade era a indústria bancária que se desenvolveu na cidade. Um terceiro fator era a grande colônia de artesãos que se fixaram em Corinto. Por exemplo, o bronze de Corinto era apreciado por todo o Império e as lâmpadas de Corinto eram exportadas para todas as terras. Finalmente, nos dias de Paulo, Corinto também era a capital da Acaia, e a atividade do governo trouxe tanto a população como a riqueza para sua cidade. O retrato que se obtém é o de uma comunidade atarefada e apressada, ativa e próspera, habitada por homens e mulheres ambiciosos, ansiosos por prosperar e serem bem-sucedidos.

³³ MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*, p. 165.

³⁴ BOOR, W. *Carta aos Coríntios: comentário Esperança*, p. 19.

Desde a antiguidade, Corinto se destaca na construção de navios para o comércio e para a guerra. Contudo, sua especialidade sempre foi a cerâmica, que se distingue pela cor da terra, diferente da de Atenas. Mas como diz Estrabão, a fortuna de Corinto se deve sobretudo ao comércio e à multidão que vem à cidade para os jogos ístmicos. Uma amostra da riqueza de Corinto é a escolha, entre seus cidadãos, dos organizadores e presidentes dos jogos ístmicos, os 'agonotetas', que contribuem para isso com seus bens pessoais. Além do comércio, se desenvolve também, a indústria da tecelagem e a arte de fundição do bronze. O comércio de objetos de arte se torna uma fonte de renda para os habitantes de Corinto.³⁵

Quem viajava de Roma para o Oriente tinha que passar por Corinto, proporcionando ainda mais oportunidades para que a cidade, paulatinamente, chegasse a ser muito rica. Era um ponto de parada natural na rota de Roma para o Oriente, e o lugar onde se encontravam várias rotas de comércio. Para evitar a distância e as tempestades em alto mar, os marinheiros preferiam ancorar suas embarcações nos portos de Corinto.

A fim de evitar uma viagem de centenas de quilômetros ao redor do tempestuoso cabo Maleia, os navios ancoravam num destes portos, transportavam suas cargas pelo istmo e carregavam em navios que esperavam do outro lado. Barcos pequenos também eram rebocados. O domínio deste comércio tornou rica a cidade de Corinto. Havia um alto número de funcionários públicos. Era uma cidade invejável e relativamente segura, quase que invencível aos olhos humanos. A situação e prosperidade de Corinto atraíram muitas pessoas para morar na cidade.

1.2 RELIGIOSIDADE DE CORINTO

Antes de ser uma cidade romana (conquistada e destruída em 146 a. C.), Corinto era cidade grega. Sobre sua religiosidade, “os gregos reconheciam três tipos de divindades: os deuses olímpicos, os deuses ctônicos (“da Terra”) e os heróis. Alguns

³⁵ FABRIS, R. *Paulo: apóstolo dos gentios*, p. 345.

deuses olímpicos eram de origem indo-européia e foram trazidos com os gregos quando estes migraram para a península grega por volta de 2000 a. C.”³⁶

A praça de Corinto é um grande retângulo de duzentos por cem metros mais ou menos, disposto em direção leste-oeste no lado mais comprido. No lado ocidental situam-se alguns pequenos templos dedicados a várias divindades, tais como Hermes, Apolo, Poseidon, *Týche*/Fortuna, e um santuário para todas as divindades, um pequeno *Pantheon*.³⁷

Por isso, a cidade tem todo contexto da religião grega com seus vários deuses. Foi o local dos famosos jogos ístmicos em honra de Poseidon (deus do mar, que para os romanos era Netuno). Apolo, filho de Zeus, era também venerado na cidade. Assim como Apolo, com certeza eram venerados outros deuses, sejam gregos ou romanos, por exemplo: Dionísio, Artemide, Diana, Afrodite, Vêneris e sobretudo os deuses principais: Zeus (grego) e Júpiter (romano).

Assim, as religiões greco-romanas incluem não só os cultos públicos e privados que se originaram das práticas gregas e romanas arcaicas e clássicas, mas também os muitos cultos nativos e as religiões de mistério que surgiram no solo do antigo Oriente Próximo e depois se espalharam pelas principais áreas urbanas do mundo mediterrâneo, inclusive o judaísmo e o cristianismo primitivos.³⁸

Em corinto o culto aos deuses antigos era preservado naturalmente como peça indispensável da vida civil e do estado.³⁹ Por estar entre dois mundos, a Ásia e a Europa, em Corinto floresciam todas as religiões da época, entre eles tinham os judeus, os prosélitos, existiam várias escolas filosóficas.

³⁶ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 1059.

³⁷ FABRIS, R. *Paulo: o apóstolo dos gentios*, p. 366.

³⁸ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 1057.

³⁹ Cf. BOOR, W. *Cartas aos Coríntios: Comentário esperança*. p.20.

Os gregos eram, em geral, extremamente abertos a novas divindades e novos cultos e, com frequência, identificavam suas divindades com algumas das grandes divindades estrangeiras que encontravam. Durante o longo contato que tiveram com o Egito, os gregos criaram uma interpretado Graeca, “interpretação grega”, da religião egípcia na qual consideravam diversas divindades egípcias nativas idênticas a divindades gregas tradicionais. Por exemplo, Deméter era considerado o equivalente grego de Ísis, Atena de Toeris, Zeus de Amon e Hermes de Tot. O panteão de deuses olímpicos foi criação do(s) poeta(s) homérico(s), sendo uma assembleia sintética de divindades desconhecidas antes do século VII a.C.⁴⁰

Em Corinto não havia uma religião específica ou uma que predominasse. Havia diversos tipos e formas de religiões. Era permitido que vários grupos religiosos praticassem ali a sua fé como bem entendessem. O culto aos deuses era muito comum entre os coríntios. O caráter religioso da população coríntia era igualmente diverso. É provável que muitos de seus habitantes tenham venerado um número considerável de deuses, a julgar pelos templos escavados dentro e próximo ao fórum da cidade. Entre os deuses gregos, temos um panteão de deuses olímpicos:

O culto dos doze deuses surge pela primeira vez no fim do século VI; indícios literários e arqueológicos indicam que por volta de 520 foi dedicado um altar aos doze deuses (Heródoto, 6,108; Tucídides, 6,54,6; Plutarco, Niceas 13,2). No entanto, embora fosse provavelmente formado de divindades áticas, esse grupo de doze não era idêntico ao panteão mais tardio de doze deuses olímpicos (que tipicamente incluía Zeus, Hera, Poseidon, Hades, Apolo, Ártemis, Hefesto, Atena, Ares, Afrodite, Hermes, Héstia). As divindades da Terra Deméter e Dionísio (ausente de Homero) são às vezes substituídas por Hades e Héstia. A mais antiga lista completa dos doze olímpicos é de 217 a.C., em ligação com a lista de deuses homenageados no lectisternium (banquete sagrado onde os deuses se transformavam em convidados de uma refeição; Lívio, 22,10,9-10; Quinto Ênio, Annales 7,240-241).⁴¹

Em Corinto havia todo tipo de religião e cultos. Além do culto de Poseidon, o deus do mar, ocorria o culto à deusa Roma que era muito forte, e isso influenciava o povo da cidade, pois a deusa lembrava de perto o Império Romano que, em nome da

⁴⁰ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 1059.

⁴¹ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 1058.

religião, mantinha o mundo inteiro dominado e explorado. Até o próprio imperador era visto como um deus.⁴²

Schnelle escreve que, sendo uma cidade rica, Corinto tinha muitos comércios, negócios e também grande número de cultos helenista-orientais.

Pausânias atesta para o séc. II d. C. altares e santuários de Poseidon, da Ártemis de Éfeso e do Dionísio de Corinto, um templo de Asclépio e santuários de Ísis e de Serápis. Uma dedicação a Ísis descrita por Apuleio acontecia em Corinto (cf. *Metamorfose* XI22.7ss). Corinto foi certamente um centro do movimento cínico que floresceu no séc. I d. C. Já Diógenes gostava de deter-se em Corinto (Dio Crisóstomo, Or. 6,3), e ali vivia e ensinava também o cínico famoso Demétrio (cf. Luciano, *Indoctum* 19; Filóstrato, *Vita Apollonii* IV 25).⁴³

A religião grega e seus mitos acerca da vida, dos amores e das guerras de deuses pertenciam à época em que cada cidade regia a própria vida. Desde Alexandre Magno os povos se mesclavam nos exércitos e nas novas cidades, cimentando-se o caráter multiétnico da sociedade. A religião mudou e, como os deuses antigos estavam desacreditados, a maioria buscava na religião a resposta para as suas necessidades. As inquietações impulsionavam a busca de novas divindades e novas formas de culto, como as trazidas do Oriente e do Egito pelos imigrantes.

A noção grega de divindade contrasta nitidamente com os conceitos judaicos e cristãos tradicionais. Para os gregos, os deuses não eram transcendentais e passivos, mas sim imanentes e ativos. Eles não criaram o cosmos (que era considerado eterno), mas passaram a existir depois do cosmos. Consequentemente, deuses como o sol, a lua e os astros eram considerados “eternos”, enquanto deuses como Zeus, Hera e Poseidon eram considerados “imortais”.⁴⁴

⁴² Cf. BORTOLINI, J. *Como ler a Primeira Carta aos Coríntios: Superar os conflitos em comunidade*, p. 14.

⁴³ SCHNELLE, U. *Paulo: vida e pensamento*, p. 236.

⁴⁴ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 1058.

Entre a população grega, romana e seus conselhos estabeleceram diversos cultos que tinham ritos secretos sobre os mistérios que ofereciam uma salvação dos poderes malignos do mundo e do universo. “Embora considerados muito poderosos e muito sábios, eles não eram nem onipotentes nem oniscientes. Os seres humanos eram considerados mortais, enquanto os deuses gregos eram considerados imortais; na religião grega arcaica e clássica, a imortalidade não era possível para os mortais”.⁴⁵

No mundo grego antigo as divindades de Homero e Hesíodo eram aceitas como seres superiores, ligados a virtudes e que exigiam obediência. Formavam uma sociedade localizada no monte Olimpo e eram presididos por Zeus, o pai e rei dos deuses. O tributo paulino em 1 Coríntios 8,5 refere-se a divindades “no céu” presumivelmente do panteão homérico, e “na terra”, em relação a manifestações do divino em espíritos de fertilidade ou possivelmente reis e soberanos deificados.⁴⁶

Como em todas as religiões, aconteciam as orações e os sacrifícios de animais, onde cada tipo de animal, era considerado exigência de determinadas divindades, por exemplo, as vacas eram sacrificadas para Atena, enquanto os porcos eram sacrificados à Deméter. Os sacrifícios aos deuses olímpicos eram feitos em um altar elevado e durante o dia com animais de cor clara, e o sacrifício aos deuses ectônicas (terra) eram feitos durante a noite e em altar baixo com animais de cor escura. Após a imolação, partes das vítimas eram queimadas e outras eram divididas para o povo e consumidas no próprio local ou em casa.⁴⁷

Em Corinto, tinha-se uma religiosidade da sua população muito diversa em vista dos templos escavados dentro e próximo ao fórum da cidade, é provável que muitos de seus habitantes tenham venerado um número considerável de deuses. Na fortaleza da cidade havia o templo de Afrodite, deusa do amor e da fecundidade, onde cerca de mil mulheres acolhiam e iniciavam os devotos dessa deusa na arte do amor.

⁴⁵ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 1058.

⁴⁶ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 362.

⁴⁷ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 1059.

Elas eram chamadas de santas. E existiam lugares de honra nos ambientes em que circulavam.⁴⁸

A situação de cidade-porto, com muitos estrangeiros indo e voltando, faziam vigorar um slogan muito conhecido: “Tudo me é permitido!. Aproveitando este slogan, querendo corrigir esta libertinagem prejudicial à vida da comunidade, Paulo acrescenta: “...mas nem tudo me convém” (6,12; 10,23; cf. Rm 6,15). Destes hábitos de depravação moral, Paulo recolhe o que pode e exalta a própria dignidade do corpo, pois é através dele que a graça de Deus atua para a salvação.⁴⁹

Os moradores de Corinto não faziam distinção entre sagrado e profano. Parece que religião e sexualidade estavam inteiramente ligadas uma à outra. Tinha fama de cidade depravada e licenciosa, onde a busca pelo prazer era o que mais importava. “A cidade tinha má fama. Naquele tempo, ‘viver como coríntio’ era a mesma coisa que entender e viver desordenadamente a sexualidade. Para muitos daquela cidade, o corpo tinha uma única finalidade: o prazer.”⁵⁰

Quando os coríntios visitavam estas sacerdotisas, eles, de certa forma, também estavam adorando seus deuses. Comenta-se que não bastasse isso, essas prostitutas cultuais, à noite, desciam para a cidade de Corinto e se entregavam aos marinheiros e turistas que ali chegavam de todos os cantos do mundo. E, então, o clima da cidade era profundamente marcado pela promiscuidade sexual.

Conforme Bortolini, “na fortaleza da cidade havia o templo a Afrodite, deusa do amor e da fecundidade. Cerca de mil mulheres acolhiam e iniciavam os devotos dessa deusa na arte do amor”.⁵¹

Acredita-se que mais de mil mulheres trabalhavam no templo da deusa Afrodite como sacerdotisas. Elas eram tidas como prostitutas cultuais que serviam à

⁴⁸ Cf. BORTOLINI, J. *Como ler a Primeira Carta aos Coríntios: Superar os conflitos em comunidade*, p. 14.

⁴⁹ MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*, p. 168.

⁵⁰ BORTOLINI, J. *Como ler a Primeira Carta aos Coríntios: Superar os conflitos em comunidade*, p. 14.

⁵¹ BORTOLINI, J. *Como ler a Primeira Carta aos Coríntios: Superar os conflitos em comunidade*, p. 14.

deusa Afrodite. Era uma verdadeira mistura de espiritualidade com luxúria que se vivia no templo dessa deusa.

O culto ao corpo, ao prazer, era o que predominava ali. Não havia limites ou leis de consciência. Eram os desejos desenfreados que predominavam nesta comunidade.

Segundo Fabris, quando Estrabão, no ano 29 a. C., visita a cidade, ele comenta que o santuário de Afrodite era tão rico que possuía como escravas mais de mil heteras que homens e mulheres haviam dedicado à deusa.⁵² No entanto, o próprio autor, logo em seguida, corrige e desmente esta informação de Estrabão:

Na realidade entre as ruínas da Neocorinto, que as escavações trouxeram à luz, não se encontra nenhum templo dedicado a Afrodite. E o pequeno templo dedicado à deusa do amor, no cume da Acrocorinto, visitado por Estrabão, certamente não se presta para abrigar as mil hierodules de que fala. Provavelmente o autor transfere para Corinto, com base nas fontes literárias atenienses que amplificavam a fama da cidade corrupta, a imagem da cidade oriental, onde se pratica a prostituição sagrada. [...] Na Corinto romana certamente se conhece e se pratica a prostituição, mas não de modo mais difundido do que nos outros portos marítimos e nas metrópoles cosmopolitas do império.⁵³

Para Mazzarolo, as hierodulas, as escravas dos santuários de Afrodite, poderiam ser temporárias ou então realizar um serviço permanente, o qual seria sacerdotisa do santuário.⁵⁴ E Boor, comenta que: “para o sentimento da época, frequentar essas casas não tinha nada de escandaloso.”⁵⁵

1.3 ESCOLAS E FILOSOFIAS HELÊNICAS

A palavra filosofia é grega. É composta por duas outras: philo e sophia. Philo deriva-se de philia, que significa amizade, amor fraterno, respeito entre os iguais.

⁵² Cf. FABRIS, R. *Paulo: apóstolo dos gentios*, p. 354.

⁵³ FABRIS, R. *Paulo: apóstolo dos gentios*, p. 355.

⁵⁴ Cf. MAZZAROLO, I. *O apóstolo Paulo: o grego, o judeu e o cristão*, p. 78.

⁵⁵ BOOR, W. *Cartas aos Coríntios: Comentário esperança*, p.20.

Sophia quer dizer sabedoria e dela vem a palavra sophos, sábio. Filosofia significa, portanto, amizade pela sabedoria, amor e respeito pelo saber. Atribui-se ao filósofo grego Pitágoras de Samos (que viveu no século V antes de Cristo) a invenção da palavra filosofia. Pitágoras teria afirmado que a sabedoria plena e completa pertence aos deuses, mas que os homens podem desejá-la ou amá-la, tornando-se filósofos.

O Filósofo é aquele que ama a sabedoria, tem amizade pelo saber, deseja saber. Assim, filosofia indica um estado de espírito, o da pessoa que ama, isto é, deseja o conhecimento, o estima, o procura e o respeita.⁵⁶

No século primeiro da era cristã, havia quatro escolas filosóficas principais: “quatro filosofias principais que dominavam o campo intelectual no século I d. C.: os platônicos médios, os adeptos da “doutrina do Pórtico” (mais tardia), os peripatéticos e os epicuristas. Além deles, havia os cínicos, que mendigavam para viver e se misturavam ao povo, oferecendo conselhos morais em nível popular.”⁵⁷

Estas escolas filosóficas do período da história antiga são conhecidas como Helenismo. Mas, também não é estranho ouvir, atualmente, o Helenismo como período histórico do mundo antigo, compreendido entre o fim do século IV e os começos do século I a. C. Trata-se, portanto, do período iniciado com a formação dos reinos que dividiram entre si o império de Alexandre, o Grande, e que durou até a conquista romana, em 146 a. C., quando a Grécia foi declarada província romana. Segundo alguns historiadores, esse período iria até o advento de Augusto e a definitiva consolidação do Império Romano (± 20 a. C.).

A Filosofia, entendida como aspiração ao conhecimento racional, lógico e sistemático da realidade natural e humana, da origem e causas do mundo e de suas transformações, da origem e causas das ações humanas e do próprio pensamento, é um fato tipicamente grego.⁵⁸

A filosofia era muito importante e muito difundida nas classes altas e nos indivíduos de posse, pois preparava os jovens para serem líderes e influenciavam

⁵⁶ CHAUI, M. *Iniciação à filosofia: ensino médio, volume único*, p. 19.

⁵⁷ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 564.

⁵⁸ CHAUI, M. *Iniciação à filosofia: ensino médio, volume único*, p. 20.

muito a educação da época. “Através da Filosofia, os gregos instituíram para o Ocidente europeu as bases e os princípios fundamentais do que chamamos razão, racionalidade, ciência, ética, política, técnica, arte.”⁵⁹A própria terra natal de Paulo, a cidade de Tarso, se orgulhava de ter uma escola de filosofia.⁶⁰

Paulo nasceu na Cilícia, em Tarso, cidade célebre por seus filósofos* estóicos. Entretanto, como provavelmente veio para Jerusalém aos 12 anos para estudar com o famoso rabino Gamaliel, Paulo recebeu quando muito uma educação secundária helenística. Ele era capaz de falar a multidões na “língua dos judeus”, isto é, em aramaico (At 21,40; 22,2 [BMD; CNBB]; ver Paulo, o judeu). Embora Paulo evite as exibições mais floreadas da oratória grega (ICor 2,1-4), mesmo assim suas cartas empregam artifícios retóricos como quiasmo (ICor 3,17), litotes (Rm 1,28), aliteração (2Cor 6,3), clímax (Rm 8,29-30), oximoro (2Cor 6,9) e paranomásia (2Cor 3,2), e ele enfrenta seus adversários sofisticos (em 2Cor 10-13) usando as técnicas e os procedimentos deles.⁶¹

Em Corinto, o culto aos deuses antigos era preservado naturalmente como peça indispensável da vida estatal e civil. Mas, em ampla medida, deixaram de ter um significado realmente religioso, pois em muitas vezes, quando havia um anseio interior, as pessoas buscavam satisfação nos ensinamentos e conceitos filosóficos.⁶² Segundo Jacques Maritain, somente na Grécia a Filosofia adquire existência autônoma, distinguindo-se explicitamente da religião. Desse modo, pelo menos na época mais pura e mais gloriosa do espírito helênico, ela reconhecia seus limites e restringia-se a um campo estritamente limitado, - investigação científica das verdades puramente racionais, - enquanto a religião grega, já muito decaída no tempo de Homero, tornava-se cada vez mais incapaz de satisfazer às necessidades da inteligência e corrompia-se dia a dia.⁶³

As conquistas de Alexandre, o Grande, nos séculos II a. C., inauguraram um novo modo de organização política, social e cultural no Mundo Antigo. “O helenismo

⁵⁹ CHAUI, M. *Iniciação à filosofia: ensino médio, volume único*, p. 21.

⁶⁰ Cf. HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 564.

⁶¹ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 615.

⁶² Cf. BOOR, W. *Cartas aos Coríntios: Comentário esperança*. p.20.

⁶³ MARITAIN, J. *Introdução geral à filosofia*, p. 28.

refere-se à cultura grega, principalmente a que se difundiu em todo o Oriente Próximo depois das conquistas de Alexandre Magno”.⁶⁴

Alexandre Magno, a quem Aristóteles deu aulas particulares, tomou-se rei da Macedônia em 336 a.C. Magnífico general, conduziu seu exército de cerca de 30 mil soldados ao centro do Império Persa. E irônico que os macedônios, que para o orador ateniense Demóstenes eram “bárbaros”, fossem os maiores divulgadores da cultura grega. Alexandre promoveu a fusão das culturas grega e persa e o casamento com mulheres nativas. Fundou mais de trezentas cidades gregas, notavelmente Alexandria, no Egito.⁶⁵

Esse empreendimento foi em si grandioso, mas a importância decisiva está no fato de ter criado as condições para o encontro cultural entre o Oriente e o Ocidente, o que resultou em uma comunidade internacional, na qual a cultura e a língua gregas desempenhavam papel preponderante. Esse período, convencionalmente chamado Helenismo, foi marcado pelo desaparecimento das fronteiras entre os diferentes impérios, reinos e culturas.

A grande expedição de Alexandre Magno (334-323 a. C.) para o Oriente e as sucessivas conquistas territoriais, com a forma o de um império vastíssimo e a teorização de uma monarquia universal divina, tiveram como efeito imediato o de colocar em gravíssima crise a Polis (a Cidade-Estado). Não se tratou apenas de revolução política, mas desmoronamento também e sobretudo de revolução espiritual e cultural, a partir do momento que na dimensão do política (isto é, na vida dentro da Polis) se reconheciam todos os grandes filósofos gregos, os quais justamente sobre este fundamento construíram seus sistemas morais e sua antropologia.⁶⁶

Nesse horizonte alargado, o quadro tradicional da cidade antiga, a polis grega, tende a desaparecer. O homem grego livre deixou de fazer parte de uma estrutura simples (polis), inserindo-se em uma grande pátria (o império fundado por Alexandre), não dependendo de sua participação nas alterações que porventura ocorressem. A sua

⁶⁴ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 611.

⁶⁵ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 611.

⁶⁶ REALE, G. *História da filosofia: Filosofia pagã antiga*, p. 249.

cidadania foi esvaziada nessa nova estrutura política, pois os deveres do homem helenístico já não eram os deveres cívicos de um Estado, mas os de todo homem, membro de uma cidade sem fronteiras. As decisões políticas passaram a ser tomadas, distanciando-se da intervenção do cidadão, que agora passou a ser súdito. Elas dependiam do soberano, que detinha o poder e a quem cabia tomar as iniciativas para o bom andamento dessas Cosmópolis.

O primeiro tópico de estudos, para entender a envergadura da teologia de Paulo, exige um percurso dentro das linhas gerais do helenismo. Essa visão geral nos permite, ao menos em parte, imergir no universo das cartas do Apóstolo (especialmente 1Cor, 2Cor, Fl, 1Ts, 2Ts), destacando os elementos de sintonia do cristianismo com a cultura grega e do afastamento dos princípios culturais judaicos.⁶⁷

Para Mazzarolo, o Helenismo marca a história com quatro conceitos: Cosmopolismo, Individualismo, Realismo e Teocracia.⁶⁸ E o interessante no helenismo é que estão abertos a novidades, por isso podem ouvir, conhecer e saber mais sobre as últimas novidades do pensamento humano. “O que é importante notar no helenismo é a sua abertura a tudo o que vinha de fora, ao diferente. Os filósofos primeiro escutam e só depois se pronunciam.”⁶⁹

O Helenismo também é designado como a civilização da Paideia, da educação, a ponto de ser considerada por alguns como o berço da ideia de humanismo. O que ocorreu em grandes linhas foi a mudança da mentalidade ligada às antigas tradições “nacionais” (gregas, macedônicas etc.) para uma mentalidade cosmopolita, universal, em que o indivíduo humano passa a conceber-se como parte do todo e, inclusive, como protagonista no processo de gestação da nova sociedade. Nas cidades romanas surgiram várias seitas filosóficas de diversas tradições e ênfases, que se apresentam em praças apelando às necessidades e problemas das pessoas. Tinham em comum o esforço para dar ao povo uma orientação moral e uma compreensão da vida humana e do universo. Filósofos criavam grupos de discípulos, floresciam as comunidades de

⁶⁷ Cf. MAZZAROLO, I. *O apóstolo Paulo: o grego, o judeu e o cristão*, p. 43.

⁶⁸ MAZZAROLO, I. *O apóstolo Paulo: o grego, o judeu e o cristão*, p. 43.

⁶⁹ MAZZAROLO, I. *O apóstolo Paulo: o grego, o judeu e o cristão*, p. 46.

seguidores das diversas escolas de pensamento. Entre as grandes escolas de filosofias, podemos citar os Epicuristas, os Estoicos, os Platônicos, Fílon de Alexandria e os Cínicos, entre outros.

1.3.1 Epicuristas

O termo Epicurista vem do filósofo Epicuro (± 341-269 a. C.) que produz sua filosofia, onde prega sobretudo a simplicidade do ser. Epicuro propunha a busca pela saúde mental.⁷⁰ Nascido em Samos, de família ateniense aos 14 anos vai seguir as lições de Nausífanos, discípulo de Demócrito. Aos 35 anos, estabeleceu-se em Atenas, onde fundou sua escola filosófica, a qual, por situar-se num jardim junto aos muros da cidade, ficou conhecida como O Jardim. Sua escola ficou conhecida não apenas pelo seu ensino, mas também pelo cultivo da amizade, a Amizade Epicurista, da qual participavam não apenas homens (como acontecia na Academia de Platão e no Liceu de Aristóteles), mas também mulheres.⁷¹

Para Epicuro a amizade revela a compreensão da vida e dos sexos diante do papel na sociedade. Ele não se limitava a ter como discípulos tanto homens como mulheres, ele integrava ambos os sexos no seu grupo de discípulos.⁷²

Os epicuristas ficaram famosos por definir o prazer como o bem primordial que devia ser procurado na vida (Diógenes Laércio, Vit. 10,128-129). Embora Epicuro qualificasse isso ao observar que o excesso (quer de comida, quer de imoralidade) era incompatível com o verdadeiro prazer e *ataraxia*, seus seguidores eram freqüentemente reprovados por outros filósofos, que os consideravam efeminados ou devassos.⁷³

Se compreende que o eixo de seu pensamento seja a ética, ou melhor, que a sua filosofia seja fundamentalmente uma ética, pois se percebe que seu pensamento procura responder não apenas teoricamente, mas existencialmente às interrogações

⁷⁰ Cf. BUNDE, M. *Epicurismo*. Disponível em: <<https://www.todoestudo.com.br/historia/epicurismo>>. Acesso em: 20 nov. 2019.

⁷¹ Cf. MAZZAROLO, I. *O apóstolo Paulo: o grego, o judeu e o cristão*, p. 58.

⁷² MAZZAROLO, I. *O apóstolo Paulo: o grego, o judeu e o cristão*, p. 59.

⁷³ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 565.

postas pelos indivíduos em face da tarefa de sua auto-realização. Em outros termos, seu interesse exprimia-se pelas tarefas da filosofia: saber o que Conhecer; como Agir e o que Esperar. Epicuro talvez tenha sido o primeiro a elaborar uma filosofia que fosse, ao mesmo tempo, visão de mundo e forma de vida. A felicidade foi um dos principais temas de Epicuro, o que talvez tenha sido o motivo de haver atraído para sua escola tanto a elite quanto o povo. Sua época estava dilacerada pelas guerras, pela superstição e pelo debate sobre o Estado, por isso ela exigia uma filosofia que proporcionasse ao indivíduo uma nova regra de conduta: conceder ao homem autonomia.

1.3.2 Estóicos

O estoicismo é uma escola helenística fundada por Zenão de Cício ao final do séc. II a. C e cuja influência se estende desde a Grécia antiga até filosofias recentes do sec. XIX. O estoicismo, floresce em Roma tendo como um dos seus maiores filósofos Lucius Annaeus Sêneca, conhecido como Sêneca, o jovem.

Durante um curto período, o estoicismo foi a principal filosofia do primeiro império, favorita dos romanos. Embora a “doutrina do Pórtico” primitiva tivesse uma ampla variedade de interesses, no século I d.C. parece que a ética dominou quase por completo o interesse da escola.⁷⁴

A filosofia de Zenão sofreu inovações até notáveis, apresentando uma evolução bastante considerável.

Zenão não era cidadão ateniense e, como tal, não tinha direito de adquirir um edifício; por isso, ministrava suas aulas em um pórtico, que fora pintado pelo pintor Polignoto. Em grego, "pórtico" diz-se *stoá*. Por essa razão, a nova Escola teve o nome de "Estoá" ou "Pórtico" e seus seguidores foram chamados "os da Estoá", "os do Portico", ou simplesmente "Estóicos". No pórtico de Zenão, diversamente do Jardim de Epicuro, admitia-se a discussão crítica em torno dos dogmas do fundador da Escola, fazendo com

⁷⁴ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 566.

que tais dogmas ficassem sujeitos a aprofundamento, revisões e reformulações.⁷⁵

O estoicismo tem como preceito viver de uma forma harmoniosa, ou seja, viver de acordo com a natureza. Por isso, “eles rejeitavam a ganância, a avidez por ganhos e lucros, a tirania dos mais ricos e as seguranças mundanas.”⁷⁶ Outro conceito importante dentro da filosofia estoica é o de paixões. Elas são definidas como um movimento irracional da alma contrário a natureza. Sêneca as descreve como doenças da alma, porém o que difere no conceito de paixão do estoicismo para o da concepção grega é o fato de que elas não são obra dos deuses e sim dos homens.

A pergunta abrangente era: “Como o sábio pode viver segundo a natureza?”. A vida segundo a natureza incluía o pensamento de uma vida vivida racionalmente, de acordo com a parte racional divina da natureza humana e aceitando o destino ditado por Deus (o que, de qualquer modo, era inevitável). Eles acreditavam que isso levava a uma vida virtuosa, e a virtude era o único “bem” absoluto que os adeptos da “doutrina do Pórtico” reconheciam.⁷⁷

Para os estóicos o sábio é isento de paixões porque vive segundo a razão, ele rege os seus desejos sobre o que depende dele, nada lhe surpreende nem mesmo a morte, pois sabe que há coisas no mundo que não dependem dele. O sábio estóico é um ser excepcional e os filósofos do estoicismo são os primeiros a reconhecer que esse sábio nunca teria existido em sua plenitude.

O Estoicismo foi a corrente espiritual mais notável e influente da era helenística. Sobretudo no campo da ética constitui ponto de referência também na sucessiva época imperial, até para os Platônicos e para os primeiros pensadores cristãos. Aliás, o sentimento moral de fundo e a grande força de ânimo que inspirava se tornaram paradigma de vida moral adotados também na linguagem comum, que justamente usa o termo

⁷⁵ REALE, G. *História da filosofia: Filosofia pagã antiga*, p. 280.

⁷⁶ MAZZAROLO, I. *O apóstolo Paulo: o grego, o judeu e o cristão*, p. 60.

⁷⁷ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 566.

“estoico” para indicar um homem que tem grande força de ânimo e conspícua capacidade de enfrentar as adversidades.⁷⁸

Dessa forma, o pensamento estóico teve grande repercussão no mundo antigo e, desde a sua formação, conseguiu alcançar relativo sucesso. O estoicismo foi a filosofia que teve predominância na sociedade helenística, pois conseguiu responder aos apelos que a sociedade requisitava naquele momento histórico. As doutrinas filosóficas do estoicismo se espalharam amplamente no mundo mediterrâneo, assim como o gosto pelas coisas do espírito e uma nova concepção de homem, o qual deve harmonizar a sua vida de acordo com o cosmos, entendido como um todo animado por uma lei racional. Pregadores de linguagem realista e plena de imagens falavam de um deus universal, centro e animador do mundo, proclamavam a igualdade e a fraternidade dos homens, canonizando o exercício ascético como fonte da única verdadeira felicidade e da paz de espírito.

O estoicismo se caracterizava-se como um materialismo religioso panteísta. Os adeptos da doutrina do Pórtico rejeitavam a substância imaterial. Para eles, tudo que era real era material, inclusive Deus. Deus era variadamente descrito como fogo, razão (logos) ou espírito (pneuma). Para os estóicos, porém, espírito era uma substância material, muito diferente do Espírito Santo judeu-cristão. Eles diziam que Deus existe em tudo, em todo o universo, às vezes como espírito.⁷⁹

Nessa esteira, o estoicismo concebia como homem ideal aquele que, orientado pela razão, chegou à indiferença em relação à tristeza e à dor. Nesse sentido, a filosofia se apresentou com um caráter doutrinário e aproximou-se do espírito religioso, ao indicar um caminho de perfeição a ser seguido.

Vale lembrar que o estoicismo, desde a sua formação na Grécia com Zenão de Cicio, procurou responder aos apelos do homem, apontando para a solução dos problemas, propondo salvá-lo dos rigores e dos males da existência.

1.3.3 Platônicos

⁷⁸ REALE, G. *História da filosofia: Filosofia pagã antiga*, v.1 p. 295.

⁷⁹ Cf. HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 566.

O platonismo designa uma corrente filosófica baseada nas ideias do matemático grego, chamado Platão, que foi discípulo de Sócrates.

Reserva-se a Platão, o socrático por excelência, e aos seus discípulos,**** o nome de socráticos maiores. Platão (427-347), que pelo lado paterno era de raça real e pelo materno descendente de Solon, querendo fazer obra de rei no domínio da inteligência, esforça-se por reunir na poderosa unidade de um sistema original todos os pensamentos que os filósofos gregos, seus antecessores, dispersaram. Com Platão a filosofia torna-se senhora de si mesma.⁸⁰

latão nasceu em Atenas, provavelmente em 427 a. C. e morreu em 347/8 a. C.⁸¹ Ele foi o primeiro discípulo do heraclítico Crático e depois de Sócrates.⁸²

Seu verdadeiro nome era Aristocles. Platão é apelido que derivou, como referem alguns, de seu vigor físico ou, como contam outros, da amplitude de seu estilo ou ainda da extensão de sua fronte (em grego, *platos* significa precisamente "amplitude", "largueza", "extensão"). Seu pai contava orgulhosamente com o rei Codro entre seus antepassados, ao passo que sua mãe se orgulhava do parentesco com Sólon. Assim, é natural que, desde a juventude, Platão já visse na vida política seu próprio ideal: nascimento, inteligência, aptidões pessoais, tudo o levava para essa direção. Esse é um dado biográfico absolutamente essencial, que incidiria pro- fundamente na própria substância de seu pensamento.⁸³

A influência do legado platônico na cultura ocidental é tão grande e estende-se a tantos campos que é muito difícil ter uma noção exata da sua profundidade e extensão. Um dos textos platônicos mais lidos, não só nos meios acadêmicos mais ligados aos estudos clássicos e à filosofia, mas também por um vasto público, é a República.

Platão travou seu primeiro contato direto com a vida política em 404/403 a.C.⁸⁴ Na sua obra "Fédon", Platão apresenta um argumento interessante e fundamental no que diz respeito à sua teoria das Ideias. É a chamada Teoria da

⁸⁰ MARITAIN, J. *Introdução geral à filosofia*, p. 45.

⁸¹ Cf. MAZZAROLO, I. *O apóstolo Paulo: o grego, o judeu e o cristão*, p. 57.

⁸² Cf. REALE, G. *História da filosofia: Filosofia pagã antiga*, p. 131.

⁸³ REALE, G. *História da filosofia: Filosofia pagã antiga*, p. 132.

⁸⁴ Cf. REALE, G. *História da filosofia: Filosofia pagã antiga*, p. 132.

Reminiscência, que diz que todo o nosso conhecimento não é resultado de um processo de construção, mas sim, de uma recordação de algo já visto anteriormente. A alma humana, antes de encarnar em um corpo, habita o Mundo Inteligível e contempla todas as ideias que nele existem.

Platão afirmou que o elemento racional da alma humana era imortal. Embora essa razão fosse concedida pelo Deus que formava o universo (o demiurgo), a formação do resto da pessoa humana era confiada a deuses menores que eram eles próprios criações do demiurgo (Platão, Tim. 40a, 41a-43a). Esses deuses menores também contribuíam com as partes mortais da alma — as “paixões irracionais” e os apetites. No século I d.C., até o demiurgo era considerado um deus menor, o que tomava a divindade suprema muito afastada do mundo material.⁸⁵

Ao se tornar discípulo de Sócrates, Platão começa a questionar a formação aristocrática que recebeu e os modos de vida aos quais se encontrava submetido. Com essa atitude, ele problematiza os princípios em que se assentava a política de seu tempo, tornando-se crítico da mesma. Entre os vários escritos, dos quais chegaram até nós em sua totalidade, que Reale nos apresenta como trinta e seis trabalhos subdivididos em nove tetralogias:

I: Eutifron, Apologia de Sócrates, Críton, Fédon;
 II: Crátilo, Teeteto, Sofista, Político;
 III: Parmênides, Filebo, Banquete, Fedro;
 IV: Alcibiades I, Alcibiades II, Hiparco, Amantes;
 V: Teages, Cármides, Laques, Lísias;
 VI: Eutidemo, Protágoras, Górgias, Mênon;
 VII: Hípias menor, Hípias maior, Íon, Menexeno;
 VIII: Clitofon, República, Timeu, Critias;
 IX: Mino, Leis, Epinomis, Cartas.⁸⁶

Um dos mais importantes dos seus escritos, foi a República pertence à fase central da sua produção onde é precedida pelo Fédon e pelo Banquete.⁸⁷ O mundo que Platão contempla é não apenas simbolicamente, mas realmente, em sua mesma complexa realidade de coisa material com forma, um mundo em que o bem se

⁸⁵ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 565.

⁸⁶ REALE, G. *História da filosofia: Filosofia pagã antiga*, p. 134.

⁸⁷ REALE, G. *História da filosofia: Filosofia pagã antiga*, p. 134.

manifesta informando tudo, desde a mais ínfima sombra, que só existe porque é sombra de uma luz, à mais elevada ideia, paradigma metafísico de possibilidade de toda a física, de toda a natureza.

Sua antevisão de um mundo perfeito, ideal, sem sofrimentos é uma profecia para acreditar no céu. A diferença entre a visão de universo e ao mesmo tempo de paraíso ou céu e a do cristianismo é que para este o universo conflitivo e em movimento, contrariamente a uma teoria de universo mais estático, como foi preconizada por Sócrates, primeiramente, e, de igual modo, depois, por Platão.⁸⁸

Platão recebe e critica nos diálogos ambas as vertentes da influência de Parmênides, estendendo a argumentação eleática a toda a filosofia. Ao citar, copiar, imitar, comentar e criticar o filósofo de Eleia, usa os argumentos deste para estruturar as sucessivas versões com que o problema das relações entre ser e saber vai sendo exposto nos diálogos.

O universo do platonismo médio era povoado por inúmeros seres intermediários que atuavam como servos do Deus supremo, operavam também em oráculos e assistiam a sacrifícios e celebrações de mistério (Plutarco, Def. Orac. 416d-417b; Fac. Lun. 944c-d). A elevação da pessoa em direção à divindade, com o fim de libertar a alma de seu ciclo de reencarnação e ligação a um corpo, era feita por meio da procura da filosofia (Platão, Tím. 90b-c; cf. Plutarco, Fac. Lun. 943d; Gen. Soer. 593d-594a). A razão divina, do mesmo modo que foi implantada nos seres humanos, também foi posta em tipos diferentes de “corpos” que se tomaram estrelas ou semideuses. Assim, na tradição platônica já temos uma base para desenvolvimentos na religião astral mais tardia e no gnosticismo.⁸⁹

Segundo Platão, o Demiurgo criou este mundo por amor ao bem e por bondade, portanto o mundo não pode ser corrompido, pois não há traço de corrupção em sua formação. Entretanto, o mal vem da irreducibilidade do caótico, ou seja, da matéria sensível ao inteligível (do irracional ao racional). Portanto, o mundo sensível, é uma espécie de imitação do inteligível, tal qual uma pintura de uma árvore é uma imitação da árvore verdadeira. O filósofo Platão foi o primeiro a trazer o conceito de

⁸⁸ MAZZAROLO, I. *O apóstolo Paulo: o grego, o judeu e o cristão*, p. 57.

⁸⁹ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 565.

Bem ao ponto de vista ontológico, identificando-o com o princípio primeiro e supremo do Uno, do qual depende toda a realidade, desta forma, o Bem se identifica com a imitação do divino, onde o Bem metafísico consiste na alma ordenada e plasmada segundo a ordem do mundo ideal.⁹⁰

1.3.4 Fílon de Alexandria

Pouco se sabe sobre a vida pessoal de Fílon de Alexandria (também conhecido pela tradição latina como Philo Judæus, denominação atualmente em desuso), nem mesmo as datas precisas de seu nascimento e de sua morte. Os estudiosos em geral, com algumas variações, acreditam que ele tenha vivido no período entre 20 a. C. e 50 d. C.⁹¹ O pouco que se sabe de sua vida pessoal é que ele fazia parte de uma rica e influente família judia de Alexandria. “Fílon (c. 30 a. C.- 45 d. C.) era um erudito judeu que escreveu extensamente a respeito do Pentateuco, usando o método alegórico para fazer os textos apresentarem lições de filosofia e ética. Suas obras mostram um conhecimento perfeito da literatura, da filosofia e da retórica clássicas.”⁹²

Seu irmão, Alexandre Lysímaco, supostamente um funcionário ligado à administração econômica da região, é referido por Flávio Josefo em suas *Antiquitates iudaicæ* e *Bellum iudaicum*. Embora tenha chegado a ser preso por ordem de Calígula (37-41 d.C.), Alexandre é libertado por Cláudio quando este se torna imperador (41-54 d.C.), mantendo relações próximas com ele e sua mãe. Seu filho Marcos Júlio Alexandre, sobrinho de Filon, casar-se-ia com Berenice, filha de Herodes Agrippa I (neto de Herodes, o Grande), mas o filho mais frequentemente citado é Tibério Júlio Alexandre. Este último teria abandonado o Judaísmo e seguido carreira política a serviço de Roma, tornando-se procurador da Judeia entre 46 e 48 d.C. Mais tarde, entre os anos 66 e 70 de nossa Era – justamente o período do conflito que culminou na destruição do segundo Templo de Jerusalém e na Diáspora –, Tibério chega ao posto de governante do Egito, conforme também relata Josefo em suas obras.⁹³

⁹⁰ Cf. REALE, G. *História da filosofia: Filosofia pagã antiga*, p. 141.

⁹¹ Cf. MORAES, D. *O logos em Filon de Alexandria: a fronteira entre o pensamento grego e o pensamento cristão nas origens da teologia bíblica*, p. 18.

⁹² HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 566.

⁹³ MORAES, D. *O logos em Filon de Alexandria: a fronteira entre o pensamento grego e o pensamento cristão nas origens da teologia bíblica*, p. 18.

Fílon, influenciado pelas escolas helenísticas do platonismo, do estoicismo e do pitagorismo, que vigoram em sua época, e acreditando que a verdade só pode ser única, intenta traduzir em linguagem filosófica o conteúdo profundo que encerra a narrativa bíblica, a mensagem da Torah. Sua ideia central é que aquilo que os filósofos vinham procurando como o princípio do ser e do cosmo não era tão diferente daquilo que a tradição judaica vinha cultivando sob a forma de revelação. Como crê que o Pentateuco é anterior ao nascimento da filosofia. Fílon chega mesmo a declarar que essa é devedora de Moisés, que, assim, teria sido o primeiro filósofo.

Embora a filosofia de Fílon fosse bastante grega, ele permaneceu leal ao judaísmo, defendendo o monoteísmo e a inspiração divina da lei* judaica. Ele ainda considerava o sentido literal da lei um companheiro necessário de seu sentido alegórico e a obediência à lei necessária para seguir o caminho da perfeição espiritual (Migr.Abr. 16,93; 25,457-26,458). Como Paulo, Fílon considerava Abraão* (juntamente com Isaac e Jacó) modelo importante para a pessoa virtuosa, de certo modo superior à lei. Ele dizia que Abraão alcançara uma vida perfeita “segundo a natureza”; os patriarcas eram “leis vivas”, enquanto o código mosaico era apenas um registro do estilo de vida dos patriarcas (Abr. 1,5-66; II,52; 46,276; Migr. Abr. 22,127-23,131). E Abraão não representava simplesmente uma pessoa histórica, mas sim a viagem de toda alma que busca a Deus (Abr. 14,66; 15,68; Migr. Abr. 1,2).⁹⁴

Baseado na tríade Deus, homem e cosmos, o conceito de criação assenta as diretrizes da sabedoria em dimensão humana. A contemplação do cosmos é via básica (embora não a única) na aquisição da sabedoria. Porque a sabedoria, para Fílon, é como uma potência de Deus que se torna manifesta no cosmos criado. “Para Fílon, a vida virtuosa era uma viagem da alma que terminava em uma comunhão mais estreita com os “poderes” divinos intermediários de Deus no mundo.”⁹⁵

1.3.5 Cínicos

⁹⁴ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 567.

⁹⁵ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 567.

Segundo Mazzarolo, o surgimento do cinismo começa com: “Diógenes, Sócrates e um discípulo seu, Antístenes, são os pais do cinismo.”⁹⁶ O nome cínico significa “igual a um cão”. Parece que palavra “cão” foi lançada aos primeiros cínicos como um insulto por sua rejeição descarada quanto às convenções sociais e sua decisão de viver nas ruas. “Este é uma das primeiras escolas filosóficas helenísticas que constitui um corpo pensante”.⁹⁷

O fundador do Cinismo do ponto de vista da doutrina (ou, pelo menos, de suas teses capitais) foi Antístenes, como já sabemos. Mas coube a Diógenes de Sinope a ventura de tornar-se o principal expoente e quase o símbolo desse movimento. Diógenes foi contemporâneo (mais velho) de Alexandre. Um testemunho antigo registra ademais que ele "morreu em Corinto no mesmo dia em que Alexandre morreu na Babilônia".⁹⁸

Primeiro vem o cinismo e depois vem o estoicismo: “o cinismo foi predecessor do estoicismo; com freqüência, é considerado mais um modo de vida que uma filosofia.”⁹⁹ Foi uma corrente filosófica fundada por Antístenes, discípulo de Sócrates e como tal praticada pelos cínicos. Para os cínicos, o propósito da vida era viver na virtude, de acordo com a natureza. Como criaturas racionais, as pessoas podem alcançar a felicidade através de um treinamento rigoroso e ao viver de modo natural para os seres humanos, rejeitando todos os desejos convencionais de riqueza, poder, sexo e fama. Em vez disso, eles estavam a levar uma vida simples livre de todas as posses. “Suas reflexões caracterizavam-se por um desprezo às coisas materiais.”¹⁰⁰

⁹⁶ MAZZAROLO, I. *O apóstolo Paulo: o grego, o judeu e o cristão*, p. 56.

⁹⁷ MAZZAROLO, I. *O apóstolo Paulo: o grego, o judeu e o cristão*, p. 56.

⁹⁸ REALE, G. *História da filosofia: Filosofia pagã antiga*, p. 253.

⁹⁹ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 566.

¹⁰⁰ MAZZAROLO, I. *O apóstolo Paulo: o grego, o judeu e o cristão*, p. 56.

O famoso Diógenes de Sínope (fundador do cinismo) viveu em um tonel, tendo como bens apenas uma túnica e uma taça, e acabou por desistir da taça. O cínico era conhecido pela túnica rasgada e por mendigar (embora se dissesse que alguns trabalhavam). Tipicamente, rejeitavam normas sociais e se orgulhavam de sua “impudência”, embora se considerassem reformadores morais. O ideal cínico de “ousadia” (parrêsia) no discurso manifestava-se na pregação pública, que com frequência era cáustica, abusiva e arrogante ao expor os “pecados” da plateia. Eles comparavam seus modos à cirurgia em um paciente com gangrena. Parece que nunca se interessaram pelo pensamento especulativo e limitavam a atenção em geral à ética. De todas as escolas, os cínicos eram os mais dispostos a trabalhar com gente comum.¹⁰¹

Os Cínicos tinham um desprezo pelo prazer, já pregado por Antíteses, pois para eles, o prazer não só debilita o físico e o espírito, mas põe em perigo a liberdade, tornando o homem escravo, de vários modos, das coisas e dos homens aos quais os prazeres estão ligados. Inclusive o matrimônio era contestado pelos cínicos, que os substituíam pela convivência concorde entre homem e mulher. Até mesmo a cidade era contestada, para o cínico eles se proclamavam cidadão do mundo.¹⁰²

Diógenes levou o cinismo aos seus extremos lógicos e passou a ser visto como o arquétipo de filósofo cínico. Ele foi seguido por Crates de Tebas que abriu mão de toda sua fortuna para que pudesse viver uma vida de pobreza cínica em Atenas.

1.4 A FUNDAÇÃO DA COMUNIDADE PAULINA EM CORINTO

Após ter pregado o evangelho em Atenas, depois do discurso de Paulo no areópago, onde se deu o encontro do Evangelho com a cultura grega, Paulo se retira e vai para Corinto. “Após uma frustração no seu discurso aos filósofos gregos no Areópago de Atenas (At 17, 22-34), Paulo se dirige a Corinto.”¹⁰³ Segundo Murphy-o’Connor, “Paulo nada nos diz sobre sua visita fundadora a Corinto, com a exceção do fato de estar acompanhado de Silvano e Timóteo (2 Cor 1,19; cf. At 18,5).”¹⁰⁴ “Quando Paulo, Timóteo e Silas saíram de Atenas para Corinto, tinham pela frente 80 quilômetros de caminhada.”¹⁰⁵

¹⁰¹ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 566.

¹⁰² Cf. REALE, G. *História da filosofia: Filosofia pagã antiga*, p. 255.

¹⁰³ MAZZARLO, I. *Segunda carta aos Coríntios: Exegese e comentário*, p. 17.

¹⁰⁴ MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 122.

¹⁰⁵ MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso: História de um Apóstolo*, p. 100.

Paulo viera de Atenas para Corinto. Não sabemos se o fez por terra, viajando pelo istmo, ou por navio. Tinha realizado aquele grande e emocionante itinerário em que, contra suas intenções originais (At 16.6s), o Espírito o dirigiu de forma especial, até mesmo por meio de uma visão noturna, da Ásia para a Europa. Na Macedônia, sua evangelização em Filipos e Tessalônica levaram à fundação de igrejas. Contudo, depois de pouco tempo eventos tumultuados o forçaram a sair de ambas as cidades.¹⁰⁶

Ele se dirige para Corinto e permanece ali por um ano e meio, pregando aos coríntios. Informações sobre os inícios da comunidade se encontram em At 18.1-17. Durante este período, muitas pessoas foram convertidas e batizadas, aceitando a fé cristã.

O Apóstolo faz, ao menos, três visitas a Corinto: a primeira, e a mais longa, se dá entre 50-51, ficando por 18 meses (At 18, 1-18); a segunda acontece de modo inesperado no verão de 54; a terceira, na qual permanece por três meses, no inverno de 55-56 (2Cor 13, 1-2).¹⁰⁷

Para Mazzarolo, “Paulo chega a corinto sozinho no outono de 50 d. C., enquanto Timóteo e Silas (e, provavelmente, Lucas) se ocupam da fundação das igrejas da Macedônia (At 18,5; 1Ts 3,1; 1Cor 1,19).”¹⁰⁸ Os cristãos de Corinto não eram muitos, talvez não fossem mais que uma centena de pessoas. Provavelmente não tinham a mesma origem, provinham de raças distintas. Pelo que tudo indica, a maioria era formada por pessoas pobres, marginalizadas e ignorantes à vista da sociedade.

¹⁰⁶ BOOR, W. *Cartas aos Coríntios: Comentário esperança*. p.20.

¹⁰⁷ MAZZARLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e comentário*, p. 17.

¹⁰⁸ MAZZARLO, I. *Segunda carta aos Coríntios: Exegese e comentário*, p. 17.

De acordo com os Atos dos apóstolos (cf. 17, 16-34), a pregação de Paulo às elites de Atenas foi um verdadeiro fracasso. Os sábios e poderosos dessa cidade, ‘que passavam o tempo a contar ou a ouvir as últimas novidades’ (cf. At 17,21), deram um golpe fatal no ‘ego farisaico’ que ainda mostrava sinais de vida nesse evangelizador itinerante. As elites, sem querer, acabam mostrando a Paulo que ele deve tomar outro caminho, o dos empobrecidos.¹⁰⁹

A situação geográfica levou Paulo a evangelizar, pois Corinto era um centro pelo qual o Evangelho poderia irradiar-se a regiões vizinhas pela grande população que aí se apregoava e era seguro de ampla divulgação. “Corinto oferecia vantagens que Atenas não tinha e facilitava o plano missionário de Paulo.”¹¹⁰ Paulo permaneceu pelo menos 18 meses na cidade e depois disto houve um levante contra ele e foi levado diante do procônsul Galião. De acordo com At. 18,2, Paulo ficou na casa de Áquila e Priscila, vindos a pouco de Roma, donde foram expulsos por um decreto do Imperador Cláudio no ano 49 e com eles trabalhava.

Imediatamente ele se associa com Priscila e Áquila, um casal de judeus expulsos de Roma pelo decreto de Cláudio, e, segundo informações de Suetônio, essa expulsão teria sido decretada entre 49-50. Eles eram recém-chegados e exerciam a mesma profissão, isto é, fabricantes de tendas. Paulo hospedou-se com eles e se envolvia durante a semana na mesma atividade (At 18,3).¹¹¹

As igrejas, nos primeiros tempos, eram comunidades domésticas que tinham as casas dos cristãos como sede e aí se formavam as assembleias. Conforme Mazzarolo, muitas vezes as casas serviam de abrigos ou lugar de pouso para os missionários e evangelizadores que vinham de outros lugares.¹¹²

¹⁰⁹ BORTOLINI, J. *Como ler a Primeira Carta aos Coríntios: Superar os conflitos em comunidade*, p.7.

¹¹⁰ MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 121.

¹¹¹ MAZZARLO, I. *Segunda carta aos Coríntios: Exegese e comentário*, p. 17.

¹¹² Cf. MAZZARLO, I. *Segunda carta aos Coríntios: Exegese e comentário*, p. 19.

A maioria dos crentes não estava na mesma condição, mas não era do nível mais baixo da sociedade. Conhecemos os nomes de dezesseis indivíduos da Igreja de Corinto. Dois eram casados (Prisca e Áquila). Duas eram mulheres (Prisca e Febe). Seis eram de origem claramente judia (Áquila, Prisca, Crispo, Sóstenes, Jasão e Sosípater). Três certamente eram gentios (Gaio, Erasto e Tício Justo). Outro não eram fáceis de classificar (Acaio, Fortunato, Lúcio, Quarto, Estéfanos e Tércio), porém Tércio, como estenógrafo profissional, poderia ter sido escravo; o nome latino Acaico, ‘homem da Acaia’, queria dizer que tinha sido escravo na Itália antes de voltar para casa e viver como homem livre.¹¹³

Assim, inicia-se ali uma comunidade cristã fundada pelo apóstolo Paulo, e que, após sua partida, foi liderada por Apolo. Passaram-se alguns anos e Paulo agora estava em Éfeso, onde recebeu informações dos da casa de Cloé não muito agradáveis sobre a igreja de Corinto. A igreja agora estava cercada por tensões e conflitos que cresciam a todo o momento.

É a partir dessas composições das igrejas domésticas que se pode entender de modo mais claro os conflitos entre os grupos mencionados em 1Cor 1, 10-17; 4,6: uns são de Cefas, outros de Apolo e outros de Paulo e os independentes se dizem de Cristo.¹¹⁴

Nas cartas de Paulo aos Coríntios há alusões à passagem de Paulo na cidade quando anunciou a mensagem de Jesus Cristo e fundou a comunidade a qual agora aconselhava. Viveu entre eles como artesão e recusou ser sustentado pela comunidade. Ela incluía pessoas humildes, marginalizadas pelos poucos da classe social abastada. Paulo colocava-se junto aos humildes como consequência da mensagem de Jesus Cristo, que encarnou no mundo o projeto de Deus identificando-se com eles.

1.5 AS CARTAS AOS CORINTOS

O Novo Testamento tem 27 escritos dos quais podemos dizer que 21 são cartas. Diz-se ainda, que no Apocalipse há também sete cartas a sete igrejas da Ásia Menor. Era o método pastoral muito em voga e também um estilo de comunicação

¹¹³ MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso: História de um Apóstolo*, p. 109.

¹¹⁴ MAZZARLO, I. *Segunda carta aos Coríntios: Exegese e comentário*, p. 19.

entre cidades e comunidades pagãs. As constantes viagens e as estradas favoreciam este intercâmbio. Também os intelectuais e os sábios que queriam comunicar seu pensamento passavam adiante seu ensino através de cartas.

A palavra grega *epistolé* (“epístola”, “carta”) originalmente referia-se a uma comunicação oral enviada por mensageiro. O termo *cartas* era designação ampla para diversos tipos de documentos no mundo antigo e incluía grande variedade de documentos comerciais, governamentais e legais, e também relatórios políticos e militares, juntamente com outras espécies de correspondência, em especial do tipo pessoal. Paulo adaptou com propósitos cristãos os modelos epistolares greco-romanos. Suas cartas, que há gerações fascinam as pessoas, eram em geral elaboradas ao longo de linhas similares às das cartas helenísticas. Mas o apóstolo, que tinha uma percepção de liberdade em questões literárias, não estava preso a modelos fixos e com frequência combinava costumes helenísticos não-judaicos com costumes judaicos helenísticos.¹¹⁵

Paulo escreveu pelo menos quatro cartas para a comunidade em Corinto. Como percebemos: “1 e 2 Coríntios representam pelo menos duas das quatro cartas ou mais que Paulo escreveu para sua Igreja em Corinto, juntamente com as Igrejas da região da Acaia que rodeavam essa importante cidade romana (1Cor 1,2; 2Cor 1,1; cf. Rm 16,1).”¹¹⁶

Estas cartas pertencem à troca de correspondência entre o apóstolo Paulo e a comunidade de Corinto. Paulo recebeu pelo menos uma carta dos coríntios (1Cor 7,1) e já lhes tinha enviado uma (1Cor 5,9). Estas duas cartas ter-se-iam perdido, e a troca de correspondência entre Paulo e os coríntios deveria ser apresentada assim:

Primeira carta de Paulo (não canônica), perdida; apenas alusão em 1Cor 5,9;

Segunda carta de Paulo (canônica): a 1ª aos Coríntios;

Terceira carta de Paulo (não canônica), perdida: a 2Cor 2,3;

Quarta carta de Paulo (canônica): a 2ª aos Coríntios.¹¹⁷

¹¹⁵ HAWTHORNE, F. MARTIN, P. REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 191.

¹¹⁶ HAWTHORNE, F. MARTIN, P. REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 270.

¹¹⁷ CARRES, M.; DORNIER, P.; DUMAIS, M.; TRIMAILLE, M. *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*, p. 60.

Para alguns estudiosos, Paulo teria mantido uma correspondência muito frequente com esta comunidade, enviando muitos 'bilhetes' com exortações e ensinamentos.¹¹⁸

Da primeira temos notícia em 1 Cor 5,9 e foi perdida. A segunda é a nossa primeira carta aos coríntios. Nesta aponta o partidarismo como um grande problema da comunidade. Por um bom tempo a comunidade encontrou-se desunida, partidarista: seguidores de Paulo, seguidores de Cefas, de Apolo, etc. A terceira carta, entre lágrimas, é noticiada em 2Cor 2,3 igualmente perdida, e a quarta é a nossa 2 Coríntios. A Primeira Carta aos Coríntios, extensa e rica em conteúdo, é um documento da Igreja nascente e uma das fontes de primeira importância para a sua história mais antiga. Proporciona uma imagem viva de uma comunidade cristã nova numa grande cidade grega de então.

A primeira Carta aos Coríntios foi escrita quando Paulo estava em Éfeso (1Cor 16,8), durante a terceira viagem missionária, por ocasião da Páscoa, portanto nos primeiros meses do ano 57. A Segunda seria pelo fim do mesmo ano, quando Paulo, saindo de Éfeso, viajava pela Macedônia (2Cor 7,5) e talvez estivesse em Filipos. A Carta pré-canônica, assim chamada porque seria anterior à listagem oficial "canônica" das cartas de São Paulo. Em 1Cor 5,9-13, Paulo fala de uma carta anterior para orientar sobre o relacionamento com pessoas devassas e corruptas. Essa carta se perdeu. Os motivos que levaram Paulo a escrever a Primeira Carta aos Coríntios foram: informações recebidas do pessoal da casa de Cloé sobre problemas da comunidade, como divisões, incesto (1Cor 5,1), brigas internas levadas ao tribunal da cidade. Resposta a uma carta da comunidade (1Cor 7,1) pedindo orientações sobre casamento (1Cor 7,1-40) consumo de carne oferecida aos ídolos (1Cor 8,1-11,1) e comportamento nas assembleias (1Cor 11,2-16,24). Paulo fala da loucura da Cruz e a sabedoria do mundo (1Cor 1,17-4,13), a ressurreição de Cristo e a nossa ressurreição (1Cor 15,1-58), também oferece instruções, projetos e recomendações (16, 1-24).¹¹⁹

Paulo escreveu em vista aos desafios, dificuldades e problemas vivenciados pela comunidade. Elas constituem o pano de fundo da carta e das orientações. De modo geral, a carta revela três níveis de dificuldade:

¹¹⁸ MAZZAROLO, I. *A Bíblia em suas mãos*, p. 166.

¹¹⁹ Cf. CARRES, M.; DORNIER, P.; DUMAIS, M.; TRIMAILLE, Michel. *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*, p. 61.

As divisões da comunidade geradas pelos diferentes missionários, com diferenças de método e visão, e os opositores que combatem o trabalho de implantação do Evangelho; Os conflitos gerados pela falta de ética, pobreza social e religiosa, com grandes dificuldades de passagem do paganismo para o cristianismo; Conflitos com a figura de Paulo, sua autoridade e seu método.¹²⁰

Esses capítulos, especialmente os situados entre o capítulo 12 e 15, abordam problemas da Comunidade Cristã, onde Paulo resgata a comunidade dos perigos em que incorre em desviar-se da proposta de Cristo e mostra as grandes verdades e a nova pedagogia do Reino de Deus.¹²¹

¹²⁰ MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e comentário*, p. 20.

¹²¹ MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e comentário*, p. 20.

2 A CRISE DE PERTENÇA NA COMUNIDADE DE CORINTO

2.1 AS DIVISÕES NA COMUNIDADE: ANÁLISE DO TEXTO 1COR 1, 10-16

Passaram-se alguns anos e Paulo agora estava em Éfeso, quando recebe informações não muito agradáveis dos da casa de Cloé sobre a igreja de Corinto. “Quando começou a época da navegação no fim de abril de 54 d. C., uma rica comerciante de Éfeso, Cloé, enviou alguns de seus empregados a Corinto.”¹²² Os relatos trazidos pelos familiares de Cloé, deixou Paulo preocupado. Não se sabe se Cloé morava em Éfeso ou em Corinto e nem se a expressão ‘casa de Clóe’ indicaria parentes ou escravos, mas de qualquer modo, são informantes que vêm de Corinto, cidade onde moravam ou que haviam visitado.¹²³

A igreja agora estava cercada por tensões e conflitos que cresciam a todo o momento. Talvez pela diversidade étnica e social dos crentes que formavam a comunidade de Corinto, alguns conflitos começaram a surgir na igreja após a partida de Paulo. O fato de a comunidade reunir pessoas com tal diversidade pode ter causado uma desestabilidade emocional e espiritual na igreja de Corinto. Na igreja havia cidadãos ricos e pobres, como também judeus e gentios convertidos ao cristianismo. Depois da partida de Paulo, a comunidade se desuniu, formando grupos simpatizantes com este ou aquele agente pastoral que passava pela cidade. Surge, então, uma divisão interna na igreja, que fez com que as pessoas se afastassem uma das outras. Isto fez com que Paulo enviasse Timóteo para Corinto. Fazendo com que Timóteo e Paulo se afastassem por pelo menos seis semanas, entre o início de maio a meados de junho, devido as condições das navegações entre Éfeso e Corinto. Timóteo já era de confiança, pois já cumprira missão semelhante em Tessalônica.¹²⁴

Para Mazzarolo, os conflitos se davam entre ortodoxia e ortopraxis. Estes que professavam a ortodoxia apostavam na doutrina e muitas vezes negavam o amor e a caridade para salvar a doutrina. Aqueles que seguiam a ortopraxis, podiam até

¹²² MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 284.

¹²³ CF. BARGAGLIO, G. *As cartas de Paulo (II)*, p. 178.

¹²⁴ Cf. MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 285.

transgredir a lei, mas não negavam o amor e a misericórdia ao necessitado. Enquanto para a ortodoxia seria possível negar a caridade, mas não descumprir nenhuma lei.¹²⁵

‘Eu sou...’ exprime um laço não puramente convencional. Em particular, deviam atribuir ao chefe, ou melhor, à ideologia por ele representada, um papel naquela consciência lúcida de cristãos iluminados, que orgulhosamente ostentavam. Concretamente, julgavam encontrar aí sua identidade e definição. Pode-se falar que seu ser cristão dependia do mestre escolhido e de seu pensamento.¹²⁶

As informações que Paulo recebera não eram muitas e poucas delas eram boas. Paulo soube que havia divisões na igreja, que estava dividida em 4 grupos. Grupos que se formaram em torno de personalidades, de pessoas que tinham tido uma participação no passado recente da igreja, como o próprio Paulo e Apolo. Havia também um grupo de Cefas e até um grupo que se dizia de Cristo. Eles diziam que não eram seguidores de homem algum e sim de Cristo. Era como se dissessem: não queremos estar debaixo da orientação ou da instrução e autoridade de qualquer homem porque recebemos tudo diretamente de Cristo. Estes se consideravam superiores aos outros.

Paulo começa atacando corajosamente uma perigosa tendência de se converterem em ‘seitas’, que ameaçavam a unidade compacta da comunidade coríntia.

A este respeito, alude a quatro partidos incipientes:

- 1º - o do próprio Paulo, fundador da comunidade de Corinto;
- 2º - o de Apolo, o eloquente pregador alexandrino, enviado de Éfeso;
- 3º - o de Cefas (ou Pedro), que, sem ter visitado Corinto, já era não obstante, considerado como a primeira figura das comunidades cristãs em geral;
- 4º - o de Cristo, criado, sem dúvida, por alguns cristãos de origem palestinese, que conheceram Jesus pessoalmente e que, baseados nesta condição, se consideravam superiores e separados do resto da comunidade.¹²⁷

A questão em jogo era quem tinha maior controle, qual grupo tinha mais prestígio e quem tinha mais influência na igreja. A igreja estava dividida em grupos e cada um seguia um líder, cada qual procurando obter a supremacia sobre o outro, independentemente de qualquer coisa, ainda que isto afetasse a comunidade tanto

¹²⁵ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p. 21.

¹²⁶ BARGAGLIO, G. *As cartas de Paulo (II)*, p. 178.

¹²⁷ GONZÁLES RUIZ, J. *O evangelho de Paulo*, p. 54.

moral quanto socialmente. Segundo Boor, “o perigo começou apenas quando essa gratidão passou a ter um peso errado e os mensageiros de Jesus se tornaram mais importantes que o próprio Jesus.”¹²⁸

Parece que o relacionamento especial de alguns membros da comunidade com as pessoas que os batizaram levou a uma divisão do corpo de Cristo que atingia a comunidade inteira. Os batizados individuais entendiam o ato do batismo provavelmente como iniciação numa sabedoria pneumática mediada essencialmente pelo batizador. Portanto, os crentes em Corinto sabiam-se obrigados em relação a nomes específicos e derivavam sua identidade desses nomes; Paulo, porém, remete unicamente ao nome de Cristo.¹²⁹

A igreja local não tinha lideranças capazes de contornar essa fragmentação. Os membros da comunidade não sabiam a quem seguir, tinham se perdido em sua conduta, se é que alguma vez tiveram a noção de certo ou errado no que diz respeito ao estilo de vida cristão. Eles viviam como as outras pessoas da sociedade. A diferença era que, agora, faziam parte de um grupo de crentes que aceitaram o evangelho pregado por Paulo, mas, pelo que parece, não faziam jus a esta suposta conversão. As contendas entre os irmãos eram comuns, sem contar que eles não procuravam resolver os problemas pacificamente, mas levavam as demandas pessoais às instâncias jurídicas públicas, aumentando ainda mais o descrédito sobre o nome e a fé que eles professavam.

2.2 PERTENÇA A PAULO

Paulo era o fundador apostólico da igreja de Corinto (At 18, 8-11), e no conflito com Apolo, ele cita que algumas pessoas de Corinto o criticam por sua fala nula ou má vontade de falar com eloquência. Paulo não tinha fala habilidosa, ele reitera que não vinha com prestígio da palavra nem da sabedoria.¹³⁰

¹²⁸ BOOR, W. *Carta aos Coríntios*, p. 42.

¹²⁹ SCHNELLE, U. *Paulo: vida e pensamento*, p. 243.

¹³⁰ Cf. HAWTHORNE, F. MARTIN, P. REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 113.

A pregação de Paulo, dizia-se por lá, teria sido minimalista. Ele teria pregado um Cristo crucificado como exemplo do modo humano autêntico de ser (1Cor 2,1-5) e não viu necessidade alguma de fazer maiores especulações teológicas. Tinha mais na mente a evidência do poder da Graça para transformar sua vida e a dos outros (2Cor 3,2).¹³¹

Ele chega a dizer que os gerou em Cristo. É provável que esse grupo tenha participado da fundação da igreja e se viam como uma categoria especial de crentes. É também possível que esse grupo fosse formado pelos gentios que rejeitavam o legalismo judaico. Sendo Paulo um judeu helenista, sua igreja era mais aberta e inserida no mundo helenístico. A mulher participava de quase todas as atividades sociais e religiosas e inclusive na presidência de cultos religiosos no mundo grego e, Paulo em suas comunidades, também permite que elas participem.¹³²

Um dos pilares da comunidade de Paulo é a liberdade. Ele mesmo em Gálatas 5,1 acentua que é para a liberdade que Cristo nos libertou. Neste caminho ele afirma a condição cristã diante da Lei, das tradições dos antepassados e das amarras jurídicas da cultura.¹³³

A linguagem do grupo de Paulo são os conservadores que o acusam de pregar a libertinagem. Para eles era permitido fazer tudo (1Cor 6,12, mas esse era o lema dos Coríntios libertinos, por isso ele acrescenta – nem tudo me convém). Neste sentido, “a formação de um grupo de Apolo e um grupo de Paulo era inevitável a partir do momento em que Apolo entrou em cena”¹³⁴

¹³¹ MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso: História de um Apóstolo*, p. 177.

¹³² Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p. 24.

¹³³ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p. 25.

¹³⁴ MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso: História de um Apóstolo*, p. 177.

[...] frequentavam prostitutas dizendo que Paulo lhes ensinara que estavam livres de qualquer lei (1Cor 6, 12-20). Tal compreensão infantil da insistência de Paulo de que não havia mais a tradicional diferenciação entre homens e mulheres na Igreja expressou-se na aceitação, por parte da comunidade, de um homossexual, com refinado penteado feminino, como líder da assembleia litúrgica (1Cor 11, 2-16). Além do mais, Paulo tinha dito: ‘não há mais macho nem fêmea’ (Gl 3,28). Como se isso não escandalizasse bastante os empregados de Cloé, viram como a reunião eucarística se dividia em dois grupos: os que tinham muito para comer e beber e os que não tinham nada (1Cor 11,17-34). A partilha que caracterizava a Ceia do Senhor não existia.¹³⁵

Paulo vai anunciar o Evangelho aos pagãos e o princípio deste anúncio era que não existe mais diferença entre escravos e livres, judeus e gregos, homem e mulher (Gl 3,28; Rm 10,12; Cl 3,11). Ele priorizou a pedagogia da inclusão na sua pregação, e isso fez com que pudesse navegar de modo autônomo no mundo greco-romano, enquanto os outros tinham enormes dificuldades de ordem cultural ou entraves do passado que impediam a boa Nova a estes destinatários.¹³⁶

Uma das questões acerca das divisões que Paulo indica em 1Cor 11, nos versículos 18 e 19 é a de que ocorreria algo semelhante na Ceia do Senhor. O indivíduo identificado como mais poderoso, sentaria primeiro nos melhores lugares durante a Ceia, ao passo que os demais participantes ocupariam lugares menos honrados, acomodando-se onde melhor coubesse espalhados pela casa.

Paulo continua a admoestar a comunidade em 1Cor 11, corrigindo-os, que quando vos reunis, o que fazei não é comer a Ceia do Senhor, mas que cada um se apressa por comer a sua própria ceia. E, enquanto um passa fome, o outro fica embriagado. Ele ainda pergunta: Não tendes casas para comer e beber? Ou desprezais a Igreja de Deus e quereis envergonhar aqueles que nada têm? (Cf. 1Cor 11, 20-22)

Após fazer críticas aos grupos, ele se dirige ao seu grupo, dizendo que está contente por ter batizado apenas alguns poucos membros da igreja em Corinto. Para que assim, ninguém diga que fostes batizados em seu nome.¹³⁷

Para Mazzarolo, Paulo argumenta que o fundamento da comunidade cristã não está em quem batiza, pois o batismo pode ser uma forma de exaltar o batizador.

¹³⁵ MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso: História de um Apóstolo*, p.178.

¹³⁶ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p.42.

¹³⁷ Cf. BOOR, W. *Carta aos Coríntios*, p. 45.

Ele entende que a evangelização é mais importante do que o rito do batismo (1Cor 1,16). Ele sabe o quanto é importante o batismo, como sinal de pertença e ingresso na comunidade cristã, mas em virtude das divisões que tem causado, ele vai deixá-lo num lugar inferior. Assim, Paulo coloca a evangelização como prioridade, vinculando a pessoa batizada a Jesus Cristo e não a ele próprio.¹³⁸

Paulo batizou poucos em Corinto, isso ele reflete dizendo que batizou Crispo e Gaio, também batizou a casa de Estéfanos e não lembra mais se batizou algum outro (cf. 1Cor 1, 13ss).

O homem que escreveu Rm 6 não considerava o batismo de pouco valor. Mas é verdade que precisava primeiro ser criada a premissa para o batismo, sem a qual ele nem sequer seria possível. Somente poderia ser entregue ao domínio de Jesus aquele que o conhecia e que reconhecia nele o Salvador indispensável ao qual desejava pertencer de todo coração. Por isso 'evangelizar' de fato era a primeira e mais necessária obra, que consumia todo o tempo e todas as energias de Paulo.¹³⁹

Paulo está dizendo que é errado identificar qualquer nome de homem no seu batismo além do nome de Jesus. Assim, em vez de honrar a Jesus e promover a unidade da igreja, essas pessoas exaltavam os homens e criavam a desunião dentro da igreja. Paulo não tinha uma lista de quantos batismos havia feito. O importante é ser batizado em nome de Jesus. O seu batismo não vincula você com a pessoa que o batizou, mas vincula você com Cristo.

Paulo vai colocar os alicerces da sua teologia na cruz de Cristo, perguntando: foi Paulo crucificado por vós? Agora ele levanta um dos grandes temas desse capítulo, a cruz de Cristo. A cruz ocupa um lugar central na proclamação do evangelho. E tanto o ponto central de uma vida de auto renúncia quanto o instrumento designado de salvação. Paulo introduz um contraste entre o poder do evangelho e a fraqueza da sabedoria humana. Ele mostra que os grupos que existiam dentro da igreja olharam para a cruz em perspectivas diferentes. Paulo diz: “[...] mas nós pregamos a Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios; mas para os que foram chamados, tanto judeus como gregos, pregamos a Cristo, poder de Deus e sabedoria de Deus” (1Cor 1,23-24).

¹³⁸ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p.43.

¹³⁹ BOOR, W. *Carta aos Coríntios*, p. 45.

2.3 PERTENÇA A APOLO

As divisões ou grupos são apresentados em 1Cor 1-4, onde vemos Paulo, explicitamente, preocupado com as divisões na comunidade em cujos membros acreditavam na posse da sabedoria, onde olhavam com superioridade os outros, e até tratando como criancinhas quem não tinha ainda alcançado a mesma posição espiritual. Na linguagem de Apolo, reflete o seguimento a filosofia de Fílon de Alexandria, que faz a distinção entre o homem celeste e o homem terreno. Onde o corpo é mau por natureza e traiçoeiro para a alma. Por isso, também os coríntios davam muita importância à glossolalia, quando reconhecem que, para Fílon, a posse deste espírito profético se expressava em êxtase, loucura, frenesi inspirado, e este falar em línguas misteriosas para eles, significaria favorecer que eram superiores aos demais.¹⁴⁰ “A ‘Gente do Espírito’, em outras palavras, era a fonte dos problemas tratados em treze dos dezesseis capítulos de primeira carta aos Coríntios.”¹⁴¹ E quem trouxe para Corinto esta estrutura filosófica inspirada em Fílon foi um cristão chamado Apolo.

Apolo (At e 1Cor), judeu originário de Alexandria, encontrou, em Éfeso, Áquila e Priscila, que lhe ensinaram o Caminho (a doutrina cristã). Esteve em Corinto. Aí um grupo o reivindicava como “patrono” (1Cor 1, 11-12; 2,4-6,22; 4,6; 16,12). Os partidários de Apolo apreciavam a retórica, as alegorias da eloquência e os discursos de sabedoria.¹⁴²

Apolo pode ser a abreviação de Apolônio, pois embora os dicionários sejam unânimes em apresentá-lo como abreviação de Apolônio, o nome ‘Apolônio’ era muito comum em ambientes helênicos.¹⁴³ Segundo Mazzarolo, “ele queria ser missionário:

¹⁴⁰ Cf. MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 287.

¹⁴¹ MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso: História de um Apóstolo*, p. 182.

¹⁴² CARREZ, M. et al. *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*, p. 81.

¹⁴³ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p. 22.

talvez seja essa a razão de ele, depois de ser instruído no Caminho (Jesus e seu Evangelho), despedir-se de Éfeso e ir para Corinto (At 18,27).¹⁴⁴

Os cristãos de Corinto não eram muitos, talvez não fossem mais que uma centena de pessoas. A sua quantidade de membros, “supomos, pois, que havia pelo menos quarenta fiéis.”¹⁴⁵ Provavelmente não tinham a mesma origem, provinham de etnias distintas. Pelo que tudo indica, a maioria era formada por pessoas pobres, marginalizadas e ignorantes à vista da sociedade. Assim, inicia-se ali uma comunidade cristã fundada pelo apóstolo Paulo, e que, após sua partida, foi liderada por Apolo.

Ao dizer ‘eu plantei, Apolo regou’(1Cor 3,6), Paulo confirma de modo explícito, que Apolo exerceu em Corinto um ministério posterior ao dele.¹⁴⁶ “Aparentemente, o cisma mais significativo em Corinto era entre os que se identificavam como de Paulo e os que afirmavam fidelidade a Apolo.¹⁴⁷

Para Mazzarolo, Apolo está entre Paulo, Silas, Timóteo, Barnabé e Tito, como uma das grandes capacidades intelectuais dos primeiros cristãos.¹⁴⁸ “Era um homem eloquente, versado nas Escrituras, instruído sobre Jesus Cristo pela voz do Senhor, mas que ainda não sabia corretamente em que consistia o Evangelho.”¹⁴⁹

Sobre Apolo, Murphy-O’Connor salienta que era formado em retórica, tinha formação intelectual avançada e poderia ser melhor que Paulo, pois o ultrapassaria num ponto, já que tivera a vantagem de ser discípulo de Fílon, o grande intelectual do judaísmo alexandrino que levava seus discípulos a uma nova perspectiva sobre a Lei, conduzindo-os a aceitar a cultura como o ambiente pagão.¹⁵⁰

¹⁴⁴ MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p. 23.

¹⁴⁵ MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 284.

¹⁴⁶ MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 280.

¹⁴⁷ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 112.

¹⁴⁸ Cf. MAZZAROLO, I. *Atos dos apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo*, p. 236.

¹⁴⁹ MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p. 22.

¹⁵⁰ Cf. MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso: História de um Apóstolo*, p. 143.

Lucas fornece três informações instrutivas: 1) Apolo é anèr logios (“homem eloquente”); 2) com respeito à exposição do AT, ele é dynatos (“forte”); 3) quanto à capacidade para citar o AT para a comunidade da sinagoga, ele é homem epideiknys, “que mostra” ser Jesus o Messias.¹⁵¹

Mesmo tratando-se de um nome de tipo batista ou pré-cristão, ele era um fervoroso judeu de Alexandria do Egito. “A identificação de Apolo como ‘originário de Alexandria’ (At 18,24) é significativa, pois o movimento sofístico prosperou em Alexandria durante esse período.”¹⁵² Lucas no livro dos Atos o define como um homem eloquente e muito versado nas Escrituras, cheio de fervor (At 18, 24-25). A entrada de Apolo no cenário da primeira evangelização acontece na cidade de Éfeso: tinha ido ali para pregar e ali teve a ventura de encontrar o casal cristão Priscila e Áquila, que o introduziram a um conhecimento mais completo do caminho de Deus. Conforme Murphy-O’Connor, Apolo ensinava com exatidão o que concernia a Jesus, mas mesmo assim, ele precisava de mais instrução, pois, como poderia falar com exatidão sobre Jesus, se só conhecia o batismo de João?¹⁵³ Conforme Mazzarolo, o método de Apolo estava mais próximo de João Batista ou dos cristãos alexandrinos, pois ao chegar em Éfeso, Priscila e Áquila necessitam instruí-lo melhor no caminho.¹⁵⁴

A passagem por Éfeso caracterizou o caminho de Apolo nessa comunidade, mas pode ter criado dificuldades da mesma natureza em Corinto. Ao chegar a Éfeso (At 19,3), Paulo pergunta à comunidade sobre a sua fé, seus conhecimentos cristãos e se já haviam sido instruídos no Espírito (batizados em Jesus Cristo), mas os efésios retrucaram afirmando não terem ouvido falar sobre a existência do Espírito e haverem sido batizados no batismo de João Batista.¹⁵⁵

Apolo, conhecedor da pregação de João, portanto, pregava um batismo de arrependimento e perdão dos pecados, preparando a vinda do Messias. Segundo

¹⁵¹ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 112.

¹⁵² HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 112.

¹⁵³ Cf. MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 280.

¹⁵⁴ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p. 21.

¹⁵⁵ MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p. 23.

Mazzarolo, esta pregação tinha boa aceitação nas sinagogas porque se reportava a João, pois a fama de João entre os judeus era grande e extrapolava a palestina.¹⁵⁶

Segundo Atos 18,24-28, Apolo era judeu de Alexandria. Lucas apresenta-o em ligação com Éfeso* e com a recente partida de Paulo daquela cidade. Em Éfeso, Priscila e Aquila ouviram a pregação de Apolo na sinagoga. Ao perceber que Apolo já estava familiarizado com o batismo de João, o casal expôs-lhe “mais exatamente ainda o Caminho de Deus”.¹⁵⁷

Essa contenda em Corinto para De Boor, são causados por um processo perfeitamente natural, pois depois que a igreja em Corinto fora fundada por Paulo e seus colaboradores, em especial Silas e Timóteo, a atuação de Apolo trouxe um novo crescimento para ela. Era, portanto, penamente compreensível que as pessoas se apegassem com gratidão especial àqueles por meio de quem haviam recebido o melhor de suas vidas. Este perigo começa apenas quando esta gratidão passa a ter um peso errado e os mensageiros de Jesus se tornam mais importante que o próprio Jesus.¹⁵⁸

O medo de Paulo em relação a Apolo era a de relacionar conceitos filosóficos com ideias religiosas. E Paulo considerava tudo isso uma completa perda de tempo, pois ele anunciava Jesus crucificado como exemplo do autêntico homem e não via necessidade de nenhuma explanação especulativa.¹⁵⁹

Apolo logo encontrou nicho no mundo competitivo da Igreja. A pregação era anti-intelectual. E além dos dons da oratória, tinha a capacidade de associar as coisas, de estabelecer relações entre diversos aspectos da fé. Sendo isso um dos aspectos fundamentais da educação retórica. Apolo, usando os métodos da interpretação e da filosofia de Fílon, conseguiu fazer uma boa síntese intelectual dos elementos que Paulo fornecera.¹⁶⁰ Sendo para Fílon o corpo algo ruim, um cadáver e sempre coisa morta, não é de estranhar que eles negassem a Ressurreição (1Cor 15,12). É natural concluir

¹⁵⁶ Cf. MAZZAROLO, I. *Atos dos apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo*, p. 237.

¹⁵⁷ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. (Org). *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 112.

¹⁵⁸ Cf. BOOR, W. *Carta aos Coríntios: comentário esperança*, p. 42.

¹⁵⁹ Cf. MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo de Tarso: História de um Apóstolo*, p. 143.

¹⁶⁰ Cf. MURPHY-O'CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 282.

que os partidários de Apolo rejeitassem a pregação de Paulo sobre Jesus como Senhor Ressuscitado, entendendo Jesus como um Senhor da Glória, puramente espiritual, e não fazendo a menor ideia sobre quem era o Jesus histórico.¹⁶¹

No livro dos Atos dos Apóstolos (18,28), vemos que Priscila e Áquila mostram o Caminho para Apolo, mas isso não excluiu de surgir um grupo de simpatizantes bem diferentes de Paulo e de Cefas.¹⁶²

Sua forma de pregar própria convencia os judeus, provando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo (18,28). O público alvo de suas pregações eram os judeus, por isso aproximava Jesus de João e do Judaísmo. É possível que o grupo de simpatizantes, por ser a maioria judeus, não se sentisse bem no grupo de Paulo, já que eles não o aceitaram e queriam condená-lo no tribunal romano de Galião (18,12-17).¹⁶³

Paulo na Primeira Carta aos Coríntios expressa apreço pela obra de Apolo, mas reprova os Coríntios por dilacerarem o Corpo de Cristo dividindo-se, assim, em frações contrapostas.

Paulo retornou seus contatos com Corinto no fim do verão de 53 d.C., ou bem no início da primavera de 54 d.C., quando Apolo voltou de lá para Éfeso. Eles nunca tinham se encontrado. Suas personalidades eram muito diferentes, e Paulo tinha criado ressentimentos contra a presença de Apolo entre seus convertidos. No entanto, desde que se conheceram, entenderam-se muito bem. Paulo viu que suas qualidades se complementavam. “Eu plantei, Apolo regou, mas foi Deus quem fez crescer (1Cor3,6).¹⁶⁴

Essa crise em Corinto foi que provocou o encontro entre Paulo e Apolo e que também foi necessário para que fossem colocadas em ordem as coisas, em virtude das recomendações que o Apóstolo fez a seu respeito. E mais tarde, em 1Cor 16,12,

¹⁶¹ Cf. MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso: História de um Apóstolo*, p. 181.

¹⁶² Cf. MAZZAROLO, I. *Atos dos apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo*, p.237.

¹⁶³ MAZZAROLO, I. *Atos dos apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo*, p. 237.

¹⁶⁴ MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso: História de um Apóstolo*, p. 175.

quando Paulo pede para que ele retorne à Corinto, Apolo se negou, talvez evitando o ressurgimento de novas divisões e assim, preservando a unidade.¹⁶⁵

Mas, não podemos concluir que aquilo que Apolo disse foi necessariamente o que seus seguidores entenderam, pois se entenderam Paulo tão mal, não é provável que tenham entendido adequadamente Apolo.¹⁶⁶

Sem dúvida, a discussão de Paulo era mais com as implicações práticas da interpretação que eles davam a Apolo e menos com sua personalidade ou seu ensino (1Cor 16,12). Enfim, Apolo deve ter deixado Corinto e ido morar em Éfeso com Paulo porque se decepcionou com o que faziam de seu ensino.¹⁶⁷

Muito provavelmente essa recusa de Apolo em ir ter com os cristãos daquela cidade, tenha ocorrido devido a tais tensões que existiam dentro da igreja, de modo que ele não queria alimentar esse tipo de sentimento partidário presente em alguns. Paulo tira um importante ensinamento de todo esse conflito, pois vai dizer, quer eu, quer Apolo, não somos mais do que simples ministros, através dos quais alcançamos a fé. Paulo e Apolo são simples servidores, pois aquele que planta nada é; aquele que rega nada é; mas importa tão somente Deus, que dá o crescimento (1Cor 3,6-7).¹⁶⁸

De fato, porém, de que o serviço sempre acontece assim como “o Senhor concedeu a cada um”, o serviço e seu sucesso são diferentes. “Eu plantei, Apolo regou”. Por meio dessa ilustração Paulo não está dizendo que somente ele conquistou pessoas para Jesus e que Apolo apenas lhe teria dedicado cuidado e incentivo. Paulo acabara de designar também Apolo como “servo por meio de quem crestes”. O olhar de Paulo recaí sobre a igreja como um todo, não sobre indivíduos que chegaram à fé. Para a igreja como tal, Paulo era e continua sendo aquele que “plantou” pela primeira vez. Depois veio Apolo e “regou”, de modo que a igreja cresceu visivelmente e aumentou pela conquista de novos membros.¹⁶⁹

¹⁶⁵ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p. 23.

¹⁶⁶ Cf. MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso: História de um Apóstolo*, p. 182.

¹⁶⁷ MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso: História de um Apóstolo*, p. 182.

¹⁶⁸ PATTE, D. *Paulo, sua fé e a força do Evangelho: introdução estrutural às cartas de São Paulo*, p. 408.

¹⁶⁹ BOOR, W. *Carta aos Coríntios: comentário esperança*, p. 74.

Quando Paulo chegou a Corinto, ele semeou onde ninguém tinha anunciado a Cristo. Depois, quando partiu para Éfeso, Paulo deixou em Corinto uma igreja ainda inexperiente e Apolo foi o responsável por regar o que Paulo havia plantado. De qualquer forma, no capítulo 3 de 1 Coríntios, fica evidente o objetivo de Paulo mostrar que ambos eram apenas servos de Cristo por meio dos quais aqueles irmãos tinham se tornado cristãos.

Portanto, vê-se que eles se reconciliaram e se acertaram, pois todos existem para a igreja e a sua edificação. Onde cada um nessa edificação tem seus dons específicos que não precisa ser negado ou diminuído. Cada um tem suas incumbências, que justamente ele tem o privilégio de cumprir.¹⁷⁰

2.4 PERTENÇA A CEFAS

Havia um terceiro grupo que Paulo identifica como de Cefas. “Cefas é mencionado quatro vezes em 1 Coríntios (1Cor 1,12; 3,22; 9,5; 15,5)”¹⁷¹ Não se sabe se Cefas tenha ido a Corinto alguma vez, ou se foram seus seguidores que foram a Corinto. Para Murphy-O’Connor, podem ser judeus convertidos que achavam difícil integrar-se em uma comunidade de predominância pagã.¹⁷²

Em minha opinião, desde o incidente de Antioquia (Gl2, 11-14), pode ser que Cefas significasse para Paulo o símbolo do judeu-cristão que tendo experimentado a liberdade a rejeitara. Portanto, podemos imaginar um grupo de convertidos do judaísmo com dificuldades em se integrar na comunidade de predominância gentílica (1Cor 12,2). O estilo filosófico de Apolo pode ter contribuído para que os de seu grupo se sentissem ainda mais isolados.¹⁷³

¹⁷⁰ Cf. BOOR, W. *Carta aos Coríntios: comentário esperança*, p. 83.

¹⁷¹ HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 975.

¹⁷² Cf. MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 283.

¹⁷³ MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso: História de um Apóstolo*, p. 177.

Não temos nenhuma notícia a respeito se Cefas foi ou não a Corinto pessoalmente, pois tampouco saberíamos da sua visita a Antioquia se Paulo não tivesse narrado este episódio em Gl 2.1ss. Ou, se foram simplesmente alguns cristãos israelitas que se converteram no leste por intermédio de Pedro e depois mandou para Corinto. De modo que agora este grupo considerava Cefas como a pessoa que lhes abriu o acesso a Jesus.¹⁷⁴

Paulo não se refere ao apóstolo Pedro por seu nome original, Simão ou Simeão, e somente duas vezes ele usa o nome Pedro (Gl 2,7.8). Nos outros oito casos em que Paulo se refere a Pedro (1Cor 1,12; 3,22; 9,9; 15,5; Gl 1,18; 2,9.11.14), ele faz com o equivalente aramaico, Cefas. Uma explicação possível é que, para Paulo, o nome Cefas seja um nome real e não um apelido que não deva ser traduzido.¹⁷⁵ Em Gl 1,18, Paulo admite que, três anos depois de receber uma revelação, a sua conversão e vocação de Deus, foi a Jerusalém para conhecer Cefas e ficou quinze dias com ele.¹⁷⁶

Em At 10, 11-14, quando Pedro chega à Cesaréia e recebe a visão do lençol com comidas diversas e animais considerados impuros pelas tradições judaicas (cf. Lv 11-12), não come com medo de transgredir as tradições dos antepassados, desprezando a pedagogia de Jesus sobre o assunto (cf. Mt 15, 1-28). Pedro demonstra grande dificuldade de aceitação dos parâmetros pagãos, sendo quase incapaz de ver que não há impureza na natureza nem nos alimentos, nem muito menos nas pessoas. A impureza está no modo interno de olhar, conceber e tratar.¹⁷⁷

Este grupo de Pedro continha pessoas apegadas às leis do judaísmo, se caracterizavam por manter as ênfases doutrinárias características daquele líder. Geralmente mantinham um Cristianismo judaico rígido e intolerante, até meio legalista. Os componentes do partido de Cefas se afirmavam do fato de Cristo e os apóstolos serem de linhagem judaica. O partido de Cefas eram o dos tradicionalistas, que conservavam os costumes em tempos de mudança. Os biblistas supõem que fossem uma facção judaizante dentro da Igreja, que entre outras coisas, inculcavam a observância das leis dietéticas judaicas e que os mais óbvios candidatos desta facção

¹⁷⁴ Cf. BOOR, W. *Carta aos Coríntios*, p. 42.

¹⁷⁵ Cf. HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 974.

¹⁷⁶ Cf. HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 975.

¹⁷⁷ MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p. 24.

fossem os judeus convertidos que achavam difícil ingressar em uma comunidade de predominância pagã. E o estilo secular de Apolo pudesse contribuir ainda mais com essa separação e isolamento.¹⁷⁸

Em 1Cor 3, 22, Cefas é mencionado como alguém importante na comunidade de Corinto e não apenas para a seus adeptos, mas porque era considerado o principal dos apóstolos. Portanto, quando algumas pessoas diziam, eu sou de Cefas, isso não implicaria necessariamente uma posição teológica contra a de Paulo, mas isso poderia ser só uma atitude pessoal da parte de alguns que admiravam Pedro, ou que Pedro poderia representar em Corinto a autoridade dos Doze ou da Igreja de Jerusalém.¹⁷⁹ O perigo começa quando estas pessoas colocam os mensageiros de Jesus mais importante do que o próprio Jesus.¹⁸⁰

Cefas está ligado às tradições de Moisés e a circuncisão, está ligado também aos costumes dos antigos pais, seguindo sua cultura. Para Mazzarolo, “na própria pedagogia de Jesus, não é o que entra pela boca que é impuro, mas o que sai: isto, sim, torna-o impuro (Mt 15,11).”¹⁸¹

Esta questão se intensificou no conflito em Antioquia, segundo Gl 2, 11-14,¹⁸² onde não se sabe por quais motivos Pedro chegou a Antioquia, mas na assembleia de Jerusalém, Pedro fica intrigado com a vívida descrição que Paulo fizera da comunidade de Antioquia e talvez da de Corinto, onde judeus e gentios conviviam em harmonia. Cefas nunca tinha vivido numa comunidade mista. Para Paulo bastava a fé e o batismo. Mas segundo Murphy-O’Connor, este temor em relação a Cefas logo se dissipou, pois ele se integrou perfeitamente. Mesmo sendo judeu, adotou os hábitos normais à mesa da comunidade de Antioquia e foi às refeições dos gentios. Esse gesto deve ter-lhe custado muito, pela sua formação e passado judaicos, porém, sentia-se fortalecido

¹⁷⁸ Cf. MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo: Biografia Crítica*, p. 283.

¹⁷⁹ Cf. HAWTHORNE, F.; MARTIN, P.; REID, G. *Dicionário de Paulo e suas cartas*, p. 976.

¹⁸⁰ Cf. BOOR, W. *Carta aos Coríntios*, p. 42.

¹⁸¹ MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p. 24.

¹⁸² Mas quando Cefas veio a Antioquia, eu o enfrentei abertamente, porque ele se tornara digno de censura. Com efeito, antes de chegarem alguns vindo da parte de Tiago, ele comia com os gentios, mas, quando chegaram, ele se subtraía, com medo e andava retraído, com medo dos circuncisos. Os outros judeus começaram também a fingir junto com ele, a tal ponto que até Barnabé se deixou levar pela hipocrisia. Mas quando vi que não andavam retamente segundo a verdade do evangelho, eu disse a Pedro diante de todos: se tu, sendo judeu, vives à maneira dos gentios e não dos judeus, por que forças os gentios a viverem como judeus?

para tornar tangível o poder de Deus nesse seu gesto arriscado de amor pelos fieis de Antioquia.¹⁸³

2.5 PERTENÇA A CRISTO

Entre estes partidos, também tinham o partido que se dizia de Cristo. Não era o caso de Paulo ter se alegrado? Mas aqui, vemos um grupo oposto aos demais, talvez acontecesse o pior possível, pois o próprio Cristo se torna nome de partido. Eles não queriam se apegar a qualquer pessoa e pertencer somente a Cristo, e com isto, evoluiu para uma arrogante posição distinta, que atribuía somente a si mesmo a pertença a Cristo e negando isto aos demais.¹⁸⁴ “Estes se consideravam os únicos corretos, os perfeitos e os donos da verdade. Essa argumentação é refutada por Paulo, pois todos tinham sido batizados no Espírito Santo, logo batizados em Cristo.”¹⁸⁵

Este grupo, provavelmente acreditava que eram os únicos detentores da salvação. Quem não estivesse do lado deles era excluído. Podem ter acreditado que possuíam um conhecimento especial sobre Deus. Podem ter substituído a Bíblia por revelações. Rejeitavam a liderança humana dizendo que só se submetiam a Cristo. Mas quem seriam estes adeptos?

Mas aqui as hipóteses de multiplicam: judeu-cristãos extremistas? Espiritualistas que ignoravam o Jesus histórico? Gnósticos? Possuidores privilegiados de uma relação especial com Jesus de Nazaré? Basta esse leque de soluções diferentes e contrastantes para se concluir que é uma sábia decisão abster-nos de uma tomada de posição.¹⁸⁶

Para Bargaglio, sua preferência é para a hipótese de que seja uma igrejainha que se reportava a Cristo.¹⁸⁷ Este grupo de igrejainha era exclusivista. Os partidários

¹⁸³ Cf. MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso: história de um apóstolo*, p. 127.

¹⁸⁴ Cf. BOOR, W. *Carta aos Coríntios*, p. 43.

¹⁸⁵ MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p. 26.

¹⁸⁶ BARGAGLIO, G. *As cartas de Paulo (II)*, p. 179.

¹⁸⁷ Cf. BARGAGLIO, G. *As cartas de Paulo (II)*, p. 179.

dela se consideravam os únicos defensores do verdadeiro Evangelho e da graça. Eles não se submetiam a nenhum pastor humano. Só Cristo servia. Este partido era, sem dúvida, o mais nocivo dos grupos facciosos. Não aceitava a direção de qualquer autoridade eclesiástica. Acreditava que a igreja de Corinto estava em crise e que seus líderes não mereciam qualquer crédito.

Segundo Fabris, essa expressão 'eu sou de Cristo' poderia ser um acréscimo de Paulo, procurando mostrar o absurdo da posição dos cristãos de Corinto, que pretendem afirmar a própria identidade em relação a alguma pessoa importante. E com isso até a relação vital com Cristo, que está na raiz da unidade de todos é quebrada. Se até Cristo é monopolizado por um grupo, fica reduzido ao nível de um fundador qualquer como os outros.¹⁸⁸

O partido de Cristo era uma igreja emergente dentro da igreja local. Para eles não havia necessidade de intermediários humanos, pois achavam que Cristo também estariam incluídos na admoestação de Paulo, "pois sua auto-suficiência criava problemas para a unidade da comunidade e sua arrogância gerava uma postura esotérica alienadora ao Evangelho."¹⁸⁹

Werner de Boor reflete que um dos problemas criados é bem fundamental. Será que existe a possibilidade de pertencer a Jesus diretamente, sem a palavra apostólica? Será que é possível deixar Paulo, Cefas, Apolo de lado e os considerar insignificantes? Poderemos conhecer Jesus Cristo verdadeiro de outro modo que não seja pela palavra de seus mensageiros autorizados? Será possível ter um relacionamento com Jesus Cristo diretamente, sem uma base bíblica? Neste caso, Paulo indica um caminho claro entre a perigosa supervalorização e o igualmente questionável menosprezo do apóstolo. Ele, de modo enfático, afirma, já no começo da sua carta, que é chamado para ser apóstolo do Cristo Jesus pela resolução da vontade de Deus. Como mensageiro autorizado, ele dirige a igreja a palavra decisiva de Cristo Jesus e a igreja cumpre ouvi-la. Contudo, ele se volta com profunda seriedade para aqueles que em Corinto se exaltavam de forma errônea por ele, ou Apolo ou Cefas.¹⁹⁰

¹⁸⁸ FABRIS, R. *Paulo: apóstolo dos gentios*, p. 463.

¹⁸⁹ MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p. 27.

¹⁹⁰ Cf. BOOR, W. *Carta aos Coríntios*, p. 43.

2.6 SUPERAR AS DIVISÕES PELA CRUZ DE CRISTO

O que Paulo propõe para superar as divisões é a centralidade na cruz de Cristo. Em 1Cor 1, 23, ele enfatiza que “pregamos um Messias crucificado”. As elites de Corinto imaginavam o sábio como uma pessoa bonita, livre, famosa, rica, talvez um pouco inferior a Zeus. Os sábios se consideravam intérpretes da vontade divina e decidiam o que poderia vir ou não vir de Deus.¹⁹¹

Aos Coríntios, Paulo vai pregar com insistência o escândalo da cruz, recordando os limites humanos e a sabedoria humana que não permite ao homem chegar à salvação pelo seu próprio esforço, pois, somente Deus é quem salva e vai até o mais profundo da necessidade humana para manifestar seu amor.¹⁹²

No início de sua Primeira Carta aos Coríntios, Paulo é enfático: “Nós pregamos Cristo crucificado, escândalo para os judeus, loucura para os gentios, mas poder e sabedoria de Deus para os chamados, quer judeus, quer gregos” (1Cor 1, 23-24). Na sequência da mesma carta ele diz: “Pois eu resolvi entre vós não saber coisa alguma, senão Jesus Cristo, e este crucificado” (1Cor 2,2). Esta opção de Paulo não era fácil, mas era uma exigência de sua busca de fidelidade ao Evangelho de Cristo.¹⁹³

No mundo romano, a cruz representava o suplício mais cruel e vergonhoso infligido aos escravos. Tanto os autores Tácito e Sêneca, associaram unanimemente a cruz à crueldade e denunciavam o horror a ela. Entre os judeus, Flávio Joséfo considerava a crucificação a mais atroz das mortes e o que mais agravava era o caráter incomum da crueldade dos romanos. Em Dt 21,23, afirmava que o que for suspenso nela é um maldito de Deus. Pois, trata-se de um cadáver exposto numa árvore. Crucificado ou suspenso, aquele que está exposto sobre o madeiro é maldito pela Lei.¹⁹⁴

¹⁹¹ Cf. BORTOLINI, J. *Como ler a primeira carta aos Coríntios: Superar os conflitos em comunidade*, p. 24.

¹⁹² Cf. FRANÇA, A. *A cruz em Paulo: um sentido para o sofrimento*, p. 37.

¹⁹³ DALLA COSTA, A. *Paulo Apóstolo, Evangelizador urbano anuncia Cristo crucificado*, p. 80.

¹⁹⁴ Cf. REYNIER, C. *Para ler o apóstolo Paulo*, p. 183.

Mesmo sendo um escândalo e uma loucura, Paulo coloca na cruz a centralidade da pregação. “A palavra proclamada por ele é ‘a palavra da cruz’. Sua mensagem encontra seu verdadeiro conteúdo na ‘cruz’, ou seja, no fato de que o Messias, o Filho de Deus, acabou no ‘madeiro’, no lugar de maldição.”¹⁹⁵

Paulo não fala de qualquer cruz, nem da cruz como símbolo geral e impessoal de mensagens culturais diferentes, mas da cruz de Cristo. Ele fala diretamente da pregação apostólica centrada em Cristo crucificado como paradigma para os evangelizadores e cristãos, com a finalidade de indicar e aprofundar seu significado no interior do projeto divino de salvação. Ele elabora sua reflexão através da antítese entre sabedoria e força humana e sabedoria e força divina, naquilo que é tolo e fraco para os homens, torna-se sábio e potente para Deus.¹⁹⁶

Para Paulo, a cruz de Cristo é o critério teológico decisivo, ele não argumenta sobre a cruz, ele fala a partir da cruz. Mais ainda: a cruz de Cristo está presente na palavra sobre a cruz (1Cor 1, 17.18)! Já a Escritura testemunha que a sabedoria de Deus não pode adquirir seu conteúdo a partir da sabedoria do mundo (1Cor 1,19); as duas precisam ser estritamente distinguidas, pois não se devem a fontes comparáveis de entendimento e conhecimento. Não nas alturas da sabedoria e do entendimento humanos, mas nas profundezas do sofrimento e da morte, o Pai de Jesus Cristo comprovou-se um Deus amável aos seres humanos. Dessa maneira, a atuação divina em Jesus Cristo manifesta-se como um evento paradoxal que antecede e simultaneamente contradiz a atuação humana. Esta atuação surpreendente e paradoxal de Deus na cruz toma forma já na eleição da comunidade, pois Deus não elegeu muitos sábios e poderosos, mas as coisas fracas do mundo. Para envergonhar os fortes, Deus elegeu aquilo que não é nada, para tornar um nada aquilo que é alguma coisa (1Cor 1, 27.28). A existência da comunidade já é uma teologia da cruz aplicada!¹⁹⁷

Na pregação de Paulo, podemos dizer que ele foi o grande teólogo da Cruz. Ele superou seu lado negativo e fatal para descobrir seu significado mais profundo. Olhava para a cruz não como tragédia, mas como fonte de esperança.

Concretamente, de um lado está Deus com seu projeto salvífico mediado pela cruz de Cristo, símbolo de tolice, fraqueza, impotência; do outro, o mundo

¹⁹⁵ BOOR, W. *Carta aos Coríntios*, p. 47.

¹⁹⁶ Cf. BARGAGLIO, G. *As cartas de Paulo (II)*, p. 183.

¹⁹⁷ SCHENELLE, U. *Paulo: vida e pensamento*, p. 244.

como trincheira da negação, que desconhece o Criador e se afigura orgulhosamente como gestor auto suficiente do próprio destino.¹⁹⁸

Esta linguagem da cruz acaba numa crítica radical da sabedoria. Cai a sabedoria dos gregos que permitia ao sábio compreender o cosmos no qual ele vive. Onde aqui o próprio Deus toma esse lugar no sistema, sendo sua origem e seu ápice. E também cai a tradição religiosa judaica, marcada por uma longa coleta dos sinais de Deus através da história de seu povo, com o Deus de Abraão, de Isaac e de Jacó que se revelou. O cadáver do crucificado é o contrassenso que faz fracassar seja esta sabedoria especulativa dos gregos, seja a expectativa religiosa judaica. É o escândalo que faz brilhar todas as representações de Deus.¹⁹⁹

Paulo, contudo, faz um alerta para que não percamos o sentido de loucura da cruz, tornando assim a cruz compreensível e provando-a, desse modo, sua loucura escandalizadora e com isso permitindo que ela se torne uma nova sabedoria que seja convincente e aprazível para as pessoas. Desse modo, a cruz do Cristo é esvaziada e dessa forma ela perde o poder salvador. É preciso que a igreja e cada pregador suportem que a mensagem da cruz continue sendo loucura. Pois, uma doutrina lógica da cruz poderá parecer interessante para a pessoa e conseguir sua concordância intelectual, mas jamais a salvará.²⁰⁰

É preciso afirmar que o que aconteceu não é da ordem da natureza, nem do domínio humano. Pois, do que há de pior como o sofrimento, eis que surge o mais inesperado, a sua Ressurreição. É a Ressurreição que torna possível aos discípulos e a todos os cristãos voltar seu olhar para o insustentável. E Paulo só pode lhe dar tamanha importância pela experiência de Damasco, onde reconhece que o Ressuscitado é o Crucificado. E que os cristãos veem Deus tanto na cruz como no Crucificado, e ousam afirmar que o Crucificado é o Filho de Deus.²⁰¹

¹⁹⁸ BARGAGLIO, G. *As cartas de Paulo (II)*, p. 183.

¹⁹⁹ Cf. ZUMSTEIN, J. *A cruz como princípio de constituição da teologia paulina*, p. 322.

²⁰⁰ Cf. BOOR, W. *Carta aos Coríntios*, p. 48.

²⁰¹ Cf. REYNIER, C. *Para ler o apóstolo Paulo*, p. 186.

3 O SENSO DE PERTENÇA HOJE À IGREJA

3.1 PERTENÇA À IGREJA PELA VIA DA UNIDADE

As Notas Essenciais da Igreja são os quatro atributos que confessamos no Símbolo: Una, Santa, Católica e Apostólica. “A Igreja não os tem de si mesma; é Cristo que, pelo Espírito Santo, dá a sua Igreja o ser una, santa, católica e apostólica, e é também ele que a convida a realizar cada uma dessas qualidades”.²⁰²

Os termos notas, propriedades ou dimensões são usados para designar os sinais distintivos da Igreja. As Notas são inseparáveis, fazemos a distinção apenas para o estudo. “As notas já estão presentes no Símbolo de Epifânio, em 374 (DS 42). Suas origens vem de Cirilo de Jerusalém, em 343 (DS 41) e são confirmados no Concílio de Constantinopla, em 381 (DS 150) e já estavam presentes no Símbolo de Nicéia (Cânon 8, - DS 55).”²⁰³

As quatro notas da Igreja Católica eram usadas de forma apologética para provar que a Igreja de Cristo deveria tê-las e que a única Igreja que as tinha em plenitude era a Igreja Católica. “Na controvérsia com os protestantes e, então, com os iluministas, a teologia pós-tridentina de orientação apologética tentou demonstrar, com o auxílio das quatro propriedades essenciais, que a igreja Católica é a verdadeira igreja”.²⁰⁴

A Igreja católica é um só corpo com muitos membros, mas a alma que vivifica este corpo é o Espírito Santo. Por isso, após a profissão de fé no Espírito Santo, somos convidados a professar também a fé na Santa Igreja Católica. Cada cristão é como um membro desta Igreja, que além das quatro notas, tem outras propriedades:

A igreja de Cristo possui e deve ter outras propriedades, como, por exemplo, a visibilidade, a impercibilidade, a infalibilidade, etc. Porém, apenas as quatro foram consideradas como tal, porque são verificadas externamente e emanam de modo espontâneo da própria natureza da Igreja, servindo, por isso, como meios eficazes para reconhecer a verdadeira Igreja de Cristo,

²⁰² Catecismo da Igreja Católica, n. 811.

²⁰³ Cf. HACKMANN, G. *A amada igreja de Jesus Cristo*, p.101.

²⁰⁴ KASPER, W. *A Igreja Católica*, p.203.

assim como foi recebida pelos apóstolos definitivamente até aos dias de hoje.²⁰⁵

Hoje está afastado de modo definitivo o caráter apologético das notas que são estudadas no seu significado dogmático: em si mesmas enquanto propriedades inseparáveis da Igreja. A Igreja deve ser um sinal salvífico eficaz, seguindo as pegadas da Igreja Apostólica (fundante) e inspirando-se no modelo da Igreja primitiva. Essas notas são dom e tarefa a serem vividas no "já" e no "ainda não".

Pretende-se dar ênfase em apenas uma das notas da Igreja, a Unidade. O Credo niceno-constantinopolitano, como um patrimônio comum à grade maioria das Igrejas cristãs, declara esta fé na Igreja Una, isso indica que já os cristãos dos primeiros séculos proclamavam que a unidade é algo intrínseco à Igreja querida por Cristo.

3.1.1 A unidade da Igreja

A Igreja é Una, esta unidade desde os primeiros anos foi apresentada como uma das notas da Igreja verdadeira, isto é, um sinal para reconhecer a verdadeira Igreja de Cristo. Com a reforma do século XVI, se usou deste propósito apologético para demonstrar que a igreja católica era a única verdadeira.²⁰⁶

Para Hackmann,

Está abandonado definitivamente qualquer caminho apologético, sendo estudadas no seu significado dogmático, isto é, em si mesmas enquanto propriedades inseparáveis da Igreja e dinamicamente a serem realizadas dia a dia, no devir da vida eclesial, sempre de forma mais plena, tornando-a, sempre mis a comunhão de Deus com a humanidade e capacitando-a, por isso mesmo, a ser sinal salvífico eficaz, na medida em que cresce individual e comunitariamente em adesão a Deus, seguindo as pegadas da Igreja primitiva.²⁰⁷

²⁰⁵ HACKMANN, G. *A amada igreja de Jesus Cristo*, p.103.

²⁰⁶ Cf. HORTAL, J. *E haverá um só rebanho*, p. 133.

²⁰⁷ HACKMANN, G. *A amada igreja de Jesus Cristo*, p. 103.

Assim, a Igreja não é o que grupos determinados de cristãos estabelecem socialmente, que se reúnem para desenvolver sua expressão de fé, mas como comunidade que permanece na continuidade da história da salvação que está marcada pela presença de Jesus Cristo. “Só a fé pode reconhecer que a Igreja recebe estas propriedades de sua fonte divina”.²⁰⁸

Nisto se manifestou a caridade de Deus para conosco, em que o Filho unigênito de Deus foi enviado ao mundo pelo Pai a fim de que, feito homem, desse nova vida pela Redenção a todo o gênero humano e o unificasse. Antes de se imolar no altar da cruz como hóstia imaculada, rogou ao Pai pelos que crêem, dizendo: «Para que todos sejam um, como tu, Pai, em mim e eu em ti; para que sejam um em nós, a fim de que o mundo creia que tu me enviaste» (Jo. 17,21). Na Sua Igreja instituiu o admirável sacramento da Eucaristia, pelo qual é tanto significada como realizada a unidade da Igreja a seus discípulos deu o novo mandamento do mútuo amor e prometeu o Espírito Paráclito, que, como Senhor e fonte de vida, com eles permanecesse para sempre.²⁰⁹

Esta unidade também se percebe em 1Cor 12²¹⁰, quando Paulo fala do corpo. Diz que Cristo é a cabeça e os cristãos são os membros do Corpo. Para Mazzarolo, a associação do corpo com a igreja visa instigar a reflexão dos ouvintes para a necessidade de integração, de responsabilização e consciência de pertença. Esta individualidade que é característica do mundo grego, onde cada um se bastava a si mesmo, tornava-se uma das grandes dificuldades para a formação de uma igreja unida, forte e solidária. Se cada um se basta em si próprio, por que colocar as coisas em comum, integrar-se numa comunidade, exercer a caridade e a solidariedade? Essa diversidade de membros forma o corpo, assim como a diversidade de dons, em cada um, forma o corpo de Cristo, na igreja.²¹¹

Vários são os elementos de unidade da Igreja: uma única fonte (a Trindade); um único modelo (a vida íntima de Deus); um único fundador (Jesus Cristo); e uma só alma (Espírito de Deus). A expressão desta unidade espiritual é visível na própria realidade

²⁰⁸ Catecismo da Igreja Católica, n. 811.

²⁰⁹ Compêndio do Vaticano II. *Decreto Unitatis Redintegratio*, n. 754.

²¹⁰ Com efeito, o corpo é um e, não obstante, tem muitos membros, mas todos os membros do corpo, apesar de serem muitos, formam um só corpo. Assim também acontece com Cristo. Pois fomos batizados num só Espírito para ser um só corpo, judeus e gregos, escravos e livres, e todos bebemos de um só Espírito.

²¹¹ Cf. MAZZAROLO, Isidoro. Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário, p.175.

eclesial, quando todo o corpo apresenta a mesma profissão de fé e de disciplina moral; a celebração comum do culto divino, sobretudo dos sacramentos; e a sucessão apostólica, por meio do Sacramento da Ordem. Aliás, esta última se torna a base das outras, pois ao Colégio Apostólico (e os bispos são os sucessores dos apóstolos), do qual o Papa é o chefe, Jesus confiou todos os bens da Nova Aliança para serem dispensados entre os homens.

A unidade da Igreja no CIC nº 814, se apresenta com uma grande diversidade. Esta se dá, primeiro, pela riqueza de dons, carismas e ministérios que o Espírito Santo dota a Igreja a fim de que ela cumpra sua missão. Uma segunda é o número de culturas que assimilam o Evangelho. Cada povo com suas próprias peculiaridades vai acolhendo e iluminando seu jeito de ser pelas palavras de Jesus. A única Igreja se espalha pelo mundo todo e, nas diferentes culturas, testemunha a fé em Jesus, nosso Senhor. “A grande riqueza desta diversidade não se opõe à unidade da Igreja. Todavia, o pecado e o peso de suas consequências ameaçam sem cessar o dom da unidade”.²¹²

Há diversas imagens que apontam para essa unidade em Deus: todas se dirigem para a escatologia do Reino vindouro: "Eis que o tabernáculo de Deus com os homens. Habitará com eles e serão o seu povo, e Deus mesmo estará com eles" (Ap. 21, 2-3). Outras imagens: habitação, cidade, Jerusalém, esposa, Povo de Deus. E outras: vinha, plantação de Deus, família de Deus, rebanho, corpo de Cristo. Isto se encontra em LG, 5-7.²¹³

O acento da unidade está em Deus: Ele é o fim supremo cuja unidade se comunica à Igreja. Ela é una e única porque Deus é uno e único em si mesmo (Ef 4,4-6).²¹⁴ Essa unidade deve crescer até a perfeição escatológica. Se não há a perfeita unidade, então ela se torna tarefa para os cristãos até que "Deus será tudo em todos" (1Cor 15, 28).

Por sermos humanos, vivemos simultaneamente o "já" e o "ainda não" da tensão escatológica. Somos filhos de Deus e vivemos essa unidade no batismo e na família de Deus, mas ainda não de forma plena: pois ainda respiramos a condição pecadora de desunião e de desarmonia.

²¹² Catecismo da Igreja Católica, n. 814.

²¹³ Cf. HACKMANN. G. *A amada igreja de Jesus Cristo*, p. 105.

²¹⁴ Cf. HACKMANN. G. *A amada igreja de Jesus Cristo*, p. 105.

O Espírito Santo é a causa eficiente da unidade da Igreja, gerando a Igreja e tornando-a "Sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o gênero humano" (LG, 1) e dá os carismas a todos (1Cor, 12).²¹⁵

Devemos ressaltar que a unidade cristã é bíblica e, portanto, deve ser buscada pelos membros do Corpo de Cristo (embora essa unidade não decorra da mera vontade humana). A unidade do Corpo de Cristo permite a união dos desiguais:

Pois todos nós fomos batizados em um Espírito, formando um corpo, quer judeus, quer gregos, quer servos, quer livres, e todos temos bebido de um Espírito. Porque também o corpo não é um só membro, mas muitos. ... E, se todos fossem um só membro, onde estaria o corpo? Assim, pois, há muitos membros, mas um corpo (1 Cor 12:13-14 e 19-20).

Paulo assim escreve para demonstrar que cada membro do corpo é diferente um do outro, mas forma uma unidade: uns são mãos, outros, pés, outros olhos, assim por diante - não somos todos apenas um membro do corpo, mas vários membros formando um só corpo.

Desse modo, a unidade da igreja não resulta da união espontânea de seus membros ou de várias igrejas. O princípio da unidade e o fundamento originário da unidade é o Deus único, que reúne o seu povo e o une em Jesus Cristo num só Espírito Santo. Em última instância, a igreja é uma só na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo.²¹⁶

Para Hackmann, Unidade não é uniformidade: a Igreja tem a necessidade de organização que deve ser sinal de unidade. Deve-se construir continuamente uma Igreja Universal que viva em comunhão no seu estado peregrinante. Por isso, a unidade da Igreja que viva na pluralidade é uma tarefa sempre por ser feita. Deve haver respeito aos diversos carismas, bem como à livre iniciativa do Povo de Deus.

²¹⁵ CF. HACKMANN, G. *A amada igreja de Jesus Cristo*, p. 106.

²¹⁶ KASPER, W. *A Igreja Católica*, p. 205.

Lemos na *Lumen Gentium*, número 9, que embora o povo de Deus apareça com um pequeno rebanho, este rebanho é conduzido por Cristo, e enviado ao mundo para ser sal da terra e luz do mundo, conforme, Mt 5, 13.

Em duas passagens que o Evangelho fala de Igreja, sempre a menciona no singular. “Com base no Novo Testamento e na natureza da Igreja, só pode existir uma só Igreja.”²¹⁷

Fala-se muito, atualmente, em união de igrejas, aproximação das denominações, cooperação entre cristãos, unidade na diversidade, etc., sem se atentar ao que dispõe a Bíblia sobre a verdadeira união. Antes de nos unirmos a determinadas denominações, devemos ter em mente aquilo que Deus estabeleceu como a verdadeira unidade do corpo de Cristo.

A unidade da Igreja é a unidade de fé e carismas desenvolvendo assim a caridade, mas não excluindo uma pluralidade de teologias. Esta unidade não realiza somente na união dos Espíritos, mas num corpo social e organizado que é a Igreja. Por isso, o Apóstolo Paulo utiliza com frequência a metáfora do corpo unido para exprimir o que é e o que deve ser a Igreja. A unidade aparece como traço essencial da Igreja e é, simultaneamente, unidade de comunhão espiritual ou de graça e unidade nos meios que procuram essa vida.

Hoje a cristandade em seu conjunto está persuadida de que deve haver uma só Igreja (persuasão que se percebe plenamente como momento da confissão de fé cristã) e de que, todavia a situação concreta de toda a cristandade hoje não realiza ainda em medida suficiente essa unidade querida por Cristo, que, de mais a mais, deriva da própria natureza da Igreja. Existem divisões, separações, diferenças confessionais, recusas de comunhão na ceia que não devem existir porque são irreconciliáveis com a natureza da Igreja. Deve existir uma só Igreja, porque somente assim se satisfaz à natureza do cristianismo.²¹⁸

A nossa profissão de fé na unidade da Igreja é, simultaneamente, uma afirmação de uma realidade já existente e de uma meta a ser alcançada. É também uma esperança na comunhão em que professa a fé em Jesus Cristo e que a Palavra de Deus nos convoca

²¹⁷ RAHNER. K. *Curso fundamental da fé*, p. 407.

²¹⁸ RAHNER. K. *Curso fundamental da fé*, p. 408.

para esta unidade, pois ela aparece como vontade manifestada do Cristo: “... haverá um rebanho e um Pastor”(Jo 10, 16).

3.1.2 Formas de unidade

Temos três formas de unidade, que são inspiradas na carta dos Atos dos Apóstolos. Primeiro a unidade pela fé, onde todos os cristãos que estão no corpo da Igreja creem nas mesmas verdades. “Um Deus, uma só fé, um só batismo”(Ef 4,5).

Esta é a profissão de fé recebida dos Apóstolos. A Igreja começou com esta pregação de que Jesus é o Salvador e que ressuscitou dos mortos e os apóstolos vão pelo mundo como testemunhas dessa ressurreição. “Unidade de fé pelo acatamento do ensino apostólico e pela qual acontece a unanimidade da fé e de confissão (1Cor, 1,10; Rm 15, 6; Ef 4, 14ss).”²¹⁹

Para Kasper “O próprio Jesus, ainda na noite anterior à sua paixão e morte, rezou para que todos sejam um (Jo 17,21).”²²⁰ Daí que a primitiva comunidade persevere nessa doutrina, que abria a porta para a atuação salvífica de Deus. Pela fé, a ação justificadora de Cristo se tornava presente. Portanto, perseverar na doutrina dos apóstolos é perseverar na fé que a sua pregação suscitava, onde foi transmitida primeiramente por palavras e mais tarde colocada em escritos inspirados, onde podemos hoje ter acesso através da Sagrada Escritura, não como letra morta, mas um anúncio vivo na Igreja.

Em segundo lugar, a unidade perante os Sacramentos, porque todos firmam-se numa só esperança de alcançar a vida eterna, através do culto, pois este é a celebração da fé que nos coloca em contato com Deus e com o Cristo na comunhão. Esta expressão, ‘Eu e o Pai somos Um’(Jo 10, 30), como vemos já nas comunidades primitivas, onde os discípulos eram um só coração e uma só alma, e partiam o pão pelas casas, se manifesta, portanto, na dimensão social, na celebração litúrgica onde se percebe essa unidade de fé nos sacramentos. Segundo Hackmann, a: “unidade pelos sacramentos, especialmente a Eucaristia. A união do culto leva à oração (At 2,46; 3,1;

²¹⁹ HACKMANN, G. *A amada Igreja de Jesus Cristo*, p. 107.

²²⁰ KASPER, W. *A Igreja Católica*, p. 206.

5,12). A Celebração da Fração do Pão fortifica a unidade dos fiéis com Cristo e entre eles (1Cor 10, 16-17).”²²¹

Em 1Cor 11, 17ss, Paulo faz algumas críticas sobre as divisões na assembleia eucarística, pois esta é incompatível com as divisões, com as dissensões e outras rupturas. As primeiras comunidades se reuniam para três coisas: meditar e fazer memória dos relatos dos apóstolos, orar e também repartir o pão. Estes três elementos eram a força e o sinal da presença do Espírito Santo nessas comunidades.²²²

Para Mazzarolo:

As divisões na comunidade tinham um caráter ambíguo: de um lado, eram exemplo negativo porque serviam de escândalo ou testemunho de que não tinha acontecido qualquer processo de conversão; do outro, como positivo, seriam para purificar o joio do trigo. Nem todos tinham a vontade de ser cristãos, mas podiam estar lá por causa da nova forma de vida, partilha dos bens e assistência a todos, e muitos se acostumavam na comunidade para viver como parasitas. No entanto, o v. 21 nos deixa uma observação de que as contradições da ceia não eram compatíveis com o Evangelho: enquanto um se embriaga, outro passa fome. Isso é incompatível com a ceia eucarística.²²³

O critério de julgamento que cada um necessita fazer antes de celebrar, é ver se aquilo que fez ou deixou de fazer desde a última celebração está conforme o Evangelho e se Jesus o teria feito, caso estivesse em seu lugar. Esta doutrina de Paulo em torno da ceia Eucarística é de que ela conduz a um compromisso e uma aliança com a vida. E se for negada a justiça e a solidariedade, não haverá mais ambiente para a Eucaristia, porque houve ruptura com a práxis de Jesus e não houve memorial.²²⁴

Entre os Sacramentos, o Batismo e a Eucaristia são a base para a unidade. “A Igreja é o corpo de Cristo. Assim como existe apenas um Cristo, assim também Ele tem apenas um corpo. Pelo Batismo homens e mulheres se tornam membros desse corpo.”²²⁵

²²¹ HACKMANN, G. *A amada Igreja de Jesus Cristo*, p. 107.

²²² Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p.167.

²²³ MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p.168.

²²⁴ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p. 171.

²²⁵ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS E FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do Conflito à comunhão*, n. 219, p. 83

O Concílio Vaticano II ensina que as pessoas batizadas e que creem em Cristo, mas não pertencem à Igreja Católica Romana, 'foram justificadas pela fé no Batismo [e] são membros do corpo de Cristo, e têm direito de serem chamadas de cristãs, e são aceitas corretamente como irmãos pelos filhos da Igreja Católica' (UR,1.3). Os Cristãos luteranos dizem a mesma coisa de seus irmãos cristãos católicos.²²⁶

E conforme o Código de Direito Canônico, no número 897, é pela Eucaristia que se realiza a unidade do Povo de Deus e se completa a construção do Corpo de Cristo. Pois, esta unidade é em torno de Cristo e não de qualquer coisa. E São Paulo vai confirmar: “O cálice da benção que abençoamos não é comunhão com o sangue de Cristo? O pão que partimos não é comunhão como o sangue de Cristo? Já que há um único pão, nós embora muitos, somo um só corpo, visto que todos participamos desse único pão” (1Cor 10, 16-17). Conforme o Evangelho de João, estamos ligados a videira que é Cristo, participamos desta videira, estamos unidos se dermos frutos, pois todo ramo não pode dar fruto por si mesmo, se não permanecer na videira. E quem não der fruto, ele o corta e todo aquele que produz fruto, ele o poda para que produza ainda mais (Cf. Jo 15, 1ss).

A Igreja de Cristo tem Unidade no Culto e nos Sacramentos. A fé faz que toda a vida do cristão tenha o valor de culto e de oferenda a Deus. O evangelho que é proclamado aqui é proclamado na China, no México, no Canadá, isto é, no mundo inteiro. Os mesmos sacramentos que são ministrados aqui, do mesmo jeito são ministrados no mundo inteiro. A Igreja de Cristo tem Unidade na Comunhão Fraternal. O amor a Deus que é nosso Bem Absoluto une os cristãos entre si a todas as pessoas.

E como terceiro lugar da Unidade, temos a Caridade, pois, na vida social e pela comunidade fraterna, em comum com os mesmos pastores, temos uma vida em comum, unidos no amor de Deus e entre si, pelo amor mútuo. Este amor, se é verdadeiro, manifesta-se também quando os membros são solícitos e compassivos uns para os outros. Assim, cada um, conforme a graça recebida de Deus deve servir ao próximo.

²²⁶ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS E FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do Conflito à comunhão*, n. 220, p. 83.

Unidade sob o plano da vida social ou da comunidade fraterna sob os mesmos pastores, regulada pela caridade. Também se traduzia em alguma vida comum (At 2, 44-47), em colocar os bens espontaneamente em comum (At 4,32-37) e na união profunda de sentimentos (At 4, 32; Fl 2,2s).²²⁷

Portanto, os primeiros cristãos eram um só coração e uma só alma, e com isso, respondiam ao apelo de Cristo de amar uns aos outros, como Ele nos amou, e Cristo ainda acrescenta que este é o seu mandamento. Os primeiros cristãos compreenderam que no serviço a exemplo do Mestre que os lavou os pés na noite da quinta-feira, antes de ser preso, ali estava o grande testemunho que dariam ao mundo. Este serviço animado pela caridade, por isso colocavam os bens em comum, ajudavam os necessitados e mostravam com atitudes que a fé e a comunhão entre eles não estava baseada em uma palavra vã.

O Concílio Vaticano II afirma que os atos externos devem corresponder às intenções internas: as ações externas devem traduzir a razão dos atos, o que vem da força interior: "Não se salva contudo, embora incorporado à Igreja, aquele que, não perseverando na caridade, permanece no seio da Igreja com o corpo, mas não com o coração".²²⁸

3.1.3 Subsistit in

Em que sentido deve ser entendida a afirmação da *Lumen Gentium* de que

(...) a Igreja de Cristo, constituída e organizada neste mundo como uma sociedade, subsiste (*subsistit in*) na Igreja Católica governada pelo sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele, embora fora de sua estrutura visível se encontrem vários elementos de santificação e verdade.²²⁹

²²⁷ HACKMANN, G. *A amada Igreja de Jesus Cristo*, p.107.

²²⁸COMPÊNDIO DO VATICANO II: CONSTITUIÇÕES, DECRETOS, DECLARAÇÕES. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*, n 14.

²²⁹Cf. COMPÊNDIO DO VATICANO II: CONSTITUIÇÕES, DECRETOS, DECLARAÇÕES. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*, n. 8.

O Concílio Vaticano II, superando uma ambiguidade teológica de eclesiologias anteriores que tendiam a identificar pura e simplesmente a Igreja de Cristo com a Igreja católica romana, ensina com acerto que esta Igreja (de Cristo) subsiste na Igreja Católica. Evita dizer como está em documentos anteriores: é a Igreja de Cristo.

O concílio declarou que a igreja uma e única de Jesus Cristo subsiste na (subsistit in) Igreja Católica, que ela estaria, portanto, concretamente presente e poderia ser concretamente encontrada de modo permanente na igreja que está em comunhão com o bispo de Roma e com os bispos entre si.²³⁰

Este Concílio assumiu os acréscimos e procurou conciliar as duas afirmações: por um lado, a identificação da Igreja de Cristo com a Igreja católica e por outro, a admissão da existência de elementos eclesiais fora dela. A fórmula encontrada foi substituir o "est" pelo "subsistit in". O texto final, portanto, não afirma mais a Igreja de Cristo "é" a Igreja católica, mas diz: a Igreja de Cristo "subsiste na Igreja católica".

O Concílio Vaticano II substituiu a palavra "est" por "subsistit in". Com essa formulação se buscou alcançar dois objetivos: manter a pretensão tradicional de que a Igreja Católica é irrevogavelmente a única verdadeira igreja e, ao mesmo tempo, criar um espaço para o reconhecimento de elementos da verdadeira igreja fora dos limites da Igreja Católica.²³¹

A igreja de Jesus Cristo está presente onde existem elementos de verdade, como a Palavra de Deus, a vivenciada graça, fé, esperança e do amor e outros dons do Espírito Santo e elementos visíveis da santificação e da verdade.²³² O Concílio Vaticano II quis harmonizar duas afirmações doutrinárias: por um lado, a de que a Igreja de Cristo, não obstante as divisões dos cristãos, continua a existir plenamente só na Igreja Católica e, por outro, a de que existem numerosos elementos de santificação e de verdade fora da

²³⁰ KASPER, W. *A Igreja Católica*, p. 213.

²³¹ KASPER, W. *A Igreja Católica*, p. 213.

²³² Cf KASPER, W. *A Igreja Católica*, p. 213.

sua composição, isto é, nas Igrejas e Comunidades eclesiais que ainda não vivem em plena comunhão com a Igreja Católica.

O sentido da fórmula foi introduzido para ter em conta e não excluir os elementos de verdade e santificação presentes em outras Igrejas e comunidades cristãs. Ademais, o *subsistit* expressava melhor a conexão histórica da Igreja de Cristo com a Igreja católica implicando nela ao mesmo tempo a plenitude dos ditos elementos. “Visto que esses elementos pertencem à Igreja Católica e impelem para a unidade católica, os cristãos não católicos participam da *communio* católica num sentido incompleto.”²³³

Da vinculação histórica deriva que a Igreja querida por Cristo, como organismo visível, isto é, constituída e organizada como sociedade neste mundo, continua existindo na Igreja católica, apesar de que, ao largo dos séculos, muitos elementos autenticamente cristãos se tenham encontrado e, todavia se encontrem nas Igrejas e Comunidades separadas.

3.2 O SENSO DE PERTENÇA ECLESIAL NA PERSPECTIVA DO DOCUMENTO COMUNIDADE DE COMUNIDADES

O documento 100 da CNBB, tem como título: Comunidade de Comunidades, uma nova paróquia. Quer colocar como centro da paróquia Jesus Cristo, onde as pessoas são chamadas para ouvir a Palavra de Deus e colocar em prática.²³⁴

A conversão pastoral que fala o Documento 100 da CNBB requer discípulos engajados na causa do Reino, que testemunham a importância da comunidade, pois não é possível ser cristão na solidão e no isolamento. A fé no Deus Uno e Trino é essencialmente comunitária. Estes desafios do nosso tempo, especialmente o anonimato, a solidão, quando confrontados com o Evangelho, exigem criatividade na revitalização das paróquias. “O Episcopado utilizou uma imagem similar, isto é, a hospedaria, indicando que a comunidade paroquial é também o lugar onde o cristão se prepara para viver na comunhão definitiva com a Trindade.”²³⁵

²³³ KASPER, W. *A igreja Católica*, p. 214.

²³⁴ Cf. FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 45

²³⁵ FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 47.

O documento lembra que essa conversão das paróquias em Comunidades de comunidade é uma volta às origens das primeiras comunidades cristãs.²³⁶

O objetivo do Documento 100 é, portanto, uma mudança de postura, de prática, que supõe uma conversão pessoal e remete a uma renovada conversão a Jesus Cristo.²³⁷ Para que a conversão pastoral apontada no Documento 100, seja uma conversão que aconteça de fato e renove as estruturas de nossas paróquias transformando-as em Comunidade de comunidades.

“A formação de pequenas comunidades é um projeto afirmado na América Latina desde a Conferência de Medellín.”²³⁸ O Documento 100, vem coroar uma caminhada da Igreja no Brasil, que começou em 2007, na V Conferência do episcopado Latino-americano e do Caribe em Aparecida, no Brasil. Onde se originou um projeto de Evangelização, conhecido como Missão continental.²³⁹ Também, o documento da Missão continental (n.88) e as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015(n.94) e o documento de Estudos da CNBB (n.104). Todos estes documentos fora apresentando propostas até obter o Documento 100, que apresenta propostas quanto a renovação de suas estruturas para a Igreja no Brasil.²⁴⁰

O processo de conversão, a renovação das paróquias como comunidades de comunidades, há muito tempo está presente nas preocupações pastorais da Igreja no Brasil. Basta ver as últimas Diretrizes Gerais de sua ação evangelizadora: (2011-2015), onde somos chamados a uma conversão, isto é, a um (re)enraizamento de critérios e ter a coragem de abandonar as estruturas ultrapassadas que já não facilitam mais a transmissão da fé. É preciso voltar às fontes, recomeçar a partir de Jesus e colocar a Igreja no caminho do amor-serviço aos sofredores desta terra.²⁴¹

No caminho aberto pela V conferência de Aparecida e pela Missão Continental, a Igreja no Brasil nos propôs as Diretrizes da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil:2011-2015 na qual apresentou as 5 urgências na ação evangelizadora:

²³⁶ Cf. PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 7.

²³⁷Cf. PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 8.

²³⁸ FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 66.

²³⁹ Cf. PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 9.

²⁴⁰ Cf. PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 10.

²⁴¹ Cf. DGAE n.27.

1) Igreja em estado permanente de missão; 2) Igreja: casa de iniciação cristã; 3) Igreja: lugar de animação bíblica da vida e da pastoral; 4) Igreja: Comunidade de comunidades; 5) Igreja a serviço da vida plena para todos. Entre todas estas 5 urgências, a Igreja escolhe uma como a urgência das urgências, assim, foi escolhida a Igreja: Comunidade de comunidades, como a mais urgente entre todas para que a partir dela, sejam alcançadas as demais.²⁴²

Primeiramente, foi lançado um Documento de Estudos (n.104) para ser lido e estudado nas comunidades e apresentarem sugestões e emendas, para por fim, lançar o Documento 100 para uma renovação, chamando de uma nova paróquia.²⁴³

Não dá mais pra permanecer num modelo de paróquia que desenvolve suas ações em torno da manutenção estrutural (do templo) e sacramental, sem compromisso com a vida de comunidade. Esse modelo de paróquia, ainda predominante no Brasil, não faz a diferença na sociedade, e se ela não faz diferença, não faz falta, e se não faz falta não tem razão de existir. Permanecer nesse modelo é assinar um atestado fracasso na missão. Percebendo isso, o Documento 100 tratou de trazer para estudo e ação situações e elementos que são fundamentais para a renovação da paróquia, começando pela conversão pessoal e pastoral de todos, sobretudo de quem está à frente, como bispos, padres e demais agentes pastorais, leigos e consagrados.²⁴⁴

Hoje constata-se um decréscimo na vida comunitária e no senso de pertença à Igreja, onde muitos procuram viver sua fé seguindo outros caminhos, muitas vezes vivendo sua fé longe da comunhão da Igreja. Onde a formação vivencial e não a intelectual, nos leva a amar e seguir Jesus Cristo em comunidade, pois “existem paróquias que mais se assemelham a um clube social do que a centros de evangelização e de espiritualidade”.²⁴⁵ Em Corinto (1Cor, 12ss), Paulo já visava instigar a reflexão dos ouvintes, com a imagem do corpo com a igreja, para esta necessidade de integração, de responsabilidade e consciência de integração, de responsabilidade e culpa pelos

²⁴² Cf. PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p 11.

²⁴³ Cf. PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p 12.

²⁴⁴ Cf. PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p 13.

²⁴⁵ FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 49.

sofrimentos causado aos outros.²⁴⁶ Assim como em Corinto, este tema do corpo é importante, para a comunidade de hoje, pois devemos com nossos membros, diferentes que somos, estar ligados a cabeça que é Cristo. “A empatia e a solidariedade são virtudes imprescindíveis para a sobrevivência de uma comunidade”.²⁴⁷

Podemos afirmar que esse documento é um dos mais importantes que a Igreja produziu nos últimos anos. Do Documento de Aparecida surgiram outros, inclusive a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, do Papa Francisco, porém todos fundamentados e referendados nesse documento tão importante para a vida pastoral e missionária da Igreja, de modo que, embora sejam documentos novos, não trazem novidades além daquilo que o Documento de Aparecida traz.²⁴⁸

O documento 100 está dividido em seis capítulos,²⁴⁹ além da apresentação e da conclusão. Nele se aplica o método: Ver, Julgar e Agir, método este, surgido na Bélgica, na década de 1950, com a Ação Católica e foi trazido para a América Latina alguns anos depois.²⁵⁰ Faz um resgate histórico, bebendo na fonte das primeiras comunidades cristãs, do que seria uma comunidade que age junto, que partilha, que colabora, que vive na unidade respeitando as diferenças. Esta comunidade eclesial, deve acolher o diferente, respeitar as diferenças e se unir nos ideais, tendo Cristo como eixo comum, assim, poderemos possibilitar que também nossas paróquias sejam Comunidades de

²⁴⁶ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p. 173.

²⁴⁷ MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos Coríntios: Exegese e Comentário*, p. 178.

²⁴⁸ PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 9.

²⁴⁹ No capítulo primeiro, correspondente ao método ver, o documento mostra os sinais dos tempos e a conversão pastoral, seus desafios e oportunidades, os novos cenários, a realidade da paróquia e sua nova territorialidade, a revisão de estruturas obsoletas, a urgência da conversão pastoral e a conversão para a missão. No segundo capítulo, corresponde ao método julgar, o documento nos aponta sobre a Palavra de Deus, vida e missão nas comunidades. O terceiro e quarto capítulo temos o método agir, com o surgimento da Paróquia e sua evolução, passando pela Igreja antiga, a origem das paróquias, a formação das paróquias no Brasil, a paróquia no CV II, a renovação paroquial na América Latina e no Caribe e a renovação paroquial no Brasil. O quarto capítulo trata especificamente da Comunidade paroquial, ele está dividido em oito subitens, onde a Trindade é a fonte e meta da comunidade, o que é uma diocese e definição de paróquia, a paróquia como comunidade de fiéis, e esta paróquia como sendo territorial, segundo o Código de direito Canônico, e por fim, a comunidade como casa dos cristãos e missionária. O quinto capítulo é o tema modular do documento 100, pois trata da conversão pastoral, dos sujeitos e das tarefas, a saber, os bispos, padres, os diaconos permanentes, os consagrados e as consagradas e os leigos. E o último e sexto capítulo o documento usando o método agir, analisa as proposições pastorais, ou seja, as propostas concretas para que esta conversão pastoral aconteça, sendo elas, acolhida, e vida fraterna, iniciação cristã, leitura orante da Palavra, liturgia, espiritualidade e caridade.

²⁵⁰ PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 15.

comunidades, em que não haja competições e rivalidades, mas em que todos estejam em prol de um bem comum.²⁵¹ Em falar de comunidades, o documento 100 não deixa de fora os elementos fundamentais que distinguem a Igreja primitiva, que são: o ensinamento dos apóstolos, a comunhão fraterna, a fração do pão e a oração. Estes quatro pilares também hoje devem sustentar as nossas comunidades.²⁵² Vemos no livro dos Atos dos apóstolos que estes elementos fundamentais são: “Eles mostravam-se assíduos ao ensinamento dos apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações” (At 2, 42).

Estas descrições das primeiras comunidades são quase parte de um credo ou profissão de fé cristã e pode ser compreendida dentro destes quatro elementos.²⁵³ Estes elementos da comunidade de Jerusalém abarcam a vida comunitária desde a dupla dimensão da comunhão eclesial: a comunhão com Deus e com os irmãos.²⁵⁴

Estas primeiras comunidades de cristãos servem de inspiração para toda comunidade que pretenda ser discípula missionária de Jesus Cristo. Pra tanto, seus membros prestarão o culto devido a Deus, cuidarão uns dos outros, formarão comunidades de amizade e caridade, partilharão os bens, serão fiéis à doutrina dos apóstolos, e viverão na comunhão da Igreja, se comprometerão com a missão de anunciar e testemunhar Jesus, o Cristo.²⁵⁵

Os membros das primeiras comunidades tiveram muita dificuldade, muito maiores do que as nossas hoje, seja pela perseguição, sobretudo do império romano, seja pela clandestinidade, mas isso não os impediu de serem perseverantes na fé, na partilha e na solidariedade. Eles só sobreviveram, pela ajuda mútua e pela vida de comunidade.²⁵⁶

²⁵¹ Cf. PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 22.

²⁵² Cf. PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 24.

²⁵³ Cf. MAZZAROLO, I. *Atos dos apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo*, p. 64.

²⁵⁴ Cf. FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 22.

²⁵⁵ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, n. 104.

²⁵⁶ Cf. PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 28.

As comunidades sofreram perseguições e martírio. É o tempo dos Santos Padres, quando a Igreja precisou delinear melhor os carismas e ministérios, especialmente, definindo melhor a função dos bispos, presbíteros e diáconos. A comunidade era um refúgio para os cristãos que viviam numa sociedade de contrastes.²⁵⁷

Este cuidado de uns para com os outros, era uma forma de sobreviver diante de um mundo que ceifava vidas, onde foi preciso unir-se para sobreviver. E hoje isso não é diferente. Num mundo de individualismo, onde os fracos, os pequenos, os vulneráveis dificilmente conseguem sobreviver, enquanto os fortes, os mais espertos são os que mais fácil sobrevivem.²⁵⁸

Na conversão pastoral é preciso repensar quando se fala em pastoral urbana, pois o nome pastoral tem origem rural, porque se refere a pastor de ovelhas, onde se faz referência a um mundo distante de paróquias urbanas. Talvez dever-se se usar outro termo para a missão neste mundo urbano ou nas paróquias urbanas.²⁵⁹

A origem da expressão “comunidade de comunidades”, ao menos no âmbito do Episcopado latino-americano, está na Conferência de Santo Domingo. Já foi demonstrado que, em meio às turbulências do evento, aquela conferência evidenciou com nova luz os elementos místéricos da paróquia sem, contudo, negligenciar o pedido de descentralização das estruturas paroquiais.²⁶⁰

A preocupação do documento 100 é de repensar este modelo de paróquia, que vem desde a época tridentina, enfatizando sua dimensão comunitária, porque somente a comunidade poderá responder aos desafios do mundo.²⁶¹ “Nesse espaço administrativo, jurídico e geográfico denominado paróquia, devem ser formadas as comunidades de cristãos, comunidades de pessoas comprometidas com a vida e com a missão da

²⁵⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, n. 107

²⁵⁸ Cf. PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 28.

²⁵⁹ PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 30.

²⁶⁰ FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 44.

²⁶¹ Cf. PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 33.

Igreja”.²⁶² O conceito de comunidade implica comunhão, onde se deseja, que a nossa igreja que tem fundamento na trindade, viva como comunidade, onde exista relação interpessoais, existe compromisso e tudo fundamentado na Palavra de Deus.

Para Fernandes, a expressão Comunidade de comunidades permite assimilar um saudável equilíbrio na polaridade Igreja de povo e Igreja de pequena comunidade, algo próprio de uma eclesiologia de comunhão enraizada no mistério trinitário.²⁶³ O encontro Eucarístico pode ser feito a nível da comunidade maior, na igreja ou na capela que reúne as muitas comunidades numa única comunidade eucarística. E os encontros da comunidade menor devem ter como centro a Palavra de Deus.²⁶⁴

Portanto, a Comunidade maior, a paróquia, é onde se celebra a Eucaristia dominical, todos juntos, onde ela abrange todos os grupamentos humanos. Geralmente comunidade significa ter algo em comum. E essa comunhão se realiza fundamentalmente pelo Batismo e pela Eucaristia, onde se participa da vida divina na partilha de vida fraterna ao comungar a mesma mesa, ao professar a mesma fé recebida dos apóstolos ao testemunhar a caridade que revela o amor salvífico de Deus para a humanidade.²⁶⁵

De um lado, como expressão da Igreja de dimensões maiores, está a paróquia entendida como comunidade de fiéis, local onde as pessoas são chamadas para «formarem a grande família de Deus, a família dos que “ouvem a Palavra de Deus e a põem em prática” (Lc 8,21)». É a Igreja para todos, «que está onde as pessoas se encontram, independentemente dos vínculos de território, de moradia ou de pertença geográfica». Seu ponto concreto de unidade encontra-se na celebração dominical da Eucaristia. A partir da experiência do domingo e sob o ministério do pároco, os fiéis se unem em solidariedade para a edificação da comunidade, desde a tríplice tarefa da fé, do culto e da caridade. A concepção de uma grande comunidade de fiéis aberta a todos admite diversos graus de pertença, evita exclusivismos e possibilita a edificação da unidade do povo de batizados em um determinado território.²⁶⁶

²⁶² PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 36.

²⁶³ FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 45

²⁶⁴ Cf. FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 69.

²⁶⁵ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, n. 169 e 179.

²⁶⁶ FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 45.

E de outra parte, temos os encontros das comunidades menores, que devem ter como centro a Palavra de Deus, determinado a caminhada do pequeno grupo. Pede-se que para estes encontros o ponto de partida seja a Leitura Orante da Bíblia, seguindo também com isto, as outras dimensões, como a catequese, a caridade, a formação da consciência cristã.²⁶⁷

É um ambiente onde as pessoas se sintam em casa, pois se elas não se sentirem em casa naquele espaço, ali não será para ela uma comunidade. “A ideia de comunidade como casa, fornece o conceito de lar, ambiente de vida, referência e aconchego de todos que transitam pelas estradas da vida.”²⁶⁸ Uma pequena comunidade é um pequeno grupo de pessoas que tenham fé em Jesus Cristo, se conheçam, partilhem a vida e que cuidem uns dos outros como discípulos missionários. São comunidades abertas, acolhedoras, com um profundo espírito missionário, que busquem tirar a pessoa do anonimato reconheçam e valorizem o potencial de cada um. São comunidades que devem atrair e motivar. São pequenas comunidades de pessoas que podem se reunir semanalmente, quinzenalmente ou até mesmo uma vez ao mês.²⁶⁹ Podendo ser realizado nas casas das pessoas ou até mesmo no próprio espaço da paróquia. Cada paróquia pode organizar os dias de encontro, mas a proposta é de seguir o ciclo litúrgico na igreja, de Pentecostes a Pentecostes, com os seus momentos fortes na Quaresma, na Páscoa e no Tempo Pascal, reunindo as pessoas em um dia fixo da semana, para esta necessidade de crescer no caminho de discípulos de Jesus Cristo.

O Episcopado, pelo contrário, não ignora que a vida em comunidade seja tarefa exigente, marcada por tensões e pecados. A cruz é real no dia-a-dia da comunidade. É nesse sentido que o perdão se torna o primeiro elemento a ser indicado sobre a vida fraterna. Em meio às tensões e dissensões, a comunidade deve pedir e conceder o perdão.²⁷⁰

Cada paróquia decide, de acordo com suas possibilidades, com quantas comunidades deve iniciar ou ter. O importante é ter comunidades, e que cada participante da paróquia, estivesse em uma dessas comunidades. Estas comunidades não são divisões, mas multiplicações, não são enfraquecimentos da paróquia, mas

²⁶⁷ Cf. FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 67.

²⁶⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, n. 178.

²⁶⁹ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, n. 251.

²⁷⁰ FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 70.

fortalecimento no sentido de que cada comunidade soma com a conjuntura da paróquia, tornando-a viva e dinâmica,²⁷¹ tornando a comunidade um local onde se desenvolvam as relações fraternas, de amor ao próximo, espaços onde Deus se revela.²⁷²

Segundo o documento *Comunidade de comunidades*, “o fundamento da comunidade está na Palavra de Deus e na Eucaristia. A Leitura Orante da Bíblia e os Círculos bíblicos são importantes para que a Palavra determine a caminhada do pequeno grupo.”²⁷³ Nesta intimidade com a Palavra de Deus, a experiência orante nos conduz a contemplar e a viver a missão de Jesus, que é a missão de todos os batizados. Sendo assim, o centro da vida comunitária é Cristo e não grupos ou atividades, como vemos na introdução ao capítulo quinto, onde citou-se uma definição paradigmática do Papa Francisco que implica radicalidade e alteridade, onde o discípulo missionário é um descentrado: o centro é Jesus Cristo, que convoca e envia. Pois a realidade paroquial nos mostra que muitos ainda não assumiram a condição de discípulos, pois se identificam com grupos, ou determinadas atividades e não com a pessoa de Jesus Cristo.²⁷⁴

A comunidade deve ser a casa dos cristãos, onde se fornece ambiente de vida, de aconchego, onde se possa ouvir, atender e colocar em prática a Palavra de Deus. Deve ser também a casa do pão e lugar da Eucaristia, onde as pessoas possam satisfazer suas necessidades espirituais. E além disso, deve ser a casa da caridade, onde possam se ajudar e ajudar os que estão fora.²⁷⁵ Comunidade é um pouco mais do que um grupo de reflexão, pois não é só fazer leitura orante da Bíblia, mas ela tem características para que seja comunidade eclesial, por exemplo, a leitura da Palavra, a Eucaristia, o compromisso missionário, relações humanas que vão se estabelecendo e a caridade. Os grupos de leitura orante, são um começo, que podem se tornar uma comunidade, que vai além da simples reflexão, de apenas um grupo de amigos onde se sente bem, mas que

²⁷¹ PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 38.

²⁷² PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 39.

²⁷³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, n. 252.

²⁷⁴ Cf. FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 53.

²⁷⁵ PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 41.

evangelize, onde se faça a memória da morte e ressurreição de Cristo e que seja missionária.

Assim sendo, precisa-se de uma conversão pastoral, onde supõe o envolvimento de todos, bispos, padres, diáconos e leigos. Por isso a paróquia ao se tornar Comunidade de comunidades, lugar de conversão pastoral e pessoal, torna-se também local onde se ouve a convocação feita por Deus, em Cristo para que todos sejam um e vivam como irmãos.²⁷⁶ “Isso supõe mudança de estruturas e métodos eclesiais, mas principalmente, exige uma nova atitude dos sujeitos: pastores, agentes de pastoral e dos membros das associações de fiéis e movimentos eclesiais.”²⁷⁷ Os bispos insistiram na revisão das relações humanas, para que se evitem a fofoca, a inveja, os interesses pessoais que ferem a unidade, onde a vida comunitária não está em assumir cargos ou atuar em serviços paroquiais, mas que se aprofundem a revisão dos relacionamentos, como o perdão, o amor mútuo, o diálogo e a correção fraterna e sobretudo o elemento da acolhida.²⁷⁸

Nossas paróquias devem ser acolhedoras, missionárias, fomentando redes de comunidades vivas e atuantes, que sejam irradiadoras de vida e, portanto, evangelizadoras. Acolhimento e missão formando discípulos de Cristo Ressuscitado, que vivam na unidade.

A qualificação de leigos e a mensagem mais direta compõe o quadro da acolhida. A mensagem pressupõe o querigma, levando o interlocutor, sem meias palavras, ao conhecimento da mensagem central da comunidade cristã, dada na vida de Jesus Cristo crucificado e ressuscitado. Para o Documento Comunidade de comunidades, acolhida e querigma caminham juntos.²⁷⁹

Essas mudanças propostas significam multiplicação de serviços e isso demanda mais agentes, mais pessoas envolvidas e mais pessoas convertidas pastoralmente. Pois não dá para querer mudanças e continuar um pequeno grupo de pessoas fazendo sempre

²⁷⁶ Cf. PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 39.

²⁷⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, n. 51.

²⁷⁸ Cf. FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 70.

²⁷⁹ FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 72.

as mesmas coisas, sem abertura e sem conversão.²⁸⁰ E algo essencial não pode faltar, que é o acolhimento, pois nossas estruturas são muito pobres e deficitárias em acolhida, pois uma paróquia que não se preocupa com acolhimento, sobretudo dos pobres e marginalizados, não pode dizer que está no caminho da conversão pastoral.²⁸¹ “Assim, as pessoas acolhem e oferecem o perdão, porque sabem que a comunidade é o lugar da reconciliação.”²⁸²

A missão essencial desta renovação paroquial em Comunidades de comunidade é rever o relacionamento humano, pois não se pode acolher os afastados se aqueles que estão na comunidade vivem se desencontrando. E justamente porque vivem de forma tão apática ou conflituosa em suas relações que mais afastam do que atraem novos membros.²⁸³

Estas comunidades são compreendidas como um ambiente no qual as pessoas se realizam afetivamente na fé e se encontram com pessoas diversas, criando vínculos de amizade. “A grande comunidade praticamente impossibilita manter vínculos humanos e sociais, por isso o primeiro pedido é o de setorização dessas grandes comunidades em unidades menores”.²⁸⁴ Guiados, portanto, pela Palavra de Deus, pela fé da Igreja e pela oração, os cristãos podem viver, nessa experiência, o testemunho da caridade ativa que promove a vida e transforma a realidade. E estas pequenas comunidades devem estar nas mãos dos leigos, discípulos missionários, conforme pede o Documento de Aparecida e o Documento 100. São eles que vão pastorear essas comunidades.²⁸⁵ A paróquia descentraliza seu atendimento e favorece o aumento de líderes e ministros leigos e vai ao encontro dos afastados. Não se deixa a referência territorial das comunidades maiores, mas criam-se novas comunidades sem tanta estrutura administrativa.

²⁸⁰ PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 46.

²⁸¹ PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 47.

²⁸² CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, n. 257.

²⁸³ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia*, n. 259.

²⁸⁴ PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 54.

²⁸⁵ Cf. PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 54.

A formação de grupos, comunidades ou movimentos compostos por discípulos desanimados ou por adeptos, tendem naturalmente a fechar-se em suas ocupações e estruturas. No centro destes grupos, ainda não está o Evangelho. A nova paróquia supõe a conversão de todos os seus membros e comunidades em discípulos missionários.²⁸⁶

O Documento 100 ainda nos diz que essa setorização descentraliza o atendimento que antes estava na mão dos padres, e esse controle sobre tudo e favorece o aumento de líderes e ministros leigos que prestam esse serviço que vão formar outros líderes e ir ao encontro dos afastados. Com isso, não há enfraquecimento com essa divisão, mas gera multiplicação, somando forças.²⁸⁷ A paróquia é comunidade de comunidades, santuário onde os sedentos vão beber para continuarem a caminhar e centro do envio missionário.²⁸⁸

3.3 TENDÊNCIAS A SEREM SUPERADAS PARA UMA PERTENÇA ECLESIAL

Na sua Exortação Apostólica *Gaudete et Exsultate*, sobre a Santidade no mundo atual, o Papa Francisco nos faz perceber que estamos vivendo nosso cristianismo à custa de recuperar e dar nova vida a erros e heresias que foram rejeitados pela Igreja séculos atrás. Mas acontece que agora esses erros do passado estão sendo reabilitados como se fossem a solução para os nossos problemas. Já na *Evangelii Gaudium*, Francisco fala de um mundanismo espiritual que pode se alimentar de duas maneiras profundamente relacionadas, uma delas é o fascínio do gnosticismo e a outra maneira é o neopelagianismo.²⁸⁹

É recorrente no pontificado do Papa Francisco a crítica ao pelagianismo. Às vezes de modo explícito, às vezes de forma indireta, Francisco não perde a oportunidade para criticar atitudes humanas que dispensam a graça divina.

²⁸⁶ FERNANDES, R. *A Ecclesologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 53.

²⁸⁷ Cf. PEREIRA, J. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*, p. 55.

²⁸⁸ Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 28.

²⁸⁹ Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 15.

Ele o faz principalmente nos âmbitos eclesiais, condenando comportamentos de fiéis, sobretudo de bispos e padres.²⁹⁰

Nos primeiros séculos do cristianismo, junto às perseguições e o surpreendente crescimento da fé cristã, houve também o crítico período das heresias, que exigiram definições mais claras das principais verdades de nossa fé. Duas destas heresias se destacaram: *gnosticismo* (séc. I-II) e *pelagianismo* (séc. V). Segundo Feller, “o papa define o gnosticismo e o neopelagianismo como manifestações de imanentismo antropocêntrico e formas desvirtuadas do cristianismo.”²⁹¹

Como o Reino é de Deus, o discípulo acolhe por meio da fé, pois a iniciativa pertence a Deus e não podemos conceber Cristo sem o Reino que Ele veio trazer. Este Reino é de amor, justiça e paz para todos. Sendo sal da terra e luz do mundo. O contrário pode levar a distorções denunciadas pelo Papa Francisco como o perigo nos dias de hoje do Neo-gnosticismo e o Neo-pelagianismo.²⁹²

3.3.1 Neognosticismo

A palavra “gnóstico” vem do grego *gnosis* e significa conhecimento, isto é, uma pessoa gnóstica é alguém que adquire um especial conhecimento e o segue. A gnose foi talvez o maior inimigo do cristianismo primitivo e muitos dos chamados evangelhos apócrifos refletem esta tentativa de desviar gnosticamente o cristianismo.²⁹³ González nos diz que: “a pretenciosa desautorização que alguns pseudoteólogos mostraram contra o Vaticano II, alegando que era simplesmente “um concílio pastoral”, incide nesta tentação de ver o cristianismo mais como uma gnose do que como uma vida.”²⁹⁴

O conhecimento é algo positivo, mas se torna ruim quando resulta de uma supervalorização seja de determinada experiência, seja de uma série de teorias

²⁹⁰ FELLER, V. *A crítica do Papa Francisco ao Pelagianismo*, p. 52.

²⁹¹ FELLER, V. *A crítica do Papa Francisco ao Pelagianismo* p. 66.

²⁹² Cf. DGAE, n. 94.

²⁹³ Cf. GONZÁLEZ, J. *As 10 heresias do catolicismo atual*, p. 70.

²⁹⁴ GONZÁLEZ, J. *As 10 heresias do catolicismo atual*, p. 71.

elaboradas que desviam o olhar de Deus e da comunidade.²⁹⁵ O conhecimento não deve ser nunca desprezado, mas mesmo respeitado, nunca pode ser erigido como um caminho de salvação.²⁹⁶

Não é um problema novo, já Santo Irineu de Lião no século II tratou desta questão em sua obra *Adversus Haereses*.²⁹⁷

Papa Francisco fala deste mundanismo espiritual, onde o gnosticismo é uma fé fechada no subjetivismo, onde apenas o que interessa é uma determinada experiência ou uma série de raciocínios e conhecimentos que supostamente confortam iluminam, mas que a pessoa fica enclausurada em sua própria razão ou seus sentimentos.²⁹⁸

Os “gnósticos”, baralhados neste ponto, julgam os outros segundo conseguem, ou não, compreender a profundidade de certas doutrinas. Concebem uma mente sem encarnação, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo nos outros, engessada em uma enciclopédia de abstrações. Ao desencarnar o mistério, em última análise preferem um Deus sem Cristo, um Cristo sem Igreja, uma Igreja sem povo.²⁹⁹

Para o Papa Francisco, o gnosticismo é uma das piores ideologias, ela se disfarça de uma espiritualidade desencanada, por sua natureza quer domesticar o mistério, quando eles acreditam que com suas explicações podem tornar perfeitamente compreensível toda a fé e todo o Evangelho.³⁰⁰ Ainda para Francisco, o maior risco do gnosticismo é a tentação de medir uma maior ou menor elevação espiritual e avanço no caminho da fé pela quantidade de dados e conhecimentos que se consegue acumular.³⁰¹

Quando alguém tem resposta para todas as perguntas, demonstra seu benefício, a serviço das próprias lucubrações psicológicas e mentais. Deus nos supera

²⁹⁵ Cf. BINGEMER, M. *Santidade: Chamado à humanidade: reflexões sobre a exortação apostólica: Gaudete et Exsultate*, p. 73

²⁹⁶ Cf. GONZÁLEZ, J. *As 10 heresias do catolicismo atual*, p. 71.

²⁹⁷ Cf. GONZÁLEZ, J. *As 10 heresias do catolicismo atual*, p. 71.

²⁹⁸ Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 95

²⁹⁹ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et exsulte: sobre o chamado à santidade no mundo atual*, n. 37.

³⁰⁰ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et exsulte: sobre o chamado à santidade no mundo atual*, n. 40.

³⁰¹ Cf. BINGEMER, M. *Santidade: Chamado à humanidade: reflexões sobre a exortação apostólica: Gaudete et Exsultate*, p. 73

infinitamente, é sempre uma surpresa e não somos nós que determinamos a circunstância histórica em que o encontramos.³⁰²

Segundo Maria Clara Bingemer, o perigo mortal está em conceber uma mente sem encarnação, incapaz de tocar a carne sofredora de Cristo no outros.³⁰³ Bingemer comenta que:

[...] a Encarnação é portanto, a pedra de toque pela qual se pode e deve reconhecer se quem move e ensina é o Espírito de Deus ou o Espírito do anticristo, que afasta de Deus e conduz ao caminho da soberba, do desprezo dos outros e das ilusões que fazem voltar as costas à história e à realidade, refugiando-se em hipotéticas teorias abstratas que não levam a lugar nenhum e nada constroem.³⁰⁴

A vida de oração, vida de piedade, prática litúrgica, entre outros, é muito importante e é preciso fazer tudo isso, mas não para acumular méritos pessoais, como se o cristianismo fosse uma espécie de capitalismo piedoso ou um neoliberalismo religioso. As obras de Jesus, que dão testemunho do Pai, não eram obras piedosas, mas sim, obras de piedade, um coração que vivia comovido e sacudido diante deste mundo por sua experiência de Deus.³⁰⁵

Para Bingemer, uma outra face do gnosticismo sobre a qual Papa Francisco não se debruça, mas deixa implícita, é o fenômeno constatável em nossa Igreja da volta triunfante do espiritualismo. Onde é uma malformação da espiritualidade que existe uma aversão pela condição humana, um desprezo que o impele a despertar a realidade do mundo. Um avesso à filantropia do Criador, que se manifesta na encarnação do Filho e uma conseqüente necessidade de inventar supostos ‘revivals’ litúrgicos efervescentes onde a *Lex orandi* não pode encontrar mais a *Lex credendi*.³⁰⁶

³⁰² Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et exultate: sobre o chamado à santidade no mundo atual*, n. 41.

³⁰³ Cf. BINGEMER, M. *Santidade: Chamado à humanidade: reflexões sobre a exortação apostólica: Gaudete et Exultate*, p. 74.

³⁰⁴ BINGEMER, M. *Santidade: Chamado à humanidade: reflexões sobre a exortação apostólica: Gaudete et Exultate*, p. 74.

³⁰⁵ Cf. GONZÁLEZ, J. *As 10 heresias do catolicismo atual*, p. 73.

³⁰⁶ Cf. BINGEMER, M. *Santidade: Chamado à humanidade: reflexões sobre a exortação apostólica: Gaudete et Exultate*, p. 75.

3.3.2 Neopelagianismo

O pelagianismo é uma heresia disseminada pelo monge Pelágio que viveu no século V da era cristã. Para este monge, o pecado original não existe e ele negava a necessidade da graça de Deus. “Pelágio, monge de origem irlandesa, asceta e diretor espiritual em Roma, ensinava que o ser humano pode cumprir os mandamentos de Deus por suas próprias forças, sem que para isso tenha necessidade de um auxílio divino interior”.³⁰⁷

O grande erro deste modelo de vida é que identifica a graça de Cristo em seu exemplo, em suas atitudes, que poderíamos percorrer com nossas próprias forças e sem precisar da graça de Cristo, mas tudo dependendo somente do esforço humano, são manifestações de um imanentismo antropocêntrico.

A outra maneira é o neopelagianismo autorreferencial e o prometeuco de quem, no fundo, só confia nas suas próprias forças e se sente superior aos outros por cumprir determinadas normas ou por ser irredutivelmente fiel a um certo estilo católico próprio do passado. É uma suposta segurança doutrinal ou disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e autoritário, em que, em vez de evangelizar, analisam-se e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias em controlar.³⁰⁸

Papa Francisco na Exortação *Gaudete et Exsultate* enfatiza que a Igreja sempre ensinou repetidamente que não somos justificados pelas nossas obras ou pelos nossos esforços, mas pela graça do Senhor que toma a iniciativa.³⁰⁹

[..] pode-se sintetizar o pelagianismo como uma doutrina que exalta de tal modo a capacidade da liberdade humana a ponto de negar a necessidade da graça divina para a prática salvífica da lei moral. O pecado original não teria

³⁰⁷ FELLER, V. *A crítica do Papa Francisco ao Pelagianismo*, p. 54.

³⁰⁸ FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, n. 94

³⁰⁹ Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et exsulte: sobre o chamado à santidade no mundo atual*, n. 52.

contaminado verdadeiramente a natureza humana; portanto, por si mesmo e sem a ajuda da graça, o ser humano seria capaz de escolher o bem e não pecar.³¹⁰

Entre esses esforços, o Papa cita

[.] a obsessão pela lei, o fascínio de exhibir conquistas sociais e políticas, a ostentação do cuidado da liturgia, da doutrina e do prestígio da Igreja, a vanglória ligada à gestão de assuntos práticos, a atração pelas dinâmicas de autoajuda e realização autorreferencial.³¹¹

Segundo o Papa, é uma forma sutil de pelagianismo essa excessiva importância à observância de certas normas próprias, costumes ou estilos. E com isto, acabam reduzindo, detendo e despojando o Evangelho de sua simplicidade cativante e do seu sabor.³¹²

Essa doutrina sempre foi rejeitada desde o início na doutrina cristã, mas assumido pela cultura moderna, científica e laica, que cada vez mais descarta a relação com Deus e com isso, continua sendo sempre a tentação dos cristãos de má ânsia de salvar o mundo e a si mesmos, rejeitam a simplicidade e o escândalo da cruz e confiam mais em sua própria força e poder.³¹³

Esta busca exagerada no sucesso e na eficácia da capacidade humana, para o Papa Francisco pode ser considerada pelagianas, onde se nega a transcendência.³¹⁴

O Papa usa explicitamente a palavra neopelagianismo na Exortação *Evangelii Gaudium* para se referir àqueles que só confiam nas próprias forças e se sentem superiores aos outros que seguem certo estilo católico próprio do passado, agarrados a uma suposta segurança doutrinal e disciplinar que dá lugar a um elitismo narcisista e

³¹⁰ FELLER, V. *A crítica do Papa Francisco ao Pelagianismo*, p. 55.

³¹¹ FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et exsulte: sobre o chamado à santidade no mundo atual*, n. 57.

³¹² Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et exsulte: sobre o chamado à santidade no mundo atual*, n. 58

³¹³ Cf. FELLER, V. *A crítica do Papa Francisco ao Pelagianismo*, p. 59.

³¹⁴ Cf. FELLER, V. *A crítica do Papa Francisco ao Pelagianismo*, p. 63.

autoritário, em que, em vez de evangelizar, analisam-se e classificam os demais e, em vez de facilitar o acesso à graça, consomem-se as energias a controlar.³¹⁵

Para Bingemer, a humildade é sempre necessária, ela é o antídoto a toda e qualquer soberba voluntarista e rigidez fanática de quem no fundo só confia nas próprias forças e sente-se superior aos outros em cumprir certas normas. A humildade é uma das virtudes incontestáveis, muitas vezes mal interpretada e desvalorizada, pois para reconhecer a majestade e a infinitude de Deus e reconhecer-se criatura finita, pobre e limitada, é preciso ser humilde.³¹⁶

O pelagianismo dentro da Igreja, o Papa denuncia:

[...] a preocupação exacerbada por espaços de autonomia e relaxamento, a acentuação do individualismo, o declínio do fervor (EG 78), a desconfiança e o desencanto com a mensagem da Igreja, a relativização e até o escondimento da identidade cristã, o sufocamento da alegria cristã, a limitação do tempo despendido na evangelização (EG 79), o relativismo prático, mais perigoso que o doutrinal, de quem age como se Deus e os pobres não existissem, o apego a seguranças econômicas ou a espaços de poder e de glória humana (EG 80), a fuga de compromissos apostólicos que venham a roubar o tempo livre, a preocupação obsessiva com o tempo pessoal, a necessidade de preservar os espaços de autonomia, a acédia paralisadora (EG 81), o excesso de atividades, mas, sobretudo, de atividades mal vividas, sem motivações adequadas, sem espiritualidade, por pura obrigação, sem a aceitação da custosa evolução dos processos, por apego ao cultivo da vaidade, pela perda do contato real com o povo, pela despersonalização da pastoral, pela atenção maior às organizações que às pessoas, pela ânsia de resultados imediatos (EG 82), o pragmatismo cinzento da vida cotidiana, já denunciado por Ratzinger, a psicologia do túmulo que transforma os cristãos em múmias de museu, a tristeza melosa, sem esperança (EG 83), o pessimismo estéril dos profetas da desgraça, que só veem prevaricações e ruínas, já denunciados por João XXIII (EG 84), a sensação de derrota que nos transforma em pessimistas lamurientos e desencantados com cara azeda (EG 85), a desertificação espiritual, fruto do projeto de sociedades que querem se construir sem Deus ou destroem as raízes cristãs (EG 86), o fechamento em si, para provar o veneno amargo da imanência (EG 87), o fechamento na privacidade confortável ou no círculo reduzido dos mais íntimos, o seguimento de um Cristo puramente espiritual, sem carne nem cruz (EG 88), o isolamento, que é uma concretização do imanentismo, a falsa autonomia que exclui Deus (EG 89), a busca pelo poder, prestígio, prazer ou segurança econômica e o espírito de contenda, que produzem guerras entre nós (EG 98), a inveja (EG 99), as várias formas de ódio, divisão, calúnia, difamação, vingança, ciúme, os desejos de impor as próprias ideias a todo custo, a implacável caça às bruxas (EG 100).³¹⁷

³¹⁵ Cf. FELLER, V. *A crítica do Papa Francisco ao Pelagianismo*, p. 62.

³¹⁶ Cf. BINGEMER, M. *Santidade: Chamado à humanidade: reflexões sobre a exortação apostólica: Gaudete et Exsultate*, p. 77.

³¹⁷ FELLER, V. *A crítica do Papa Francisco ao Pelagianismo*, p. 62.

Acreditar em nós mesmos, nos faz ser super-homens e isto nos leva a confiar em nossas limitações e muito pouco em Deus.³¹⁸

Francisco nos diz que no meio da densa selva de preceitos e prescrições, Jesus abre uma brecha que permite vislumbrar dois rostos: o do Pai e o do irmão, como visto no Evangelho de João, “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14, 10). Deus não nos dá mais duas fórmulas ou dois preceitos, mas entrega-nos dois rostos, ou melhor, nos diz o Papa: um só, o de Deus que se reflete em muitos, porque em cada irmão, especialmente no mais pequeno, frágil, inerme e necessitado, está presente a própria imagem de Deus. E que no fim dos tempos, o Senhor plasmará a sua última obra de arte. Pois, o que é que resta? O que é que tem valor na vida? Quais são as riquezas que não desaparecem? Seguramente duas: o Senhor e o próximo. Estas duas riquezas não desaparecem.³¹⁹

Por fim, Bingemer, citando o n. 57 da Exortação *Gaudete et Exsultate* onde fala do fascínio de exhibir conquistas sociais e políticas, comenta o subjetivismo e o intimismo que aconteceu logo após o Concílio Vaticano II, onde se deu muita ênfase na ação, no agir, com resultados e testemunhos magníficos de denuncia profética, mas que também degenerou em formas de pelagianismo que podem ser nomeados de diferentes maneiras nos ativismos, militâncias e excessiva politização da fé.³²⁰

Para Bingemer:

A militância que, diante de obstáculos e desilusões, se afasta da comunidade, da liturgia e da espiritualidade que foram seu nascedouro e sua inspiração original, demonstra que perdeu sua conexão mística e sua motivação de fé. Ficou reduzida a um ativismo febricitante, que pode ter seu mérito, mas que não pode reivindicar para si mesma o quilificativo de cristã. No entanto, apesar de haver sido golpeada por esse risco, a verdade é que a Teologia da Libertação selou para sempre o caminho da santidade cristã com o compromisso solidário com a justiça e os pobres. E desenhou no horizonte

³¹⁸ Cf. BINGEMER, M. *Santidade: Chamado à humanidade: reflexões sobre a exortação apostólica: Gaudete et Exsultate*, p. 78.

³¹⁹ Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Gaudete et exsulte: sobre o chamado à santidade no mundo atual*, n. 57.

³²⁰ Cf. BINGEMER, M. *Santidade: Chamado à humanidade: reflexões sobre a exortação apostólica: Gaudete et Exsultate*, p. 80.

cristão o perfil de uma santidade encarnada que provoca impacto sobre a realidade, criando fatos não apenas eclesiais, mas também políticos.³²¹

³²¹ BINGEMER, M. *Santidade: Chamado à humanidade: reflexões sobre a exortação apostólica: Gaudete et Exsultate*, p. 84.

4 MEIOS DE INTENSIFICAR HOJE A PERTENÇA À IGREJA

4.1 A COMUNIDADE: LUGAR DE PERTENÇA

Uma das dificuldades encontradas por Paulo em Corinto era o surgimento de grupos que fragilizavam esta pertença a Igreja de Cristo, onde o ambiente estava ameaçado por grupos antagônicos que dificultavam a unidade de pertença ao corpo de Cristo e isto estava repercutindo nas celebrações. E onde há divisões, a acolhida e pertença ficam comprometidas (Cf 1Cor 11, 12ss).

Dentro da proposta do Documento 100, a acolhida e pertença são elementos fundamentais, onde se “aprofundou a dinâmica da fraternidade cristã, pondo à luz sobretudo o elemento da acolhida”.³²²

Podemos pertencer a outras coisas, como gangue, seita, clube, organizações, mas a comunidade é o lugar ao qual pertencemos e em que se encontram a nossa terra e a nossa identidade.³²³ Para o apóstolo Paulo a comunidade cristã é formada por aqueles que estão em comunhão com Deus vivida na Igreja, esta pertença ao corpo de Cristo, que é um só corpo (Cf. 1Cor 10,16ss). E nesse corpo se pertence mediante o Batismo, que é único e na unida fé em Jesus Cristo (Cf 1Cor 12, 3;14).

Mazzarolo comenta que a associação do corpo com a igreja visa instigar a reflexão dos ouvintes para a necessidade de integração, de responsabilidade e consciência de pertença.³²⁴ Já na nossa infância, a primeira comunidade é a família. E quando a criança sente que não pertence a ninguém, ela sofre de isolamento e que se manifesta na angústia. Uma criança que não se sente amada acredita que não é digna de amor, que ela não é boa. Mas quando ela percebe que é amada, ela vive em paz.³²⁵ Esta comparação de Paulo com os membros do corpo é muito sábia, de modo particular, para quem tem esse espírito do bastar-se a si próprio. Se cada um tem um dom, esse é o que falta para o outro. Se alguém é ‘ouvido’, o ouvido é importante para os olhos e para o

³²² FERNANDES, R. *A Ecclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 63.

³²³ Cf. VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 29.

³²⁴ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos coríntios: exegese e comentário*, p. 175.

³²⁵ Cf. VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 29.

pé. Se alguém é pé, esse é importante para o estômago, pois conduz para onde tem alimentos.³²⁶

Para Vanier, esta sede de pertença, se não for saciada, a pessoa terá sentimentos de culpa, angústia, depressão, fúria, ódio de si própria e dos outros. Em todo ser humano há esse desejo ardente de comunhão e de pertencer a alguém.³²⁷

Em consequência das circunstâncias, e para suprir as necessidades pessoais, o que lhes falta desde a infância, algumas pessoas procuram, quase q qualquer preço, um lugar em que possam sentir-se parte integrante, sentem-se tão solitárias que estão prestes a sacrificar sua consciência e seu desenvolvimento pessoal para participar de um grupo. Outras tem medo de participar, medo de que o grupo as sufoque e apague o que elas tem de mais precioso: sua consciência pessoal, sua singularidade e sua sede de comunhão. Essa fobia a qualquer forma de grupo as impede de viver em comunidade. Têm necessidade de sua independência, o que não as impede de amar os outros, ter compaixão e assumir responsabilidades; apenas precisam de um grande espaço pessoal.³²⁸

Nessa sociedade ocidental de competição, onde se aprende desde criança a ganhar, o estilo individualista de ser bem sucedido, de explorar o outro, está superando o sentido de comunhão e da compaixão. Neste sentido, Paulo já aconselhava a comunidade Corinto, “Não vos torneis, ocasião de escândalo, nem para os judeus, nem para os gregos, nem para a Igreja de Deus” (Cf 1Cor 11,22).

E nessa perda de sentido de comunidade no ocidente, levou ao aparecimento de pequenos grupos que tentam reencontrar o que foi perdido.³²⁹ A comunidade está dando para as pessoas um encontro pessoal com Deus, neste sentido de pertença, ajudando-as numa abertura com todas as pessoas e com o universo. Eliminando essa falsa ideia de que somos o centro do universo e que os outros vivem para nós, mas fazendo renascer o amor que nos ensina a dar e receber, e o fato de pertencer, faz com que a pessoa tenha um crescimento pessoal.³³⁰ Conforme Paulo, a pertença ao corpo de Cristo traz santificação e justificação, onde os fiéis estão ainda neste século, mas já estão também no outro e em marcha para o homem renovado (Cf 1Cor 10,11; 2Cor 4ss).

³²⁶ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos coríntios: exegese e comentário*, p. 177.

³²⁷ VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 30.

³²⁸ VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 31.

³²⁹ VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 32.

³³⁰ Cf. VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 34.

No Documento 100, encontra-se a ideia de comunidade como casa, onde fornece o conceito de lar, ambiente de vida, referência e aconchego de todos que transitam pelas estradas da vida, onde o cristão peregrino encontra-se no lar.³³¹

4.2 A COMUNIDADE: LUGAR DA CURA

Quando as pessoas entram em uma comunidade, começam a retirar suas máscaras e a se tornarem vulneráveis, mas ao mesmo tempo que as tiram, descobrem que a comunidade é um lugar de relacionamentos em que se revelam as afetividades feridas e se descobre o como é difícil conviver com as pessoas e com algumas em especial. Vemos que é bem mais fácil viver sozinho, ou conviver com objetos, cães ou gatos. A comunidade é, portanto, o lugar onde são revelados os limites, os medos e os egoísmos das pessoas.³³² Por isso, Paulo, na vida comunitária, precisa tocar nesse assunto das feridas abertas, que ameaçam a unidade pessoal e comunitária, diz ele: “Mas eu voz exorto irmãos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, que faleis todos a mesma coisa e não haja entre vós divisões; antes, sejais inteiramente unidos, na mesma disposição mental e no mesmo parecer.”(1Cor 1, 10).

E é nessa vida comunitária onde se revelam as fraquezas e as trevas de cada um. E por fim, a revelação mais inesperada, que os monstros não são os outros, mas que estão ocultos dentro de nós, e com isso, logo de início procura-se escondê-los novamente e procurar esquecer que existem.³³³

Finalmente, as pessoas nos escutam de verdade; é possível, pouco a pouco, lhes revelar os monstros que existem dentro de nós e todos os sentimentos de culpa ocultos no fundo do nosso ser. As pessoas que nos acompanham, podem nos ajudar a aceitá-los, mostrando que eles escamoteiam nossa vulnerabilidade, nossa sede e nosso medo de amar. Eles pretejem nosso coração ferido.³³⁴

³³¹ Cf CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*, n. 178.

³³² Cf. VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 43.

³³³ Cf. VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 44.

³³⁴ VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 44.

Em Corinto, Paulo propõe que as feridas, os atritos na comunidade não sejam apresentadas em tribunais gentios, mas em fórum intracomunitário. Paulo propõe que os problemas na comunidade devam ser resolvidos sob a presidência de um sábio.³³⁵

Essa ferida profunda de amor que existe em nós, na vida em comunidade é revelada, mas também, a comunidade se torna uma experiência de ser amado e aos poucos nos aceitar como somos, com nossas feridas e todos os monstros interiores. Para Vanier, “estamos feridos, mas somos amados; podemos crescer, nos tornar amados e ter mais compaixão. Temo uma missão. A comunidade torna-se o lugar de libertação e do crescimento.”³³⁶

Há sempre um conflito em nosso coração, uma luta entre o orgulho e a humildade, o ódio e o amor, o perdão e a recusa dele, a verdade e a mentira, a abertura e o isolamento de si. Cada um de nós caminha no sentido da libertação, da unidade interior e da cura.³³⁷

Portanto, a diferença entre uma comunidade e um grupo é que este último vê o inimigo no exterior do grupo, esta luta é voltada para fora, para o outro, mas na comunidade, seus membros sabem que a luta é interna, que ela acontece dentro de cada um e dentro da própria comunidade, o orgulho, o elitismo, o ódio, a depressão, estão dentro de cada um de nós e não fora.³³⁸

As 2 cartas aos corintos poderiam ter o nome de epístolas do ágape, palavra traduzida durante muito tempo por caridade, hoje é traduzido mais por amor. Na 1Cor traz quatorze vezes o substantivo e duas vezes o verbo. A 2Cor traz nove vezes o substantivo e quatro vezes o verbo. Pois para Paulo o amor é a via por excelência, em que Cristo é a realidade e a realização desse amor a serviço dos homens, por seu sacrifício por eles. Por isso, o amor deve qualificar o cristão.³³⁹

³³⁵ Cf. SCHNELLE, U. *Paulo: vida e pensamento*, p. 255.

³³⁶ VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 45.

³³⁷ VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 46.

³³⁸ VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 47.

³³⁹ Cf. CARREZ, M et al. *As cartas de Paulo, Taigo, Pedro e Judas*, p. 98.

Na 1Cor, o que há de mais explícito é esse hino ao amor, onde Paulo diz que o amor não desaparece, que é a via por excelência que deve inspirar a vida e as atitudes dos cristãos. Que esta atitude entre os irmãos é a própria presença do Cristo que se dá nas relações com os outros (Cf. 1Cor 13, 1-13).

Devemos sair do nosso próprio casulo e tornar-se vulnerável para poder amar e compreender o outro, dividir o espaço, como Jesus ensina, amar os outros com o mesmo amor com que Ele nos ama.³⁴⁰

4.3 A COMUNIDADE: LUGAR DO PERDÃO E DA MISERICÓRDIA

Um dos grandes defeitos na vida comunitária é o julgamento, pois, “Jesus nos diz para não julgar nem condenar. Esse é o pecado da vida comunitária.”³⁴¹ Para Vanier, enquanto eu não aceitar que tenho defeitos, qualidades, que sou uma mistura de amor e ódio, de luz e trevas e que não vejo os outros como filhos do mesmo Pai, eu continuarei a dividir o mundo em amigos e inimigos, entre os bons e os maus e a construir barreiras em volta de mim e da comunidade.³⁴²

Para que uma comunidade seja lugar de perdão e misericórdia, temos que exercer a caridade fraterna. Paulo percebeu em Corinto, que o corpo estava muito doente. E para sanar esse corpo era necessário muito remédio, muita penitência, oração e humildade. Pois dentro dessa comunidade os orgulhosos, os arrogantes e os invejosos não exerciam a solidariedade, a caridade e o resgate.³⁴³

E no Documento 100, percebemos esse enfoque no perdão e na reconciliação, por isso, o Episcopado não ignora que a vida em comunidade seja tarefa exigente, marcada por tensões e pecados. A cruz é real no dia-a-dia da comunidade. É nesse sentido que o perdão se torna o primeiro elemento a ser indicado sobre a vida fraterna. Em meio às tensões e dissensões, a comunidade deve pedir e conceder o perdão. No processo de conversão pastoral, a comunidade cresce na consciência de ser o lugar da reconciliação.³⁴⁴

³⁴⁰ VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 49.

³⁴¹ VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 55.

³⁴² Cf. VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 54.

³⁴³ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos coríntios: exegese e comentário*, p. 179.

³⁴⁴ FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 70.

E somente quando eu admito que tenho fraquezas, defeitos e que Deus perdoa os pecados contra Ele e contra os meus irmãos e irmãs, então eu posso aceitar os defeitos e as fraquezas dos outros. Posso enxergar neles tanto as feridas que gera o medo, como o dom que posso amar e admirar.³⁴⁵ “Todos nós temos, em nosso íntimo, feridas e fragilidades. Tememos certas pessoas e suas ideias; temos dificuldade de ouvir os outros e de apreciá-los”³⁴⁶

Segundo Vanier, nos realiza de verdade, assumir nossos pecados, pela dureza de nosso coração e saber que fomos perdoados, assim, não temos mais razão para esconder a nossa culpa.³⁴⁷

O próprio Paulo, quando trata do perdão e do amor, fala do seu encontro com Cristo, quando ele ainda era perseguidor da Igreja, onde lhe foi revelado o poder do amor de Cristo e isto foi decisivo, um acontecimento que permitiu-lhe acolher com alegria e firmeza o que as primeiras comunidades tinham recebido de Cristo e dos apóstolos.³⁴⁸

A comunidade é lugar de perdão. Apesar de toda confiança que podemos ter nos outros, sempre há palavras que magoam, atitudes precipitadas, situações nas quais as sensibilidades se chocam. E nesse sentido que viver junto constitui uma cruz, um esforço constante e uma aceitação expressa no perdão mútuo, cada dia. Se entrarmos numa comunidade sem saber que ali deveremos aprender a perdoar e a receber o perdão setenta vezes sete vezes, rapidamente nos decepcionaremos.³⁴⁹

O Documento 100, nos coloca como indicativos da revisão dos relacionamentos, a alegria, o perdão, o amor mútuo, o diálogo e a correção fraterna.³⁵⁰ O caminho que Paulo irá mostrar na 1Cor é de que só o amor constrói, todos os dons, devem concorrer para o amor. Tudo pode ser feito, mas sem amor, nada precisa ser feito.³⁵¹

³⁴⁵ Cf. VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 54.

³⁴⁶ VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 55.

³⁴⁷ VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 54.

³⁴⁸ Cf. CARREZ, M. et al. *As cartas de Paulo, Taigo, Pedro e Judas*, p. 100.

³⁴⁹ VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 56.

³⁵⁰ FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 70.

³⁵¹ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos coríntios: exegese e comentário*, p. 181.

Portanto o perdão está no coração de uma comunidade cristã, é ser aberto, compreensivo e paciente com aqueles que o agridem. E nessa atitude, o chefe ou o líder na comunidade deve ser muito paciente com os lentos e os medíocres. Pois ele, pelo seu estado de graça, tem talvez uma visão mais compreensiva, ele capta melhor as necessidades dos seus irmãos e irmãs. Pela sua paciência e sobretudo pela sua humildade, deve gerar em seus irmãos mais lentos, um espírito de confiança, para que a seu tempo eles evoluam para uma melhor visão de Deus sobre a comunidade e assim, exerçam a escuta, o perdão e o respeito pelo ritmo de cada um.³⁵²

O Episcopado também fez uso do relato de Tertuliano, tomado de sua obra *Apologeticus adversus gentes*, no qual este fez um precioso relato do modo de vida dos primeiros cristãos. Ao levarem a sério a vida e as palavras do Senhor, o amor também tomava forma em suas vidas, tornando a mensagem cristã credível aos não cristãos. A expressão «“Vede como eles se amam!”», afirmada pelos que observavam a comunidade cristã, é testemunho de que o amor é a mais alta forma de vida e de missão.³⁵³

4.4 A COMUNIDADE: LUGAR DA EUCARISTIA

Em Corinto, tem-se o texto mais antigo sobre o testemunho da Eucaristia, provavelmente escrito depois do ano 50 (Cf. 1Cor 11, 17-34). Contudo, Paulo encontra outra dificuldade da vida eclesial que o move para falar da celebração da ceia do Senhor, que estava em desordem, onde Paulo, nesse ponto intervém seriamente. Parecia que ele advertia contra as divisões que levaram as pessoas a sentarem em grupos separados nas reuniões da igreja. Elas já não conseguem estar congregadas como uma igreja única e concorde. Manifestam-se as rupturas na igreja.³⁵⁴

Em 1Cor inicialmente constatamos o mesmo costume que também determinava a celebração da eucaristia da primeira igreja de acordo com At 2, 46s. Ali não se tratava de um ato litúrgico solene, de um sacramento do altar. Mas acontecia uma refeição comunitária, como Jesus fez muitas vezes com os seus discípulos e nesta refeição, se

³⁵² Cf. VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 279.

³⁵³ FERNANDES, R. *A Eclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades*, p. 71.

³⁵⁴ Cf. BOOR, W. *Cartas aos Coríntios: Comentário esperança*, p. 177.

partia o pão. Esta celebração da santa ceia, acontecia no contexto da refeição conjunta. E aqui Paulo, tem que intervir, pois as pessoas não viam o outro, viam tão somente a si mesmas e a sua própria vantagem. Os mantimentos trazidos não eram distribuídos e consumidos em conjunto. Cada um comia pessoalmente o que havia trazido consigo. Por isso Paulo julga que não é um verdadeiro comer da ceia do Senhor.³⁵⁵

Portanto desde o início, Paulo deixou claro, que a eucaristia era presidida por uma refeição fraterna, onde cada um devia partilhar o que trazia. Partilha do que somos e temos à semelhança de Jesus, que se doou totalmente. Esta eucaristia na comunidade de Corinto era celebrada nas casas.³⁵⁶

As Diretrizes nos dizem que: “a Eucaristia e a Palavra são elementos essenciais e insubstituíveis para a vida cristã.”³⁵⁷ Na celebração da Eucaristia, a comunidade renova sua vida em Cristo e Cristo é reconhecido na Eucaristia e nos remete ao encontro e serviço aos pobres.³⁵⁸ Paulo repreende duramente os cristãos de Corinto, pelo fato de que a reunião eucarística, longe de ser um sinal da unidade humana, estava acentuando a separação dos homens, consagrando a existência de ricos e pobres (Cf. 1Cor 11, 22ss).

O fato de alguns cristãos se reunirem numa assembleia eucarística para partilhar o mesmo pão e o mesmo cálice do Senhor compromete-os solenemente a desarticular a desproporção sócio-econômica que havia entre os membros da comunidade no início da celebração litúrgica.³⁵⁹

O Documento comunidade de comunidades da CNBB nos fala que devemos valorizar o Dia do Senhor, como o dia em que a família cristã se encontra como o Cristo. Este dia é de alegria, do repouso e da solidariedade. A celebração eucarística ou a celebração da Palavra é o momento mais importante da semana daqueles que participam das comunidades.³⁶⁰ Esta celebração da Eucaristia é comunhão com Jesus e

³⁵⁵ Cf. BOOR, W. *Cartas aos Coríntios: Comentário esperança*, p. 178.

³⁵⁶ Cf. BORTOLINI, J. *Como ler a Primeira Carta aos Coríntios: Superar os conflitos em comunidade*, p. 55.

³⁵⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*, p. 78.

³⁵⁸ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*, n 275.

³⁵⁹ GONZÁLEZ, J. *O Evangelho de Paulo*, p. 65.

³⁶⁰ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*. n. 276.

comunhão com as pessoas. Uma não é possível sem a outra. Podemos desconfiar das celebrações eucarísticas que não levam à transformação pessoal, comunitária e social. Os coríntios haviam perdido de vista essa perspectiva transformadora.³⁶¹

Para Vanier, somos alimentos para os demais membros da comunidade, quando nossas palavras, nosso sorriso e nossa existência podem dar confiança aos demais. Quando Jesus nos chama a comer o pão transformado em seu corpo, nós nos tornamos também pão. Ele nos chama a dar nossa vida aos que amamos.³⁶²

A eucaristia é a festa comunitária por excelência, é a celebração, pois nos faz reviver o mistério de Jesus que dá sua vida por nós. Ela nos faz reviver de modo sacramental, seu sacrifício na cruz, que abriu aos seres humanos um novo caminho na vida, que libertou os corações do medo para que pudessem amar, estar com Deus, viver em comunidade. A eucaristia é o lugar da ação de graças de toda a comunidade.³⁶³

Mas ainda infelizmente nossas missas conseguem ter mais aparência de espetáculos litúrgicos que de reuniões comunitárias, onde a Igreja sacramentava sua autêntica condição de sinal da unidade do gênero humano. Mas vemos também que hoje, existe movimentos proféticos em marcha para uma Igreja dos pobres, e as celebrações comunitárias da eucaristia num clima de simplicidade, fraternidade e compromisso real no âmbito sócio econômico.³⁶⁴

Cada vez mais as comunidades estão tomando consciência do lugar que a eucaristia ocupa nas suas vidas, pois Jesus veio ao mundo para nos dar um novo pão de vida, um novo alimento, sua palavra e seu corpo. Percebemos que quando a eucaristia é celebrada numa comunidade, todos os seus membros se unem na comunhão mútua e oferecendo-se ao Pai com, em e por seu Filho Jesus, para que, assim toda a comunidade represente o Reino sobre a terra e a fonte da vida no amor do Espírito Santo.³⁶⁵

³⁶¹ Cf. BORTOLINI, J. *Como ler a Primeira Carta aos Coríntios: Superar os conflitos em comunidade*, p. 57.

³⁶² Cf. VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 229.

³⁶³ VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 232.

³⁶⁴ Cf. GONZÁLEZ, J. *O Evangelho de Paulo*, p. 65.

³⁶⁵ Cf. GONZÁLEZ, J. *O Evangelho de Paulo*, p. 233.

Partir o pão significa compartilhar a necessidade humana (da qual o pão é um símbolo primário). Passar a taça é comunicar a alegria, da qual o vinho é outro símbolo humano ancestral. Ambos juntos (compartilhar a necessidade e comunicar a alegria) são gestos da solidariedade suprema. E na realização destes gestos nos é dada a garantia de uma presença real do Ressuscitado em nossa história tão sombria.³⁶⁶

Para Mazzarolo, enquanto os pobres não participarem as nossas assembleias serão como as de Corinto, e conseqüentemente não podem ser elogiadas.³⁶⁷ A eucaristia é o lugar onde a comunidade tem o encontro com Deus e é o encontro de Deus com a comunidade e dos membros da comunidade entre si.³⁶⁸ É a partir da Eucaristia que cada comunidade cristã concretiza em sinais solidários o seu compromisso com a prática da caridade.³⁶⁹

4.5 A COMUNIDADE: LUGAR DO DISCIPULADO E DA MISSÃO

Na 1Cor, Paulo acena para a missão que lhe foi confiada, onde ele usa as imagens do atleta que corre no estádio e a do pugilista. A vitória nesta corrida é por uma coroa imperecível. A corrida de Paulo missionário é uma corrida olímpica, como luta de pugilista. Naquela época a prática missionária era parte essencial do anúncio do evangelho. O missionário tinha determinados direitos, que Paulo renuncia como comer, e beber a custas da comunidade, levar a esposa junto nas viagens, receber o sustento econômico (Cf. 1Cor 9, 1ss).

Paulo insiste naquilo que já é um fato consumado, que ele evangelizou sem ter sido oneroso, pesado ou caro para a comunidade de Corinto, recusando o que tinha de direito, evangelizou sem usar o direito de evangelizador.³⁷⁰

³⁶⁶ GONZÁLEZ, J. *As 10 heresias do catolicismo atual*, p. 59.

³⁶⁷ Cf. MAZZARLO, I. *A eucaristia: memorial da nova aliança: continuidade e rupturas*, p. 135.

³⁶⁸ CF. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*, n. 181.

³⁶⁹ CF. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*, n. 182.

³⁷⁰ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos coríntios: exegese e comentário*, p. 146.

Ele faz uma opção radical na forma de anunciar o Evangelho gratuitamente, tornando-se judeu com os judeus, pagão com os pagãos, a fim de ganhar todos para Cristo. As viagens missionárias de Paulo eram muito difíceis, distâncias longas, perigos nas estradas, etc. Havia também, os problemas da língua, costumes locais, sustento, etc. Paulo sempre em sua missão se dirigia aos grandes centros urbanos. Aí buscava pessoas da periferia, inicialmente aos judeus, após conflitos dirigia-se aos pagãos (Cf. 1Cor 9, 24ss).

Algo que Paulo destacou na Carta de Corinto é de que no cristianismo desapareceram as diferenças entre judeus e gregos, escravos e livres. Todos somos discípulos de Jesus Cristo (Cf. 1Cor 7, 17ss). E as novas diretrizes nos dizem que a Igreja é a comunidade dos discípulos missionários de Jesus Cristo. Ele é o centro da missão da Igreja, que deve ser anunciado com entusiasmo e esperança.³⁷¹

Jesus começou sua missão chamando para si homens e mulheres aos quais disse: 'Deixem tudo, venham e sigam-me'. Ele os escolheu e os convidou a serem seus amigos. Foi assim que tudo começou: numa relação pessoal com Jesus, numa comunhão com ele. Desse modo, reuniu doze pessoas que começaram a viver em comunidade. Parece não ter sido muito fácil para elas. Os discípulos logo começaram a brigar para saber quem era o primeiro. A vida e comunidade revelou todos os medos e ciúmes que eles traziam dentro de si.

Depois, Jesus os enviou para cumprir uma missão: anunciar a Boa-Nova aos pobres, curar os doentes e libertar pessoas de demônios. Depois de ter ficado com eles muito pouco tempo, Jesus os enviou em missão para que pudessem experimentar a vida que brotava deles e a capacidade que tinham de transmiti-la, deixando Jesus agir nele e por meio deles.³⁷²

O apóstolo Paulo insiste em que na comunidade de 1Cor, as assembleias sejam heterogêneas e não em divisão de grupos monoculares, isto é, exortava os fiéis a não mudarem de reunião ou de assembleia por motivos diferenciais (judaísmo-paganismo, escravidão-liberdade), já que estes devem ser superados e fundidos na unidade da fraternidade cristã.³⁷³

³⁷¹Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*, n. 19.

³⁷² VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 105.

³⁷³ Cf. GONZÁLEZ, J. *O Evangelho de Paulo*, p. 57.

Papa Francisco nos fala que cada cristão é missionário na medida em que se encontrou com o amor de Deus em Cristo Jesus. Nós não deveríamos mais dizer que somos discípulos e missionários, mas sempre dizer que somos discípulos missionários.³⁷⁴

Em sua primeira Exortação apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual, o Papa Francisco tem a coragem de pôr o dedo na chaga e expor a verdade sem maquiagem e indicar onde o sapato aperta realmente e o que trava a Igreja em saída.³⁷⁵ Da mesma forma que Paulo em Corinto, sua missão foi ir ao encontro dos que estavam sem lei, ir até onde estavam os gnósticos, os epicureus, os filósofos ou os idólatras, sem ser como eles, e, conhecendo sua mentalidade, a sua formação e o seu contexto religioso, construir um caminho para leva-los ao mesmo ponto de chegada: Jesus Cristo. A partir do seu lugar social, conquista-los e caminhar com eles até o Evangelho de Jesus Cristo.³⁷⁶

Uma das dificuldades na missão é apontada pelo Papa Francisco, quando afirma que o clericalismo é uma das tentações dos discípulos missionários: "trata-se de uma cumplicidade pecadora: o pároco clericaliza, e o leigo lhe pede por favor que o clericalize, porque, no fundo, lhe resulta mais cômodo. O fenômeno do clericalismo explica, em grande parte, a falta de maturidade e de liberdade cristã em parte do laicato da América Latina".³⁷⁷ Estas enfermidades eclesiais do eclesiocentrismo e do clericalismo estão na contramão das propostas do Concílio Vaticano II.

Nesse sentido, torna-se urgente um testemunho de amor fraterno muito eloquente, que ajude a superar o escândalo da divisão existente entre os seguidores de Jesus através do respeito, do diálogo e da profunda conversão a Cristo, para realizar a oração de Jesus: 'Pai, que todos sejam um, para que o mundo creia,' (Jo 17,21).³⁷⁸

³⁷⁴ Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 120.

³⁷⁵ Cf. AUGUSTIN, G. *Por uma Igreja "em saída": Impulsos da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, p. 8.

³⁷⁶ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos coríntios: exegese e comentário*, p. 147.

³⁷⁷ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*, n. 213.

³⁷⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*, n. 20.

Da mesma forma, em que Paulo já corrigia a comunidade de Corinto, onde as divisões, a idolatria, os conflitos internos e externos eram exemplos de que a igreja não estava renunciando a nada em favor do Evangelho, ele vai usar a imagem dos corredores no estádio, dizendo que estes cristãos estão no estádio, que é o mundo, nele estão seus parceiros e seus adversários, opositores, perseguidores, lobos vorazes. E que é no estádio do mundo que os evangelizadores precisam competir, usando as qualidades antropológicas e espirituais, senão jamais receberão a coroa da vida.³⁷⁹

Para Vanier, a paróquia não é um clube ou grupo fechado. Há uma grande diferença entre uma comunidade e um grupo de militantes que lutam por uma causa. A comunidade quer manifestar a verdade de maneira não violenta e propô-las aos outros. Uma comunidade sabe que as questões fundamentais da vida só podem ser abordadas num ambiente de paz e de liberdade interior. Os clubes ou grupos fechados, são elitistas, pois se baseiam em critérios de raça e competência para admitir seus membros. Eles querem provar a si mesmos e aos outros que são superiores. E desta forma, a humanidade ficam despedaçado num sistema de apartheid que a divide.³⁸⁰

A paróquia não é uma estrutura caduca, mas porque possui uma grande elasticidade, ela pode assumir formas muito diferentes e que requerem criatividade do pastor e da comunidade.³⁸¹ Segundo Suess, “o paradigma da “Igreja em saída” inspira, não sem contradições, a possibilidade de um novo agir pastoral do encontro e da proximidade entre Povo de Deus e da Igreja hierarquicamente estruturada”.³⁸²

Francisco propõe uma conversão pastoral, dos métodos eclesiais e pessoal/comunitária, isto é, atitudes dos sujeitos: bispo, presbíteros, diáconos permanentes, consagrados/as, agentes, fiéis e movimentos eclesiais, para uma renovada conversão a Jesus Cristo.³⁸³ Por sua vez, a conversão das estruturas da comunidade paroquial encontra-se refletida na eclesiologia do Concílio Vaticano II.³⁸⁴ A paróquia, por poder assumir formas diferentes, é capaz de se adaptar, que possa viver no meio dos

³⁷⁹ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos coríntios: exegese e comentário*, p. 149.

³⁸⁰ Cf. VANIER, J. *Comunidade, lugar do perdão e da festa*, p. 107.

³⁸¹ Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 28

³⁸² SUESS, P. *Igreja em saída: compromissos e contradições na proposta missionária de Papa Francisco*, p.111.

³⁸³ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*, n. 52 e n. 55.

³⁸⁴ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*, n. 53.

seus filhos em contato com as famílias e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas e nem um grupo de eleitos que olham somente para si mesmo.³⁸⁵

Esta proposta de Francisco nos chama, membros da igreja, a sair, nos convida a ser missionários da alegria. Trata-se de uma nova orientação missionária e por isso a causa missionária deve ser a primeira de todas as causas. O Papa, com isso, quer introduzir uma mudança de perspectiva e alargar o horizonte, realizar uma recentragem e um reajustamento da e na Igreja. Trata-se, portanto, de ser uma Igreja em saída.³⁸⁶

Ao comparar “a imagem ideal da Igreja[...] com o rosto real”(EG 26) surge o desafio de uma renovação profunda. A EG recorre a inspirações de Paulo VI (ES 10ss) e do Vaticano II (UR 6), que apresentam “a conversão eclesial como a abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo: Toda a renovação da Igreja consiste essencialmente numa maior fidelidade à própria vocação.”³⁸⁷

Conforme a Exortação *Evangelii Gaudium*, essa reforma das estruturas que a conversão pastoral exige, deve acontecer no sentido de que todas elas se tornem missionárias.³⁸⁸ Esta preocupação do Papa Francisco, propondo-nos uma pastoral em conversão, retoma as propostas da V Conferência de Aparecida sobre a conversão pastoral e a renovação missionária.³⁸⁹ Tais propostas se resumem nos seguintes dinamismos: uma Igreja se renova pela conversão missionária e a conversão e a missão renovam a Igreja.

Percebemos que o Papa Francisco tem buscado implementar as reformas que até hoje não se realizaram, a partir do Vaticano II.

³⁸⁵Cf FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 28.

³⁸⁶ Cf. AUGUSTIN, G. *Por uma Igreja “em saída”*: *Impulsos da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, p.24.

³⁸⁷SUESS, P. *Igreja em saída: compromissos e contradições na proposta missionária de Papa Francisco*, p.111.

³⁸⁸ Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 27.

³⁸⁹ Cf. DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, n. 365-372.

Ao contrário de suas intenções, a Igreja pós-conciliar de Wojtyła e de Ratzinger não conseguiu impor o rigor de sua disciplina na própria casa nem conter os fugitivos da Igreja Católica dentro de seus muros. Com a renúncia do Papa Bento XVI, ofereceu-se ao sucessor, o Papa Francisco, a possibilidade de retomar as intenções fundantes do Vaticano II, oxigenadas pelo método indutivo da *Gaudium et spes*, que na teologia latino-americana tinha sua guardiã criativa.³⁹⁰

Vê-se claramente que ele pretende implementar esta reforma com uma eclesiologia pastoral e uma espiritualidade missionária. Para o Papa, o Concílio “apresentou a conversão eclesial como abertura a uma reforma permanente de si mesma por fidelidade a Jesus Cristo”.³⁹¹ Por isso tem insistido na conversão da Igreja ao Evangelho por uma pastoral em chave missionária, onde exige o abandono deste cômodo critério pastoral do ‘fez-se sempre assim’, convidando a todos para serem ousados nesta tarefa de repensar estruturas, os estilos e os métodos de evangelização nas respectivas comunidades.³⁹²

A reformada das estruturas, que exige conversão pastoral, só poderá ser entendida nesse sentido: procurar que todas elas se tornem mais missionárias que a pastoral ordinária em todas as instâncias seja expansiva e aberta e, desse modo, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus convoca para a sua amizade.³⁹³

Portanto, vê-se como urgentíssima a revitalização de nossa comunidade eclesial para que nela resplandeça uma comunidade evangelizadora e missionária. Retomando uma Igreja que acolhe (acolhedora), que se renova (orante e eucarística) e que serve (samaritana).³⁹⁴ Desse modo, a paróquia, entendida como comunidade, é o

³⁹⁰ SUESS, P. *Igreja em saída: compromissos e contradições na proposta missionária de Papa Francisco*, p.112.

³⁹¹ Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 26.

³⁹² Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 33.

³⁹³ AUGUSTIN, G. *Por uma Igreja “em saída”: Impulsos da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, p. 26.

³⁹⁴ Cf. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*, n. 56.

local onde se ouve a convocação feita por Deus, em Cristo, para que todos sejam um e vivam como irmãos.

Esta saída significa romper com certa ideia de figura e reforma da igreja pensada por nós e refletir sobre o essencial da fé católica. Ela tem de ser entendida como uma mudança radical em direção a Jesus Cristo, senão ficará apenas no plano de um ativismo frenético e no final permanecerá estéril.³⁹⁵

O projeto de Francisco que encontramos na Exortação *Evangelii Gaudium*, pede-se que não digamos mais que somos discípulos e missionários, mas que sempre somos discípulo missionários.³⁹⁶ O Papa sonha com uma opção missionária capaz de transformar tudo³⁹⁷ e que “a ação missionária é o paradigma de toda a obra da Igreja”.³⁹⁸ Francisco quer transformar a Igreja para um modo missionário e neste projeto nada e ninguém pode estar de fora: “Espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão.”³⁹⁹ Assim, como Paulo viu em Corinto confusão e resolve intervir, dizendo que muitos corriam à toa, outros lutavam como quem dá socos no ar, quem açoita o vento. Diz Paulo, nem todos os alimentos são para as pessoas, assim como nem todos os combustíveis servem para todos os motores e nem todos os remédios servem para qualquer doença. É preciso saber em que estádio e a qual modalidade da competição para treinar o jeito certo de competir melhor. Paulo não se considerava salvo, mas que continua correndo com os olhos fixos na escatologia, e o Evangelho é o caminho para essa conquista.⁴⁰⁰

E o Papa Francisco, tendo a missão como horizonte da renovação eclesial, aponta alguns caminhos. “A exortação apostólica mostra o caminho para que esse sonho missionário do papa possa tornar-se o sonho missionário de todos.”⁴⁰¹

Por isso, propõe uma transformação missionária da Igreja, descentralizada de si mesma, e centrada em Cristo pela conversão e no ser humano pela missão. “Se a Igreja quiser viver a sua missão e, nela, chegar ao coração das pessoas e dos movimentos da

³⁹⁵ Cf. AUGUSTIN, G. *Por uma Igreja “em saída”*: Impulsos da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, p. 26.

³⁹⁶ Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 120.

³⁹⁷ Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 27.

³⁹⁸ Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 15.

³⁹⁹ Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 25.

⁴⁰⁰ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira carta aos coríntios: exegese e comentário*, p. 150.

⁴⁰¹ AUGUSTIN, G. *Por uma Igreja “em saída”*: Impulsos da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, p.29.

vida, precisará não apenas de uma reorientação espiritual, mas também de perspectivas claras e inspiradas no núcleo da mensagem cristã.”⁴⁰²

Portanto, vemos que o Papa Francisco convida a toda a Igreja a redescobrir e tornar visível os fundamentos da fé cristã. “Não há comunidade cristã que não seja missionária. Se ela esquece a missão, deixa de ser cristã.”⁴⁰³ Pois a Igreja não é uma realidade fechada em si mesma, mas ela está permanente aberta ao dinamismo missionário, porque é enviada ao mundo para anunciar, testemunhar, atualizar e difundir o mistério em que funda e fundamenta.⁴⁰⁴

4.6 A CONVERSÃO PASTORAL DA COMUNIDADE: PERTENÇA AO CRUCIFICADO E RESSUSCITADO

O Apóstolo Paulo concentra sua teologia na morte e ressurreição de Jesus, para ele esse é o centro do desígnio salvífico de Deus. Está presente neste paradoxo da cruz, a fraqueza humana em sua maior proporção de impotência e oferece lugar a manifestação gloriosa do Pai, pois somente o Pai ressuscita da morte e cria a partir do nada.⁴⁰⁵

Paulo lembra solenemente sua pregação evangélica em Corinto; nela, há algo fundamental, sem o qual sua fé não teria conteúdo; seria como uma crença cega e desprovida de convicção profunda, incapaz, por conseguinte, de tirar dos homens, realmente, a dúvida e a desesperança que os assaltarão mais cedo ou mais tarde. Trata-se, portanto, de um exame desta convicção fundamental cristã: a ressurreição (1Cor 15, 1-2).⁴⁰⁶

⁴⁰² AUGUSTIN, G. Por uma Igreja “em saída”: Impulsos da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, p.74.

⁴⁰³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*, n. 157.

⁴⁰⁴ Cf. AUGUSTIN, G. *Por uma Igreja “em saída”: Impulsos da Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, p.101.

⁴⁰⁵ Cf. FRANÇA, A. *A cruz em Paulo: um sentido para o sofrimento*, p. 49

⁴⁰⁶ GONZÁLEZ, J. *O evangelho de Paulo*, p. 71.

O cerne em torno do qual as crenças paulinas se cristalizaram foi a crucifixão e a ressurreição do Filho de Deus. Para o apóstolo Paulo, o paradoxo do Messias crucificado se tornava a chave de relação paradoxal entre o movimento dos seguidores de Jesus e as estruturas estabelecidas do judaísmo no mundo romano. O apóstolo Paulo usa este paradoxo da crucifixão do Messias explicitamente para defender e apoiar a união de judeus e gentios e a abolição da distinção entre eles, acabando com a função da Torá de estabelecer fronteiras.⁴⁰⁷

Aos Coríntios, de modo particular, Paulo prega com insistência o escândalo da cruz, recordando-lhes seus limites humanos e sua sabedoria que não possibilita chegar à salvação por seus próprios esforços. Somente Deus é quem salva e, por isso, Ele vem até o mais profundo da necessidade humana para manifestar seu amor.⁴⁰⁸

Segundo Mazzarolo, para os judeus, falar de Messias e ressurreição para aquele que fora crucificado não era fácil de ser aceito, mesmo que após a morte fosse declarada inocente. E para os gregos era loucura, pois classificavam os cristãos como uma seita irracional. As divindades grego-romanas distinguiam-se dos humanos por serem imortais. Anunciar um Deus-homem pregado na cruz, mesmo que tivesse ressuscitado era algo muito difícil.⁴⁰⁹

“A doutrina da ressurreição é como a pedra de sustentação do edifício do pensamento religioso de Paulo. Sua cristologia, sua soteriologia e sua antropologia culminam aqui.”⁴¹⁰ Para Paulo, a vida, morte e ressurreição de Jesus fazem parte do plano de Deus e tem um sentido teológico. A identificação que Paulo faz com o servo sofredor de Isaías (Cap. 53) permitiu-lhe incorporar a morte de Jesus no plano de Deus. Esta morte apesar do seu caráter estigmatizante e desabonador, falava de lahweh, de seu modo e ser e de agir e, portanto, exigia um olhar teológico novo sobre a história.⁴¹¹

⁴⁰⁷ Cf. MEEKS, W. *Os primeiros cristãos urbanos*, p. 262.

⁴⁰⁸ FRANÇA, A. *A cruz em Paulo: um sentido para o sofrimento*, p. 37

⁴⁰⁹ Cf. MAZZAROLO, I. *Primeira Carta aos Coríntios: exegese e comentário*, p. 50.

⁴¹⁰ GONZÁLEZ, J. *O evangelho de Paulo*, p. 70.

⁴¹¹ Cf. GIL, C. *Paulo na origem do cristianismo*, p. 69.

Na Primeira Carta à igreja de Corinto, o que Paulo propôs não é uma Igreja formada por resoluções pessoais, mas foi chamada à existência. Ela foi chamada para ser santa, mas não com muitos sábios, não com muitos fortes e não com muitos de origem nobre, mas uma Igreja que não corresponde a desejos e interesses humanos. Este chamado de Deus realizou uma seleção muito diferente e estranha. O Deus, cuja loucura e fraqueza são mais forte do que as pessoas, escolheu para si, as coisas loucas do mundo, as coisas fracas do mundo, as coisas não-nobres do mundo e as desprezadas. E com isso, Deus tem um objetivo bem claro que Paulo cita que é deste modo envergonhar os sábios e aniquilar as coisas que são.⁴¹²

O crucificado transforma completamente o conhecimento que nós temos de Deus e o conhecimento que temos do homem. Jesus aceita a pior humilhação. Chegando ao mais baixo, ele toca o coração humano em sua profundidade mais impenetrável. Oferecendo-se a si mesmo na cruz, ele expressa o amor que Deus merece, enquanto os homens, quando o crucificam, querem aniquilar Deus. Ele revela que Deus é Pai e perdoa aos homens esse desprezo que têm por ele. O crucificado se identifica com a miséria humana e com todo homem que sofre do modo mais injustificável, incompreensível e até revoltante. Ele se une a todos os homens, em deixar nenhum de lado, na medida em que é o 'segundo Adão'.⁴¹³

Paulo expõe a ideia do corpo psíquico e pneumático na ressurreição, onde o primeiro Adão foi um ser vivente e o segundo Adão é um espírito vivificador. Um arrastou a humanidade para a morte, para leva-la a terra de onde procedeu, e o outro polarizou a humanidade para leva-la ao céu, de onde procede.⁴¹⁴

Para França, "a morte e a ressurreição de Jesus são o eixo central ou ponto de gravidade da teologia de Paulo."⁴¹⁵ Como discípulos missionário de Cristo, a cruz é o primeiro querigma dos cristãos. Vemos que as primeiras comunidades procuravam uma explicação para entender o que havia acontecido com Jesus e quem de fato ele era.⁴¹⁶ O querigma é um anúncio direto, profético, testemunhal, que parte da experiência do ressuscitado. Não se trata de uma relação de força ou conquista, mas

⁴¹² Cf. BOOR, W. *Carta aos Coríntios*, p. 55.

⁴¹³ REYNIER, C. *Para ler o apóstolo Paulo*, p. 187.

⁴¹⁴ Cf. GONZÁLEZ, J. *O evangelho de Paulo*, p. 70.

⁴¹⁵ FRANÇA, A. *A cruz em Paulo: um sentido para o sofrimento*, p. 48.

⁴¹⁶ Cf. FRANÇA, A. *A cruz em Paulo: um sentido para o sofrimento*, p. 44.

de proposta e liberdade. A testemunha não tem o poder de transmitir a fé e de converter.

Recorrendo às cartas de Paulo, conforme 1Cor, constatamos o centro da fé em torno do mistério pascal, a ressurreição que aponta para a entrada de Jesus no estado escatológico e sua exaltação como Senhor.⁴¹⁷

A expressão 'Foi sepultado, ressuscitou ao terceiro dia, segundo as escrituras' (1Cor 15,4) é a mais antiga afirmação da mensagem pascal e sua forma mais oficial, pois Paulo a recebe na conversão. Assim, é parte da tradição mais antiga provavelmente de cinco anos depois da morte de Jesus.⁴¹⁸

Pessoas que fazem esta experiência do encontro com o senhor crucificado e ressuscitado, sentem-se discípulas e por isso entendem o que crê para poder também anunciar. São pessoas, membros de uma comunidade que desejam que outros participem da alegria de seguir Jesus Cristo, assim como Paulo e os demais apóstolos fizeram e anunciaram. Por isto, Paulo traz com coragem e convicção o anúncio da cruz de Cristo. Por não dissociá-la da ressurreição, ele enfrenta conflitos com os que preferem optar por destacar a ressurreição, enquanto a morte de cruz é referida apenas como morte de Jesus. Para Paulo, o seu anúncio da cruz é a chave interpretativa da salvação oferecida por Deus.⁴¹⁹

⁴¹⁷ Cf. FRANÇA, A. *A cruz em Paulo: um sentido para o sofrimento*, p. 44.

⁴¹⁸ FRANÇA, A. *A cruz em Paulo: um sentido para o sofrimento*, p. 46.

⁴¹⁹ FRANÇA, A. *A cruz em Paulo: um sentido para o sofrimento*, p. 47.

CONCLUSÃO

Com o presente trabalho espera-se ter contribuído para o enriquecimento do debate acerca do conflito surgido na Primeira Carta de Corinto e de como essas divisões ainda hoje podem ser vistas em nossas comunidades. Como podemos ver, Corinto era uma comunidade com muitas dúvidas, tensões e conflitos. Essas tensões e conflitos surgiam a todo momento, formando o que chamamos de ‘panelinhas’, surgida depois da partida de Paulo, onde se formaram grupos simpatizantes com este ou aquele agende de pastoral que passava pela cidade.⁴²⁰

Assim, a ideia de pertencer a uma Igreja sem divisões, fundada na igualdade entre homens, mulheres e escravos, era o desejo do Apóstolo Paulo e continua sendo o desejo tanto dos Bispos, quanto do atual sucessor de Pedro, o Papa Francisco.

A princípio, procuramos determinar a natureza dos conflitos ocorridos na assembleia de Corinto. Com base em algumas evidências, acreditamos que Paulo teve que lidar com grupos contrários à sua autoridade. As evidências acerca de um grupo estão registradas na primeira Carta aos Corinto, trata-se dos correligionários de Apolo, os “espirituais”.

Se lermos atentamente os capítulos 1-4 de 1 Coríntios, onde Paulo se ocupa mais diretamente com os grupos da comunidade, sobressairá um grupo que se acreditava de posse da ‘sabedoria’, que os tornava ‘perfeitos’ (2,6). Possuindo o ‘Espírito de Deus’ (2,12). Eram os espirituais (2,15). Consideravam-se ‘plenos (das bênçãos divinas)’, ‘poderosos’, ‘reis’ (4,8), ‘sábios’, ‘fortes’, ‘honrados’ (4,10). Do alto de sua superioridade olhavam os demais, que não tinham alcançado seu status ‘espiritual’, como ‘crianças’, somente capazes de tomar ‘leite’ (3,1), e como ‘insensatos’ os que eram ‘fracos’ e ‘desonrados’ (4,10). Por conveniência, aqui os chamo de ‘Gente do Espírito’. Provinham, predominantemente, dos mais ricos e mais instruídos da Igreja de Corinto. Eles eram os que tinham tempo disponível e capacidade para se darem a especulações religiosas.⁴²¹

⁴²⁰ BORTOLINI, J. *Como ler a Primeira Carta aos Coríntios: Superar os conflitos em comunidade*, p. 15.

⁴²¹ MURPHY-O’CONNOR, J. *Paulo de Tarso. História de um Apóstolo*, p. 180.

Os indícios não nos informam a quantidade de pessoas que compunham esse grupo. No entanto, a julgar pela seriedade com que Paulo trata o problema da divisão na assembleia, não parece o caso de serem apenas duas ou três pessoas a comporem o grupo. Considerando-se hipoteticamente que um pequeno grupo de até cinco pessoas causasse transtornos a Paulo, a admoestação às cinco ou mesmo a exclusão delas poderia solucionar a iminente ameaça à sua autoridade como “apóstolo”. Mas não foi esse o caso. Se a comunidade estava dividida, o número de oponentes deve ter sido significativo o bastante para Paulo temer o rompimento deles com o núcleo fundado por ele. Os espirituais questionavam a capacidade retórica de Paulo e esforçavam-se por ganhar prestígio dentro da comunidade por meio do carisma da glossolalia.

Portanto, a problemática do trabalho girou em torno da motivação dos conflitos da assembleia de Corinto, onde Paulo permaneceu em Corinto apenas por dezoito meses. Durante a sua ausência, confiou a liderança das comunidades domésticas a seus colaboradores. O primeiro deles, Apolo, segundo os textos sugeriram, ensinou concepções distintas das de Paulo sobre o cristianismo, o que abriu caminho para a divisão da comunidade, dando origem à facção dos “espirituais”. É provável que, após a saída de Apolo de Corinto, a comunidade tenha permanecido por quase um ano sem a presença de nenhum colaborador paulino. Tito parece não ter tido considerável influência entre os coríntios, desempenhando o papel de um simples mensageiro. Paulo envia Timóteo, que parece não ter sido bem recebido pelos membros. Esse quadro sugere que não havia, na comunidade de Corinto, uma liderança capaz de impor sua autoridade.

Levados pela sociedade injusta que privilegiava os poderosos e sábios, os coríntios valorizavam somente os dons extraordinários, como se os pobres e fracos não fossem, por si sós, um dom de Deus para a comunidade. A carta ajudará a iluminar essa questão, dedicando boa parte dela a esta situação.⁴²²

⁴²² Cf. BORTOLINI, J. *Como ler a Primeira Carta aos Coríntios: Superar os conflitos em comunidade*, p. 16.

Paulo vai trabalhar a unidade da comunidade, onde Cristo é o centro, e os agentes de pastorais não o são. E que a sabedoria de Deus se manifesta na cruz de Cristo, e não na sabedoria da sociedade injusta.⁴²³

Por fim, propõe-se uma abordagem na pertença hoje a Igreja, com seus desafios, partidos, conflitos e também como pode-se superar, partindo do que o Papa Francisco nos coloca como novas divisões, que ele chama de Neognosticismo e Neopelagianismo.

Com uma proposta do Documento Comunidade de Comunidades, uma nova paróquia, propomos o senso de pertença hoje na Igreja, a partir das comunidades eclesiais, chamadas também de células vivas da Igreja, onde a maioria dos féis tem uma experiência concreta de Cristo e um lugar privilegiado para pertencer a Igreja. Um espaço de renovação missionária da Igreja, espaço também de iniciação cristã, aberta aos carismas, serviços e ministérios. Particularmente no mundo urbano, é urgente como nos atesta o Documento de Aparecida, a criação de novas estruturas pastorais, visto que muitas delas nasceram em outras épocas para responder às necessidades do âmbito rural.⁴²⁴

Como meios para desenvolver e intensificar esta pertença hoje a Igreja, aborda-se alguns aspectos que julgam-se essenciais em uma igreja em saída, tais como a comunidade como lugar de encontro, de cura, de perdão, centrada na Eucaristia. Uma comunidade eclesial que opta por estar de portas abertas em uma constante saída para as periferias do seu território ou para os novos âmbitos socioculturais.⁴²⁵ Uma comunidade que se propõe ser o fermento de Deus no meio da humanidade. Uma Igreja como o lugar da misericórdia gratuita, onde todos possam sentir-se acolhidos, amados, perdoados e animados a viverem segundo a vida boa do Evangelho. Onde o Papa Francisco quer uma Igreja chamada a ser sempre a casa aberta do Pai.⁴²⁶

Precisa-se ter a coragem de assumir a missão e não ter medo de deixar de lado as preocupações com “normas”, “regras”, “leis”, com “o que pode e o que não

⁴²³ Cf. BORTOLINI, J. *Como ler a Primeira Carta aos Coríntios: Superar os conflitos em comunidade*, p. 24.

⁴²⁴ Cf. DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, n.173.

⁴²⁵ Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 30.

⁴²⁶ Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 47.

pode”. Como Jesus, precisamos ter ousadia de deixar de lado tudo aquilo que não coloca o pobre como preocupação principal; abandonar as preocupações que não têm como centro a pessoa humana desfigurada em sua dignidade, pois esta é a atenção que está no coração de Deus. Como nos fala o Papa Francisco na Exortação *Evangelii Gaudium*, mais do que o temor de falhar, espero que nos mova o medo de nos encerrarmos nas estruturas que nos dão uma falsa proteção, nas normas que nos transformam em juízes implacáveis, nos hábitos em que nos sentimos tranquilos, enquanto lá fora há uma multidão faminta e Jesus repete-nos sem cessar: “Dai-lhes vós mesmos de comer” (Mc 6, 13). Prefiramos com nosso Papa, uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos.⁴²⁷

Por fim, aborda-se o testemunho de Paulo sobre a morte e ressurreição de Jesus. Por motivos de algumas dificuldades concretas e opiniões, que sua própria pregação suscitou e provocou na comunidade de Corinto a respeito deste assunto, Paulo proclama a fé na ressurreição da mesma forma que na cruz. Para ele é impossível anunciar a cruz sem a ressurreição. O ressuscitado não é outro senão o Jesus de Nazaré crucificado, onde Paulo usa todo o Capítulo quinze da Primeira Carta aos Coríntios, dedicado a este tema da Ressurreição.

⁴²⁷ Cf. FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, n. 39.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDREAS Dettwiler; KAESTLI, Jean-Daniel; MARGUERAT, Daniel (orgs.). *Paulo, uma teologia em construção*. Tradução de Orlando Soares Moreira. São Paulo: Loyola, 2011.

AUGUSTIN, George. *Por uma Igreja “em saída”*: impulsos da Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*. Tradução de António Maia da Rocha. 1 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

AZEVEDO, Israel Belo de. *Pastoreados por Paulo*. As mensagens de Romanos a Efésios comentadas tema por tema. São Paulo: Hagnos, 2012.

BARBAGLIO, Guisepppe. *As cartas de Paulo (I)*. Tradução Jose Maria de Almeida. São Paulo: Loyola, 1989.

BERGANT, Dianne; KARRIS, Robert J. OFM (orgs). *Comentário Bíblico*. vol. 3: Evangelhos, Atos, Cartas e Apocalipse. São Paulo: Loyola, 1999.

BÍBLIA. Português. *Bíblia de Jerusalém*. 4ª Ed. São Paulo: Paulus, 2003, 2206 p.

BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Santidade: Chamado à humanidade: reflexões sobre a exortação apostólica: Gaudete et Exsultate*. São Paulo: Paulinas, 2019.

BOOR, Werner de. *Cartas aos Coríntios: Comentário esperança*. Tradução de Werner Fuchs. Curitiba, PR: Evangélica Esperança, 2004.

BORTOLINI, José. *Como ler a primeira carta aos Coríntios: superar os conflitos em comunidade*. São Paulo: Paulus, 2008.

BUNDE, Mateus. Epicurismo. Disponível em: <<https://www.todoestudo.com.br/historia/epicurismo>>. Acesso em: 20 nov. 2019

CARREZ, Maurice et al. *As cartas de Paulo, Tiago, Pedro e Judas*. Tradução Benôni Lemos. São Paulo: Paulinas, 1987.

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. Edição revisada de acordo com o texto oficial em latim. São Paulo: Loyola, 1999.

CERFAUS, Lucien. *Itinerario Espiritual de San Pablo*. Barcelona: Herder, 1968.

CHAUÍ, Marilena. *Iniciação à filosofia: ensino médio*. São Paulo: Ática, 2010.

CLEMENTE. *Carta aos coríntios*. Tradução de Ivo Storniolo e Euclides M. Balancin. v. 1. São Paulo: Paulus, 1997.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *As Comunidades Eclesiais de Base na Igreja do Brasil*. São Paulo: Paulinas, 1982.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia*. São Paulo: CNBB, 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023*. Brasília: CNBB, 2019.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*. São Paulo: CNBB, 2017

COMBLIM, José. *Paulo, Apóstolo de Jesus Cristo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: CONSTITUIÇÕES, DECRETOS, DECLARAÇÕES. *Constituição Dogmática Lumen Gentium*. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

DALLA COSTA, Antônio Amélio. Paulo Apóstolo, Evangelizador urbano anuncia Cristo crucificado. *Revista Litterarius*, Santa Maria, v. 08, p. 67-93, 2009.

DOCUMENTO DE APARECIDA. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. 2 ed. CNBB. São Paulo: Paulus, 2007.

CROSSAN, John Dominic; REED, Jonathan L. *Em Busca de Paulo: como o apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império romano*. Tradução Jaci Maraschin. São Paulo: Paulinas, 2007.

DUNN, James D. G. *A teologia do apóstolo Paulo*. Tradução Edwino Royer. São Paulo: Paulus, 2003.

FABRIS, Rinaldo. *Paulo: apóstolo dos gentios*. Tradução Euclides Martins Balancin. 5 ed. São Paulo: Paulinas, 2008.

FEE, Gordon D. *Paulo, o Espírito e o povo de Deus*. Tradução de Rubens Castilhos. São Paulo: Vida nova, 2015.

FELLER, Vitor. A crítica do Papa Francisco ao Pelagianismo. *Revista Encontros Teológicos*, n. 70, p. 51-71. 2015. Disponível em: <<https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/viewFile/73/66>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

FERNANDES, Rafael Martins. *A Ecclesiologia de comunhão no Documento Comunidade de comunidades (2014)*. Um estudo no contexto das reflexões eclesiológicas da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. 2018. Tese (Doutorado em Teologia) - Pontificia Università Lateranense, Roma, Itália.

FRANÇA, A. *A cruz em Paulo: um sentido para o sofrimento*. São Paulo: Paulinas, 2010.

FRANCISCO. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*. São Paulo: Loyola, Paulus, 2013.

_____. *Exortação Apostólica Gaudete et exsulte: sobre o chamado à santidade no mundo atual*. São Paulo: CNBB, 2018.

GALLO, Sílvio. *Filosofia: experiência do pensamento*. 2 ed. São Paulo: Scipione, 2016.

GIL, Carlos. *Paulo na origem do cristianismo*. Tradução Paulo F. Valério. São Paulo: Paulinas, 2018.

GONZÁLEZ FAUS, Jose Ignacio. *As 10 heresias do catolicismo atual*. Tradução de Gentil A. Tilton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

GONZÁLEZ RUIZ, José María. *O Evangelho de Paulo*. Tradução de Nancy B. Faria. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

HACKMANN, Geraldo Luiz Borges. *A amada igreja de Jesus Cristo: manual de ecclesiologia como comunhão orgânica*. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. (Org). *Dicionário de Paulo e suas cartas*. Tradução: Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Loyola, 2008.

HORTAL, Jesus, S. J. *E haverá um só rebanho*. História, doutrina e prática católica do Ecumenismo. São Paulo: Loyola, 1989.

KASPER, Walter. *A Igreja Católica. Essência, Realidade, Missão*. Tradução Nélcio Schneider. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2012.

MARITAIN, Jacques. *Introdução geral à filosofia*. Tradução de Ilza das Neves, Heloisa de Oliveira Penteado. 8. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1968.

MAZZAROLO, Isidoro. *A eucaristia: memorial da nova aliança: continuidade e rupturas*. São Paulo: Paulus, 1999.

_____. *Segunda Carta de Paulo aos Coríntios, exegese e comentário*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2012.

_____. *Primeira Carta aos Coríntios, exegese e comentário*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2013.

_____. *Atos dos apóstolos ou Evangelho do Espírito Santo*. Rio de Janeiro: Mazzarolo, 2014.

MEEKS, Wayne A. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. Tradução: I. F. L. Ferreira. São Paulo: Paulinas, 1992.

MORAES, Dax. *O logos em Filon de Alexandria: a fronteira entre o pensamento grego e o pensamento cristão nas origens da teologia bíblica*. Natal, RN: EDUFRN, 2017. 259 p.
Disponível em:
<<https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/23984/1/O%20LOGOS%20EM%20F%C3%8DLO%20DE%20ALEXANDRIA.pdf>>. Acesso em: 26 nov. 2019.

MURPHY-O'CONNOR, Jerome. *Paulo: Biografia Crítica*. 2 ed. São Paulo: Loyola, 2004.

_____. *Paulo de Tarso. História de um Apóstolo*. São Paulo: Loyola, 2007.

NETO, Joaquim Nepomuceno de Oliveira. *As funções da linguagem nas Epístolas de Paulo Apóstolo aos Coríntios*. 1980. 110 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Letras) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

OLIVEIRA, Luciano de Souza. *A diversidade dos carismas como elemento constitutivo e necessário à igreja em 1Cor 12-14*. 2005, 88 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

PATTE, Daniel. *Paulo, sua fé e a força do Evangelho. Introdução estrutural às cartas de São Paulo*. Tradução José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulinas, 1987.

PEREIRA, José Carlos. *Conversão Pastoral: Reflexões sobre o Documento 100 da CNBB em vista da renovação paroquial*. São Paulo: Paulus, 2016.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS E FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. *Do Conflito à Comunhão. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017*. Relatório da Comissão Luterana - Católico-Romana para a Unidade. Brasília: CNBB e Sinodal, 2015.

PRIOR, David. *A mensagem de 1 Coríntios: a vida na igreja local*. Tradução de Yolanda Mirdsa Krievin. 1 ed. São Paulo: ABU, 1993.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé: Introdução ao conceito de cristianismo*. Tradução Alberto Costa. São Paulo: Paulus, 1989.

REALE, Giovanni. *História da filosofia: Filosofia pagã antiga, v.1*. São Paulo: Paulus, 2003.

REINERT, João Fernandes. *Paróquia e iniciação cristã: a interdependência entre renovação paroquial e mistagogia catecumenal*. São Paulo: Paulus, 2015.

REYNIER, Chantal. *Para ler o apóstolo Paulo*. Tradução Tiago José Risi Leme. São Paulo: Paulus, 2012.

RUBIN, Achylle Alexio. *Minha pequena Filósofa*. Santa Maria: Pallotti, 2002.

_____, Achylle Alexio. *Também você é filósofo*. Santa Maria: Pallotti, 2002.

SANTOS, Francisco. ISTMO. Blog Salvador Náutico. 31 marr. 2011. Disponível em: <<http://salvador-nautico.blogspot.com/2017/03/istmo.html>>. Acesso em: 10 abr. 2019.

SCHNELLE, Udo. *Paulo: vida e pensamento*. Tradução Monika Ottermann. São Paulo: Paulus, 2010.

SUESS, Paulo. Igreja em saída: compromissos e contradições na proposta missionária de Papa Francisco. In: GRIGHENT, Agenor (Org). *Os ventos sopram do sul: o Papa Francisco e a nova conjuntura eclesial*. São Paulo: Paulinas, 2019.

ZUMSTEIN, Jean. A cruz como princípio de constituição da teologia paulina. In: DETTWILER, Andreas. KAESTILI, Jean-Daniel. MARGUERAT, Daniel (orgs). *Paulo, uma teologia em construção*. São Paulo: Loyola, 2011.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br